

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

IEDA MARIA SORGI PINHAZ ELIAS

**A NARRATIVA DE ODETTE DE BARROS MOTT E A FORMAÇÃO DO
SUBSISTEMA JUVENIL NA LITERATURA BRASILEIRA**

MARINGÁ – PR

2015

IEDA MARIA SORGI PINHAZ ELIAS

**A NARRATIVA DE ODETTE DE BARROS MOTT E A FORMAÇÃO DO
SUBSISTEMA JUVENIL NA LITERATURA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alice Áurea Penteado Martha.

MARINGÁ – PR
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Romeu Righetti de Araujo – CRB-9/1676

E42	<p>Elias, Ieda Maria Sorgi Pinhaz A narrativa de Odette de Barros Mott e a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira / Ieda Maria Sorgi Pinhaz Elias. – Maringá, 2015. 216 p. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Alice Áurea Penteado Martha. Referências: 210-215.</p> <p>1. Mott, Odette de Barros, 1913-1998. 2. Bildungsroman. 3. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título</p> <p>CDD (22. ed.) 028.55</p>
-----	--

IEDA MARIA SORGI PINHAZ ELIAS

A NARRATIVA DE ODETT DE BARROS MOTT E A FORMAÇÃO DO SUBSISTEMA JUVENIL NA LITERATURA BRASILEIRA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em **29 de janeiro de 2016.**

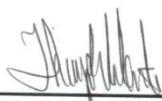
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Alice Aúrea Penteadó Martha
Universidade Estadual de Maringá – UEM/PLE
- Presidente -



Prof^a Dr^a Luzia Aparecida Berloffá Tofalini
Universidade Estadual de Maringá – UEM/PLE



Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP/Cornélio Procópio - PR

Ao meu marido, meu grande amor.

Aos meus filhos, minha maior razão de viver.

Ao meu irmão, sempre muito presente em minha vida.

Aos meus pais, por me criarem com tanto amor, dedicação.

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora Dr.^a Alice Áurea Penteado Martha, pela dedicação, confiança e apoio que me permitiram realizar este trabalho.

Ao professor Thiago Alves Valente, pelo incentivo aos estudos e inúmeras contribuições para minha pesquisa.

À prof^a Luzia Aparecida Berloff Tofalini, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Ao meu marido e filhos, Bruno e Bianca, por suportarem tantas ausências.

Aos meus pais, Ieda e José Pinhaz Filho (in memoriam), que sempre me incentivaram na busca pelo saber.

Ao meu irmão, por toda atenção que sempre tem comigo, o que permite que eu nunca me sinta sozinha.

À minha grande família, tios, tias, primos, primas, sogra, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, por fazerem parte da minha história de vida e deixá-la muito mais prazerosa.

Aos amigos, que sempre se fazem presentes.

À SEED-Paraná, pelo afastamento do exercício da profissão que me foi concedido, contribuindo para ampliar minhas horas de dedicação a esta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, deram alguma contribuição para a realização desta dissertação.

“A felicidade aparece para aqueles que choram. Para aqueles que se machucam. Para aqueles que buscam e tentam sempre. E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam por sua vida. O futuro mais brilhante é baseado num passado intensamente vivido.”

Clarice Lispector.

ELIAS, Ieda Maria Sorgi Pinhas. **A narrativa de Odette de Barros Mott e a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira**. 2015. 216 p. Dissertação (Mestrado em Letras: área de concentração: Estudos Literários). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

RESUMO

O objetivo da presente dissertação é, a partir do levantamento sistemático da fortuna crítica e da catalogação das obras de Odette de Barros Mott (1913-1998), compreender a importância e o modo de sua participação na formação do subsistema literário juvenil brasileiro, abordando, especialmente, aspectos referentes ao romance de formação, o *Bildungsroman*, na narrativa *Justino, o retirante* (1970). A realização deste trabalho justifica-se pela necessidade de investigação da produção literária juvenil produzida no país, ainda muito carente de estudos dessa natureza, além das contribuições ofertadas a professores que se utilizam dos textos da autora, através das obras fichadas. A fundamentação teórica do trabalho respalda-se na Sociologia da leitura, com contribuições de Antonio Candido (1976, 1988), Robert Escarpit (1974), História literária e Teoria literária- Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984,1988), Psicologia e Sociologia da adolescência - Luís Antônio Groppo (2000) Guillermo Obiols (2006), História literária – Edmir Perrotti (1986), no papel da indústria cultural –Pierre Bourdieu (2007), na Teoria da Recepção - Hans Robert Jauss (1994), na teoria literária - Antoine Compagnon (2010), e nos conceitos do romance de formação – *Bildungsroman*, com os estudos de Wilma Patrícia Maas (2000), todos de grande valia para que pudéssemos alcançar nossos objetivos. Os resultados levaram à percepção de que Odette de Barros Mott não só contribuiu para que a produção literária juvenil tivesse representação nacional como foi uma das precursoras do realismo nas obras para jovens, promovendo através de seus textos, discussões de temas tidos como tabus e pouco abordados, principalmente na década de 70.

Palavras-chave: Odette de Barros Mott. Romance de formação –*Bildungsroman*. Subsistema juvenil. Narrativa juvenil.

ELIAS, Ieda Maria Sorgi Pinhas. **A narrativa de Odette de Barros Mott e a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira**. 2015. 216 p. Dissertação (Mestrado em Letras: área de concentração: Estudos Literários). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is, from the systematic collection of critical fortune as well as Odette de Barros Mott (1903-1998) works cataloguing, to understand her importance and participation on the Brazilian juvenile literary subsystem through features concerning the formation novel, *Bildungsroman*, in the narrative: *Justin, the retirante* (1970). The accomplishment of this work is justified by the necessity to investigate the juvenile literary production in Brazil, since it still lacks this kind of study, besides the contributions offered to teachers who use the author's texts. The theoretical foundations of this work is grounded on the reading Sociology, with contributions of Antonio Candido (1976, 1988), Robert Escarpit (1974), Literary History and Literary Theory - Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984, 1988), psychology and sociology of adolescents - Luís Antônio Groppo (2000) Guillermo Obiols (2006), Literary History - Edmir Perrotti (1986), the role of cultural industry - Pierre Bourdieu (2007), Theory of Reception - Hans Robert Jauss (1994), in literary theory - Antoine Compagnon (2010), as well as on the concepts from formation novel – *Bildungsroman*, with the studies of Wilma Patrícia Maas (2000), all of which are outstanding so that we could reach our objectives. The outcomes led to the perception that Odette de Barros Mott not only contributed so that the juvenile literary production had nationwide representation, but was also the forerunner of realism in novels aimed at youth, thus promoting through her texts discussions on taboo subjects, specially in the seventies.

Keywords: Odette de Barros Mott. Formation novel – *Bildungsroman*. Juvenile subsystem, Juvenile narrative.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	012
2	A NARRATIVA JUVENIL E O <i>BILDUNGSROMAN</i>	017
2.1	LITERATURA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	017
2.2	E POR FALAR EM JUVENTUDE	019
2.3	O <i>BILDUNGSROMAN</i>	029
3	ODETTE DE BARROS MOTT: UMA HISTÓRIA PARA SE CONTAR...	032
3.1	NOS PASSOS DA ESCRITORA	032
3.2	FORTUNA CRÍTICA - A CRÍTICA ESPECIALIZADA	039
3.2.1	O silêncio em <i>Literatura infantil Brasileira</i>	040
3.2.2	O verbete sobre a autora no <i>Dicionário Crítico da Literaturainfantil/ Juvenil Brasileira: 1882-1982</i>	040
3.2.3	<i>Literatura infantil: autoritarismo e emancipação</i>	050
3.2.4	O percurso para o meio urbano em <i>Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias</i>	050
3.2.5	Um Brasil para crianças	053
3.2.6	A presença de Odette de Barros Mott em <i>O Caminho das Águas</i>	054
3.2.7	E no séc. XX..., em <i>Literatura Infantil: teoria, análise e didática</i>	054
3.2.8	<i>Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores</i>	055
3.3	REPENSANDO A FORTUNA CRÍTICA DE MOTT	059
4	A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM PAUTA	063
4.1	A GRADE-MODELO E SEUS 15 CAMPOS	063
4.2	AS OBRAS SUBMETIDAS À GRADE	066
4.2.1	<i>As aventuras no país das nuvens</i>	066
4.2.2	<i>A princesinha</i>	067
4.2.3	<i>Aventuras do peixinho vermelho e a gota d'água</i>	068
4.2.4	<i>O filho do bandeirante</i>	070
4.2.5	<i>A casa da colina</i>	072
4.2.6	<i>Uma linda aventura</i>	073
4.2.7	<i>Nha Dita contou</i>	073
4.2.8	<i>O mistério do botão negro</i>	075
4.2.9	<i>Aventuras do escoteiro Bila</i>	078
4.2.10	<i>A montanha partida</i>	080

4.2.11	<i>O mistério do escudo de ouro</i>	082
4.2.12	<i>Justino, o retirante</i>	083
4.2.13	<i>Marco e os índios do Araguaia</i>	085
4.2.14	<i>A rosa dos ventos</i>	088
4.2.15	<i>No roteiro da coragem</i>	090
4.2.16	<i>A tansa-amazônica</i>	092
4.2.17	<i>E agora?</i>	094
4.2.18	<i>A caminho do sul</i>	096
4.2.19	<i>A 8ª série C</i>	098
4.2.20	<i>O clube dos bacanas</i>	100
4.2.21	<i>O mistério da boneca</i>	102
4.2.22	<i>O segredo de Lenita</i>	104
4.2.23	<i>Os dois lados da moeda</i>	106
4.2.24	<i>A estória dos dois peruzinhos</i>	108
4.2.25	<i>O caso da ilha</i>	110
4.2.26	<i>Pedro pedreiro</i>	113
4.2.27	<i>Mistério? Misterioso amor</i>	115
4.2.28	<i>As empregadas</i>	117
4.2.29	<i>Vinda com a neve</i>	119
4.2.30	<i>Esta terra é nossa</i>	121
4.2.31	<i>O filme na barriga do panda</i>	123
4.2.32	<i>O Muiraquitã</i>	125
4.2.33	<i>Os vaga-lumes</i>	127
4.2.34	<i>O primeiro sorriso de Jesus</i>	128
4.2.35	<i>Marzão</i>	129
4.2.36	<i>Caminhos</i>	131
4.2.37	<i>Atrás do pirata papa tudo</i>	134
4.2.38	<i>Sob a cruz das estrelas</i>	135
4.2.39	<i>O dia mais lindo</i>	137
4.2.40	<i>A revolta dos números</i>	138
4.2.41	<i>Nosso Clube</i>	140
4.2.42	<i>História de D. Ratão e Dona Baratinha</i>	141
4.2.43	<i>Os coelhinhos detetives</i>	142
4.2.44	<i>O casal João-de-Barro</i>	144

4.2.45	<i>Dona Tartaruga</i>	144
4.2.46	<i>De onde eu vim?</i>	145
4.2.47	<i>No beco do sabão</i>	146
4.2.48	<i>Agora, quem conta os patinhos</i>	148
4.2.49	<i>O instituto de beleza</i>	149
4.2.50	<i>Férias do orfanato</i>	151
4.2.51	<i>Nas margens do Araguaia</i>	153
4.2.52	<i>A terceira gaveta</i>	154
4.2.53	<i>Aconteceu ontem</i>	156
4.2.54	<i>Por que raptaram Soraya?</i>	158
4.2.55	<i>Seu Léo e o pintadinho</i>	160
4.2.56	<i>Ainda temos o amanhã</i>	161
4.2.57	<i>Como o carijó aprendeu a cantar</i>	162
4.2.58	<i>A história contou</i>	163
4.2.59	<i>Minha vó tem um leão</i>	165
4.2.60	<i>A bruxinha sem nome & o cuco do relógio</i>	165
4.2.61	<i>O chamado do meu povo</i>	167
4.2.62	<i>Poemas para crianças</i>	169
4.2.63	<i>Decisão de amor</i>	170
4.2.64	<i>O menino e o papagaio bandeira</i>	171
4.2.65	<i>Uma história de medo</i>	172
4.2.66	<i>O mercador de sonhos</i>	174
4.2.67	<i>O roubo dos peixinhos</i>	176
4.2.68	<i>Trama covarde</i>	177
4.2.69	<i>Eu e minha família</i>	178
4.2.70	<i>Minha vida de criança</i>	180
4.2.71	<i>Caminhos e caminhantes</i>	181
4.2.72	<i>Amanhã na praia</i>	184
4.2.73	<i>O melhor mesmo é ser Leonesa</i>	185
4.2.74	<i>A travessia</i>	186
4.3	REPENSANDO AS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS A PARTIR DE 1982.....	188
4.3.1	Religiosidade: uma tendência nas obras da autora	199
4.4	SOB A LENTE DO <i>BILDUNGSROMAN</i>	200

4.4.1	Os anos dourados de <i>Justino, o retirante</i>	200
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
	REFERÊNCIAS	210

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para podermos contextualizar o período de produção literária da escritora Odette de Barros Mott (1913-1998), faz-se necessário destacarmos alguns pontos importantes no panorama histórico da literatura destinada ao público juvenil brasileiro.

A literatura infanto juvenil brasileira apresenta suas primeiras nuances no século XIX, mas é no século XX que se efetiva. Sua ascensão destaca-se pela consolidação da família burguesa, que promove novo *status* à infância e desencadeia a reorganização da escola. Diante de tal contexto, o texto literário infantojuvenil ficou subordinado aos ensinamentos, vinculado à ação pedagógica, servindo aos valores morais, desmerecido quanto à função artística e configurando-se como um produto para ser utilizado nas escolas como meio de favorecimento da educação. Esse paradigma foi rompido em 1920 com a obra *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, em que a linguagem rebuscada é substituída pelo coloquialismo, além de inovações quanto a personagens, cenários, histórias que se aproximavam da realidade nacional, proporcionando a identificação do leitor, que se via ali representado. Lobato encerra a produção das aventuras do sítio de Dona Benta em 1944. Entre 1920 a 1945, a literatura para crianças alavanca no Brasil, com aumento de produção, edição, despertando o interesse nas editoras (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p.85).

Em 1942, em uma palestra proferida a membros da Academia Brasileira de Letras, Lourenço Filho afirmou que do enorme volume de obras apresentadas naquele ano ao público infantil (605 títulos), apenas 171 eram obras originais de autores brasileiros e, dessas, metade era de “mediocre qualidade” e mais de 400 títulos eram de traduções ou adaptações europeias (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p.46). Mesmo que a qualidade da produção literária brasileira fosse questionável e o volume de obras traduzidas maioria, a enorme oferta de títulos aponta para o fortalecimento da indústria do livro em nosso país, fato que incentivou a profissionalização de escritor para o público jovem.

Em 1949, Odette de Barros Mott lançou seu primeiro livro. Com filhos ainda pequenos, produzia textos que agradariam sua prole, uma vez que as histórias escritas eram contadas por ela, aos filhos.

Embora houvesse a constatação do crescimento do volume de publicações, depois de Lobato e alguns poucos outros que se destacaram no cenário brasileiro, foi somente na década de 1970 que a literatura juvenil atingiu um momento de destaque para a questão artística. Foi nesse período que os livros passaram a abordar temas que se aproximavam da realidade dos

jovens, ousando inclusive em assuntos polêmicos ou tidos como tabus, como questões sociais, drogas, preconceito racial, entre outros.

Mesmo produzindo desde o final da década de 40, foi em 1964, com *As aventuras do escoteiro Bila*, que Odette de Barros Mott despontou na literatura juvenil. No primeiro ano da década de 70, lançou o livro que se tornou seu *bestseller*, *Justino, o retirante*. Depois do sucesso dessas obras, muitas outras as sucederam, e só na década de 70, a escritora ofertou ao público jovem 15 títulos. Sua produção se encerrou em 1995, quase meio século após seu primeiro lançamento, quando já apresentava fragilidades de saúde, não sendo mais possível continuar seu ofício.

Propusemo-nos a ler o conjunto de obras da autora, que ainda se encontra no mercado, para que seja possível compreender o papel de sua produção no cenário literário brasileiro. Depois dessa averiguação, centramos nossos estudos na obra *Justino, o retirante* (1970), publicada na década de grande destaque na carreira da escritora. A seleção do texto deveu-se ao fato de encontrarmos no protagonista, sujeito que evolui, aprende, desenvolve-se no decorrer da narrativa, o que contribui para a resolução dos conflitos internos do personagem. Além dos ideais morais também presentes na obra, o personagem estudado apresenta amadurecimento como ser humano, permitindo-nos relacionar o texto ao romance de formação, *Bildungsroman*.

Nosso contato com as obras de Odette de Barros Mott deu-se enquanto estudante da Educação Básica. Nos três primeiros anos da década de 1980, o nordeste brasileiro, em especial o Ceará, foi acometido pela seca, e a escola em que estudávamos, mobilizou-se para conscientizar os alunos sobre os problemas da seca, promovendo uma série de ações como teatros, leitura de obras literárias e concurso de redação sobre Juazeiro do Norte – CE, cidade muito afetada pela estiagem e que o município em que residíamos se prontificou a enviar ajuda. Foi então que, *Justino, o retirante* (1970) passou a circular entre os alunos. Apesar de a Série Vaga-Lume, da editora Ática, ser a maior referência de leitura daquela época para nós, livros de Odette Mott também marcaram nossa vida de leitora juvenil.

Depois de anos, com a graduação de Letras já concluída, voltamos ao ambiente escolar do outro lado da sala de aula, agora como docente da Educação Básica. Foi então que percebemos que algumas obras da autora continuavam circulando entre os alunos, inclusive com edições recentes e até mesmo inseridas na lista do PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, de 2006, e novamente em 2013. O fato despertou nossa curiosidade, pois durante este lapso de tempo da adolescência ao momento de profissional, a literatura juvenil brasileira desenvolveu-se, amadureceu, e o volume de autores e obras para o público

jovem tornou-se expressivo. Então, o que justificaria a permanência das obras da escritora entre os jovens depois de mais de 40 anos de seus lançamentos? Lendo as considerações de Ceccantini em sua tese, convencemo-nos de que as obras da autora mereciam ser investigadas:

[...] num país em que sequer a produção contemporânea da ‘outra literatura’ consegue ser razoavelmente assimilada e deglutida pelo meio acadêmico, o que tem sido feito em termos de pesquisa voltada para os enormes números, dígitos e cifras que envolvem o universo da literatura infanto-juvenil contemporânea deixa ainda muito a desejar. Faltam: obras de referência de toda sorte – bibliografias, dicionários, antologias, entre outros; (CECCANTINI, 2000, p. 20).

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se primeiramente pela necessidade de estudos sobre a produção literária juvenil brasileira de Odette de Barros Mott, pouco apurada até o momento. A autora manteve, pela literatura, ligação estreita com jovens, especialmente nas décadas de 70 e 80, tendo como comprovação de seu sucesso entre os adolescentes, a marca, em 1982, de um milhão de exemplares vendidos, amplamente lidos no meio escolar. Além disso, através da catalogação das obras, a pesquisa contribui ainda como material de apoio a professores que utilizam os textos da autora estudada.

O objetivo geral deste trabalho é fazer um levantamento da produção literária da autora, bem como de sua fortuna crítica, para verificarmos sua contribuição na formação do subsistema literário juvenil brasileiro. Para alcançarmos este objetivo, realizamos uma busca minuciosa na crítica literária juvenil e então organizamos e analisamos todo o material encontrado. Buscamos, ainda, conceitos sobre o momento de transição entre a fase da adolescência e juventude para a vida adulta, período referente aos leitores preferenciais das narrativas estudadas. Destacamos como objetivos específicos a leitura de toda a produção literária da autora, para melhor compreendermos seu papel na formação do campo literário juvenil brasileiro, além da análise de *Justino, o retirante* (1970), apontando traços da obra analisada com o romance de formação - *Bildungsroman*.

Para a realização da pesquisa, usamos a metodologia de caráter bibliográfico. Visando alcançarmos os objetivos pretendidos, uma série de etapas foi realizada. Após decidirmos sobre o tema, realizamos o levantamento bibliográfico, buscamos informações no arquivo da autora que se encontra no IEB/USP, produzimos fichamentos de suas obras - segundo a grade PROCAD - Programa Nacional de Cooperação Acadêmica que consta no Projeto *Interstícios: Literatura juvenil e formação do leitor – a arte e indústria cultural*, coordenado pela

professora Vera Teixeira de Aguiar, da Pontifícia Universidade Católica, de Porto Alegre, (Disponível em: www.pucrs.br/fale/procad/intersticios), delimitamos um plano provisório para a investigação do assunto, realizamos leituras de textos para formar nossa base teórica e buscamos informações sobre a fortuna crítica da autora.

A decisão pelo estudo de obras de Odette de Barros Mott se deu quando percebemos que livros da autora, publicados há várias décadas, ainda circulam nas bibliotecas escolares, inclusive com novas edições. Tal situação foi motivadora para buscarmos compreender a importâncias dos textos de Odette de Barros Mott na consolidação da literatura juvenil brasileira.

A partir de então a pesquisa seguiu o seguinte curso:

- Sistematização acerca de conceitos sobre literatura por diferentes autores, bem como estudos voltados à compreensão da juventude e suas transformações nas sociedades;
- Leitura de todas as obras da autora que ainda se encontram no mercado, mesmo aquelas com edições antigas;
- Estudo de textos teóricos sobre Sociologia da Leitura, Teoria literária, psicologia e sociologia dos adolescentes e História literária;
- Levantamento sobre o percurso da narrativa juvenil brasileira, ao longo de sua história;
- Estudo sobre o *Bildungsroman*;
- Produção do texto dissertativo, considerando os estudos realizados durante o período de dois anos, destinados para a elaboração deste trabalho.

Percebemos que os estudos teóricos e críticos realizados principalmente na segunda metade do século XX contribuíram para que a literatura juvenil caminhasse rumo ao amadurecimento, perdendo o estigma de literatura menor em relação à adulta, permitindo-nos conhecer melhor o panorama da Literatura Brasileira, do qual a Literatura Juvenil faz parte. No entanto, muito do que foi produzido para os jovens no século citado, está à mercê de pesquisa e interpretação, para que possamos melhor compreender o percurso realizado pela literatura em solo brasileiro.

Atualmente temos em nosso país, pesquisadores do gênero infanto juvenil em várias instituições de Ensino Superior, dedicando seus estudos a esse segmento. Nelly Novaes Coelho, que apesar de livre docente e oficialmente ‘inativa’ devido à aposentadoria compulsória, continua contribuindo com os estudos de literatura infantojuvenil, tendo sido ao longo de sua história, pesquisadora e crítica literária, responsável por criar na Universidade de

São Paulo, em 1980, na área de Letras, a disciplina de literatura infantil. Regina Zilberman é ex-professora PUC-RS, hoje uma das maiores especialistas em literatura infanto-juvenil. Na PUC-RS, a professora Vera Teixeira de Aguiar orientou pesquisas por muitos anos, além de ser autora de várias obras de destaque para os estudos leitura e literatura para crianças e jovens, sendo referência no assunto. A professora Marisa Lajolo desenvolve trabalhos na área através da Universidade Mackenzie e pela Universidade Estadual de Campinas. Na Universidade de Maringá, destacamos os trabalhos realizados pela professora Alice Áurea Penteado Martha, orientadora desta pesquisa e que além de conduzir trabalhos de mestrado, doutorado e pós doutorado, também ministra, na pós graduação, a disciplina Literatura Juvenil: Arte e Indústria Cultural. Na UNESP de Assis, encontramos os trabalhos de João Luís Tápeas Ceccantini que, através dos seus estudos de mestrado e doutorado, elaborou material que contribui para as pesquisas de literatura infantojuvenil e que não cessou sua investigação, sendo atualmente referência nesse segmento literário. Os pesquisadores citados também fomentam as discussões na área através de palestras, colóquios, encontros e congressos realizados todos os anos em diversas universidades brasileiras, contando com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Em relação aos estudos referentes à escritora Odette de Barros Mott, destacamos o trabalho de Elizeu Marcelino da Silva, orientado pelo professor João Luís Tápeas Ceccantini, intitulado *A ficção de Mott e de Bojunga: leituras de professores e alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental* (2004), que verifica a recepção das obras *De onde eu vim?* (1985), de Odette de Barros Mott e *O bife e a pipoca*, de Lygia Bojunga Nunes. O acervo da escritora, que se encontra IEB/USP, está sendo explorado por Raquel Afonso da Silva com a pesquisa de pós-doutorado, *Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da 'Série correspondência de Odette de Barros Mott'*, no qual propõe a catalogação e a organização do acervo da autora, recentemente doado pela família da escritora, à Universidade de São Paulo. Nosso estudo visa a compreender a importância e o modo da participação da escritora na formação do subsistema literário juvenil brasileiro. Para tanto, realizamos um levantamento da fortuna crítica da autora, além de catalogar as obras produzidas ela.

Esperamos por fim, que o resultado deste trabalho alargue a visibilidade da produção literária da escritora, ampliando a dimensão de sua fortuna crítica, além de contribuir como material de apoio para professores que atuam no ensino fundamental, espaço preferencial para a circulação das obras da escritora, através do fichamento das obras, que contemplam informações como resumo, tema, foco narrativo, linguagem, dentre outros.

2 A NARRATIVA JUVENIL E O *BILDUNGSROMAN*

Neste capítulo tecemos breves considerações sobre o papel da literatura e, a seguir, apresentamos conceitos sobre a juventude e o percurso da literatura para jovens no Brasil. Finalizando essa parte do trabalho, fazemos um conciso comentário sobre o *Bildungsromane* e sua constituição como gênero literário.

2.1 LITERATURA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O termo *literatura* começou a ser usado no início do séc. XIX, portanto, recentemente. Em muitos idiomas ainda não há vocábulo que seja equivalente a essa arte.

Sabemos o quanto é abrangente traçar um conceito sobre literatura e sua função. Em um sentido mais amplo, poderíamos dizer que tudo que é escrito é literatura, considerando a noção clássica de “belas-letas”, que entendia que a produção da poética e da retórica, poderia ser considerada literatura. Um ponto soa em voz uníssona quando se fala em literatura: a do texto literário ser seu objeto.

Devido à ausência de consenso na definição do termo, procuramos destacar algumas contribuições fornecidas por estudiosos acerca deste assunto. Robert Escarpit¹, no texto *Loliterario y lo social*, comenta que a palavra literatura tem uma variedade de usos e pode ser compreendida em vários sentidos, mas não abandona a ideia de que, para ser literatura, é preciso ser arte. Afirma também que quando se fala em literatura, fala-se em sistema de valores, submetido a juízo subjetivo impressionista ou pela razão exterior à literatura, dissolvendo as fronteiras do literário e não literário, comprometendo assim o que se pretende estudar. Reafirma que se literatura é arte, é uma arte impura, devido à ambiguidade de seu modo de expressão. Diferente das outras artes, a literatura produz uma escritura, com uma determinada disposição de letras, fonemas, palavras, frases, podendo apresentar várias significações. Assim, o significado advém do valor simbólico produzido pela escritura. Coloca que “a expressão da literatura adota simultaneamente uma infinidade de meios de combinações que variam com cada escritor, com cada obra e, [...] com cada ato de leitura” (ESCARPIT, 1974, p. 14). Para ele:

¹ (In: ESCARPIT. *Hacia una sociologia delhecho literário*. Madrid: Edicusa, 1974, p. 11 - 43).

A literatura não só coloca em funcionamento diversas ordens de significações levando a diversas ordens de significados, mas, para além, em que a combinação desses elementos díspares, comporta uma supersignificação, que é outra de suas características específicas (ESCARPIT, 1974, p. 17 – tradução nossa)².

Candido (1995)³ aponta que a literatura é uma necessidade básica do ser humano, pois este necessita cotidianamente do universo de ficção, sendo fator indispensável para a humanização. Para ele, assim como o sonho equilibra o psíquico durante o sono, a literatura equilibra o social. Segundo o autor “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1995, p. 176). De maneira ampla considera como literatura

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos (CANDIDO, 1995, p. 178).

Campagnon (2010) afirma que é “necessário definir literatura para definir o estudo literário”, mas ao mesmo tempo indaga se “qualquer definição de literatura não se torna o enunciado de uma norma extraliterária” (CAMPAGNON, 2010, p. 29), apresentando assim, mais um ponto para reflexão. Afirma ainda que:

Nas livrarias britânicas encontra-se, de um lado, a estante *Literatura* e, do outro, a estante *Ficção*; de um lado, livros para a escola e, de outro, livros para o lazer, como se a *Literatura* fosse a ficção entediante, e a *Ficção*, a literatura divertida. Seria possível ultrapassar essa classificação comercial e prática? (CAMPAGNON, 2010, p.30).

Por este excerto, ampliamos a dimensão da falta de equidade quanto ao significado do termo literatura.

Para Campagnon, o conceito de literatura varia de acordo com a época e a cultura. Aristóteles entendia que a arte concentrava-se nos gêneros *épico* e *dramático*, deixando de lado o *lírico*, por este não ser fictício nem representativo e apresentar-se em primeira pessoa,

²“La literatura no solamente pone em funcionamiento diversos órdenes de significaciones que llevan a diversos órdenes de significados, sino que, mas alla y por elhechomismo de la combinación de estos elementos dispares, comporta una supersignificación, por encima del lenguaje, que es otro de sus caracteres específicos” (ESCARPIT, 1974, p. 17).

³ CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. 1.a ed. 1972.

considerado por isso, como gênero menor (CAMPAGNON, 2010). No conceito moderno, entendemos como literatura os gêneros épico, lírico, dramático e suas ramificações ocasionadas ao longo do desenvolvimento das sociedades. A literatura ainda pode ser vista como tudo que é ou foi produzido por escritores renomados. Neste sentido, acentua-se a lacuna entre literatura culta e literatura popular. Campagnon faz o seguinte balanço sobre o percurso da literatura considerando a partir do século XIX:

Após o estreitamento que sofreu no século XIX, a literatura reconquistou desse modo, no século XX, uma parte dos territórios perdidos: ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados, e assim por diante. Sob a etiqueta de *paraliteratura*, os livros para crianças, o romance policial, a história em quadrinhos foram assimilados. Às vésperas do século XXI, a literatura é novamente quase tão liberal quanto as belas-letas antes da profissionalização da sociedade (CAMPAGNON, 2010, p. 34).

Assim, mesmo não sendo possível delimitar precisamente o conceito de literatura, as considerações apresentadas acima promovem nossa reflexão sobre o assunto, permitindo a compreensão do termo.

2.2 E POR FALAR EM JUVENTUDE

Para iniciarmos as reflexões sobre a juventude e aspectos que a ela se relacionam, procuramos, a princípio, compreender o conceito de adolescência. Iniciamos pela definição do verbete que, de acordo com o *Dicionário Unesp do português contemporâneo*, é o “Período da vida entre a infância e a idade adulta” (BORBA, 2011, p. 816), vista como uma invenção recente da nossa sociedade. Assim, o leitor preferencial da narrativa juvenil se encontra em uma fase intermediária, etapa que antecede a maturidade. Sabemos hoje que esse período é de suma importância para a construção do ser humano, no entanto, as reflexões acerca dessa etapa da vida do indivíduo passaram a inquietar estudiosos por volta do século XVIII, mas foi somente no século XIX que conceitos sobre a juventude começaram a se firmar.

Pensando em melhor compreender a juventude, fase em que se encontram os interlocutores preferenciais das narrativas que compõem o *corpus* deste trabalho, vimos na obra *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas* (DIFEL, 2000), de Luís Antonio Groppo, concepções que amparam nosso trabalho. Segundo o autor, a juventude pode ser definida como uma categoria social, sendo mais que a representação em faixa etária, e também não representando um grupo uniforme. Afirma que é uma criação

simbólica, utilizada pelos grupos sociais ou mesmo pelos jovens, e não se relaciona apenas a critérios etários, configurando-se como representações simbólicas que influenciam na sociedade. Groppo lembra também que os estudos da sociologia da juventude não apresentam contribuições significativas na definição e conceituação de juventude, sendo os critérios etário e sociocultural, os que mais auxiliam em sua definição.

Obiols (2006) afirma que nas sociedades primitivas a transição entre a infância e a vida adulta praticamente não existe, sendo que o fim daquela é a iniciação desta, e ainda aponta a forma que essa transição se dá na sociedade moderna e que este processo é diferente quando relacionado a classes sociais.

O estudo das sociedades primitivas tal como foi desenvolvido entre outros autores por Margaret Mead, e a tentativa de transpor seus resultados para a sociedade ocidental desenvolvida, teve nos anos 60 muita influência no campo psicológico e mais tarde foi duramente criticado. Para essas sociedades a adolescência é um momento representado por um ritual de passagem de um estágio da vida para outro em que há acesso à sexualidade ativa, e se adquire responsabilidade e poder dentro da tribo. Em casos em que há um ritual, a adolescência quase não existe, é apenas um momento de passagem e o marco importante é a puberdade, que marca o fim da infância e o início idade adulta. Ritos equivalentes foram propostos para a iniciação nas sociedades desenvolvidas. Momento de usar calças compridas, começar a fumar e visitar um bordel foram marcos na passagem para a idade adulta em homens, enquanto que a permissão para pintar o rosto, vestir meias de seda ou nylon e ter um namorado marcaram esta passagem para a mulher. No entanto, nas classes média e alta da população urbana, a adolescência foi um processo que levou um tempo mais ou menos prolongado, nunca reduzido a um ritual (OBIOLS, 2006, p. 5; tradução nossa).⁴

Colocações de Groppo dialogam com os apontamentos de Obiols além de apresentarem outras considerações para a sociedade moderna. Groppo faz uma analogia entre as sociedades moderna e a tribal “primitiva” e afirma que, para esta, “a passagem de uma categoria social para outra é uma morte simbólica da antiga categoria de pessoa para a nova, através de rituais de passagem” (GROPPO, 2000, p. 273), buscando por uma “identidade

⁴ El estudio de las sociedades primitivas tal como fuera desarrollado entre otros autores por Margaret Mead, y los intentos de traspolación de sus resultados a La sociedad occidental desarrollada, tuvo em los años ‘60 mucha influencia enel campo psicológico y ha sido luego duramente criticado. Para estas sociedades la adolescencia es un momento representado por un ritual de paso de una etapa de la vida a otra en la cual se accede a la sexualidad activa, se adquieren responsabilidades y poder dentro de la tribu. En los casos en los que hay un ritual, la adolescencia casi no existe, es sólo un momento de pasaje y las etapas importantes son La pubertad, que marca el fin de La infancia, y la etapa adulta posterior. Se han propuesto equivalentes de los ritos de iniciación em las sociedades desarrolladas. En una época el usar pantalones largos, comenzar a fumar y visitar un prostíbulo eran hitos en el pasaje hacia la edad adulta en el varón, mientras que el permiso para pintarse la cara, usar medias de seda o nylon y tener novio lo marcaban en la mujer. De todos modos, en sectores de población medios y altos urbanos, la adolescencia era un proceso que duraba un tiempo más o menos prolongado, nunca se reducía a un ritual (OBIOLS, 2006, p. 5).

tribal” e não pela construção de um indivíduo autônomo. Segundo a concepção moderna, o sujeito se compõe através de uma continuidade de sua evolução, adquirindo com o passar do tempo, racionalidade e autonomia. Nesta perspectiva, a construção do sujeito na sociedade tribal e moderna é destoante.

Ainda hoje, em sociedades que buscam manter certas tradições de seu povo, encontramos peculiaridades quanto à transposição dessa fase do indivíduo. No entanto, com os avanços nos meios de comunicação, as discrepâncias entre as representações da juventude passaram a ser menos acentuadas.

Gropo faz mais considerações sobre o assunto:

Originada da cultura e da sociedade ocidental, capitalista, burguesa, liberal, etc. do século XIX, a nossa concepção de juventude ainda é marcada por caracteres definidores e legitimadores científicos, baseados em uma noção evolucionista do ser humano e das coisas. Ou seja, uma concepção em que o ser humano é pensado como um indivíduo que, biológica, mental e socialmente, evolui da fase infantil à fase adulta, sendo a juventude uma fase intermediária. A juventude, fase intermediária e de evolução da criança ao indivíduo adulto, é muitas vezes chamada de puberdade ou adolescência e, às vezes, há a combinação desses nomes. Na verdade, foram as ciências médicas e a psicologia, manipulando esses conceitos, que primeiro legitimaram cientificamente a concepção dessa fase que cria o indivíduo adulto (GROPPO, 2000, p. 271).

Gropo afirma ainda que as definições de juventude baseiam-se nos critérios etário (que considera as faixas de idade) e sociocultural, e que estes não se harmonizam (GROPPO, 2000, p.9). Para ele, o início dessa fase coincide com a puberdade, enquanto seu término depende de mudanças sociais, culturais, ponto de vista, critérios, entre outros. Assim, o conceito do que é ser jovem vai sendo reinterpretado com o passar do tempo. De acordo com o pesquisador, para a “psicologia moderna, a idade juvenil ou “adolescência” é uma fase de preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase da definição de uma identidade e de uma individualidade” (GROPPO, 2000, p. 60-61). De acordo com suas considerações a pedagogia incorpora, para a fase juvenil, questões relacionadas à profissionalização por entender a juventude como fase final do ensino. Para a sociologia, a juventude representa o “período de socialização secundária”, assim, instituições como a escola completariam a socialização iniciada pela família, instituição primária. Afirma ainda que “a adolescência é uma fase crucial da definição da individualidade e da identidade” (GROPPO, 2000, p. 6).

Buscando destacar alguns aspectos importantes para compreender o percurso da adolescência no contexto brasileiro e sua relação com o texto literário, apresentamos alguns acontecimentos que de alguma forma se relacionam com o jovem e a literatura pensada para

ele em nosso país. A década de 1920 foi um momento importante para a cultura do país, pois eclodiu o movimento modernista, oficializado em 1922, em São Paulo, com o evento da Semana de Arte Moderna. Nessa época, grupos de jovens ganham visibilidade através de uma postura vista como ousada para a época, e até mesmo inaceitável, especialmente às moças.

Em 1937, inaugurou-se o Instituto Nacional do Livro, “órgão destinado a estimular políticas editoriais e serviços bibliotecários” (PERROTTI, 1990, p.50). As poucas ações desse órgão não impactaram nos índices de leitura, não havendo registro significativo que contribuísse para a formação de leitores jovens. Ferreira (2009) apresenta algumas ações das principais editoras no Brasil daquele momento:

Para o público adolescente, a Editora Nacional apresenta, em 1931, a *Coleção Terramarear*, composta por romancistas como R. L. Stevenson, Rudyard Kipling e Jack London, entre outros. Destacam-se como tradutores dessa editora, entre outros: Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. As editoras Melhoramentos, Vecchi e Globo traduzem, também, com Alfredo Ferreira, Antonieta do Amaral, Homero de Castro Jobim, entre outros, obras de Mark Twain, Atilio Gatti, Ellery Queen, W. E. Johns, Olivier Gloux (FERREIRA, 2009, p. 94).

Constatamos, assim, que além da ineficiência do Estado na promoção da leitura entre os jovens, o volume de obras que as editoras tinham para oferecer eram, na sua grande maioria, textos traduzidos, que não representavam o jovem ou o adolescente brasileiro, dificultando a sua identificação com as obras que lia.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil se alia aos Estados Unidos estreitando as relações entre os dois países. É nesse período que o capitalismo norte-americano propaga-se no mercado de produtos brasileiros industrializados bem como nos bens culturais, através dos novos veículos de comunicação de massa. Diante desse contexto, a adolescência, como representação social, mostrava-se como um bom nicho para o mercado capitalista. No entanto, para a expansão do mercado livreiro no nosso país, o obstáculo representado pelo alto nível de analfabetismo precisava ser transposto, pois na década de 40, mais da metade da população do Brasil ainda era de analfabetos. Com este índice, tornava-se inviável o comércio de livros para firmar uma cultura de mercado nesse setor, para jovens. Contudo, a escola abria uma significativa demanda para livros infantojuvenis. O Estado, já comprador de destaque no setor naquele momento, adquiria as obras e as encaminhava para os estabelecimentos de ensino. Nessa década, dentre outros autores, destacamos Maria José Dupré (1898-1984), que lançou textos que fizeram sucesso com o público jovem, como *A mina de ouro* (1940) e *A ilha perdida* (1964). Esta, a princípio, publicada pela editora

Brasiliense e posteriormente através da série Vaga-lume Junior - editora Ática, foi lida durante décadas e permanece até hoje nas escolas do país.

Em 1950 muitos escritores seguiram a trilha de produção literária em série, primando mais uma vez pela quantidade do que pela qualidade dos textos. Outra característica dessa época são histórias tendo por cenário o meio rural ou floresta. Segundo Coelho, é nessa década que se instala a “crise da leitura” (COELHO, 1991, p.249), tanto no segmento jovem quanto no infantil e no adulto. Na política, a juventude se depara com o suicídio de Getúlio Vargas (1954) e assiste à posse de Juscelino Kubitschek, eleito em 1955, propondo mudanças e modernização para o país. Os filmes de Hollywood ditavam moda no mundo, e os ídolos do cinema e da música eram modelos, seguidos dos muitos jovens, que rompiam com os padrões ditados pela sociedade.

Gropo destaca que a partir dos anos 50, a música popular foi destaque como uma das principais marcas da relação juventude-lazer. Para o autor, a juventude de 50 se destacava na criação do lazer moderno, incorporando tanto a cultura de massa quanto de cultura de mercado, sendo parte da sociedade de consumo. De acordo com Gropo

Esses grupos (juvenis informais), na verdade, mais ‘autônomos’ ou espontâneos, só se tornaram possíveis graças à capacidade de assimilação mais rápida, pelas camadas novas da sociedade moderna, dos valores da ‘cultura de massa’ e da indústria cultural também surgidas neste início do século XX. Desde pelo menos os anos 10, com as revistas em quadrinhos, públicos especificamente infantis e juvenis – mercados definidos etariamente – surgiram dentro da indústria cultural (GROPPO, 2000, p. 54).

Ainda segundo o autor, foi nos anos 50 que os jovens “tornaram-se o foco central da ‘cultura de massa’” (GROPPO, 2000, p. 54).

Na década de 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek, Brasília é inaugurada, e o Brasil é contagiado por uma euforia desenvolvimentista. Destacamos também acontecimentos importantes para a emancipação da mulher, como a descoberta da pílula anticoncepcional. Havia no país duas vertentes de juventude: uma vinculada aos padrões tradicionais e outra identificada com os ideais de liberdade – “mocidade hippie”, que se opunha à sociedade de consumo vigente.

A televisão, inaugurada no Brasil nos anos 50, assume na década 60, o papel principal de meio de entretenimento, cabendo à literatura papel secundário. No campo da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 4.024, de 20 de novembro de 1961) acenava para a democratização do ensino. No entanto, as questões políticas e econômicas não

contribuíram para a concretização desta perspectiva. Com a lei, a literatura passa a ser utilizada como apoio para atividades pedagógicas, a serviço do utilitarismo, servindo como meio principal para ampliação vocabular. Com este cenário, enquanto outras atividades artísticas como a música, dança, teatro, se envolviam no momento político do país, a literatura para jovens não atraía novos escritores, mantendo-se como meio para a manutenção da ideologia imposta pelo dominante. Nesse contexto, a literatura em quadrinhos passou a figurar como porta voz da cultura de massa, um produto cultural que passou a ser uma mercadoria consumida socialmente.

Em relação ao mercado livreiro, através de medidas políticas como a isenção de taxas para a importação de papel, o governo incentivou a renovação do parque gráfico, desencadeando modernização no setor, refletindo inclusive na diagramação dos livros e na divulgação da leitura em diferentes veículos de venda. A oferta não garantia o consumo e assim, mesmo com um panorama favorável para a leitura entre os jovens, os índices continuavam baixos. Até o final dos anos 60, a literatura produzida para jovens no Brasil, pautava-se na “tradição moralizante e pedagogizante herdada do século XVIII europeu”, (PERROTTI, 1990, p.14).

Na década 60, começam a proliferar instituições vinculadas ao fomento da leitura, estendendo-se pela década seguinte. Lajolo e Zilberman (1984, p. 123), destacam algumas instituições desse período como “Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973)”. Ressaltamos ainda que a sociedade da época já trazia arraigados os reflexos do capitalismo e a imagem de felicidade e poder vinculavam-se ao consumo.

É também no início dos anos 60 que acontece a alternância de poder no país. Após a euforia da modernização, delineava-se no Brasil um clima de contraste. De um lado: o regime democrático, garantido pelo governo antecessor; o desenvolvimento industrial; os longos debates da Lei de diretrizes e Bases; a ampliação do ensino público e particular, que buscavam atender à demanda gerada pela migração de pessoas do campo para a cidade; de outro: os reflexos gerados pela modernização desigual. Brasília, a nova capital inaugurada no centro do país, símbolo de modernização, contrastava-se com o abandono e atraso do nordeste. O livro de Roger Bastide, *Brasil, terra de contraste*, lançado em 1955, já denunciava o contraste social visível no país, que “apresentava-se como resíduo dos diferentes ciclos econômicos do passado, cuja decadência deixava como legado a estagnação e o abandono” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p.90). De acordo com Perrotti, é nos fins dos anos 60 e início dos 70, que se intensificam as

Campanhas de distribuição de livros, congressos, seminários internacionais, regionais ou locais, publicações especializadas, feiras de livros, cursos de formação, criação de entidades, associações, enfim, um conjunto de ações em constante crescimento, com o objetivo de aproximar crianças e jovens do livro e da leitura [...] (PERROTTI, 1990, p.13).

Sabemos que a preocupação com a propagação da leitura infantojuvenil é fato no Brasil, desde o século XIX, mas as iniciativas não repercutiram substancialmente. A leitura para jovens era natural apenas entre as elites, que dispunham de meios de acesso à escola e à cultura, enquanto aqueles que se encontravam à margem da sociedade privilegiada economicamente padeciam devido à falta de infraestrutura educacional e cultural. Groppo (2000, p. 16), lembra que “a juventude – e, antes, a infância – foram vividas primeiro pelas classes burguesas e aristocratas, para depois tornar-se um direito das classes trabalhadoras”. A juventude do século XX, conhecida pelo slogan “rebelde-sem-cause”, nasceu da imagem formada das “novas classes médias”. O pesquisador ressalta ainda “a atuação das juventudes e seus movimentos na Revolução Cultural”,

Em 1979, foi fundada em São Paulo, a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. O baixo índice de leitura da época preocupava as autoridades educacionais e o Estado inicia, pelo Instituto Nacional do Livro (fundado em 1937), a coeditar obras infantis e juvenis tendo como foco a população mais distante do mundo letrado. As obras eram acompanhadas “de instruções e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionário, roteiros de compreensão de textos [...] também se tornam comuns visitas de autores às escolas” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 124). Ações como as apresentadas contribuíram para o desenvolvimento de um comércio especializado e conseqüentemente na abertura de livrarias destinadas ao público não adulto. Dessa forma, no final da década de 70 o volume de obras produzidas apresentava um número expressivo. O mercado promissor do momento trouxe autores consagrados para a produção literária do público jovem, como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector. O comércio livreiro aquecido serviu de incentivo para que alguns escritores lançassem vários livros por ano, em ritmo de produção industrial, primando em atender a demanda e muitas vezes comprometendo a qualidade das obras.

Nas décadas de 70 e 80 há avanço significativo na literatura para jovens. A escola passa a receber obras que além de abordar temas sobre os problemas do Brasil, colocando-os em pauta para discussão, considera os conflitos dos jovens e seu papel social. Assim, diferente da década anterior, vários escritores passaram a se dedicar ao texto juvenil. Em sintonia ao momento histórico de êxodo rural, tornaram-se frequentes histórias que privilegiavam o

cenário urbano, em que retirantes chegavam às cidades em busca de melhores condições de vida, como nas obras de Odette de Barros Mott (1913-1998), *Aventuras do Escoteiro Bila* (1964) e *Justino, o retirante* (1970). Em 1977, *Pivete*, de Henry Correia de Araújo, tematiza a miséria e o sofrimento infantil. Na denúncia da pobreza e da marginalização, são lançados “*A transa amazônica* (1973), Odette de Barros Mott; *Lando das ruas* (1975), de Carlos de Marigny; *A casa da madrinha* (1978) de Lygia Bojunga Nunes; *Coisas de menino* (1979), de Eliane Ganem; *Os meninos da rua da Praia* (1979), de Sérgio Caparelli” (Lajolo e Zilberman, 1984, p. 126). Na linha social, podemos destacar *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes; *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, e *Corda Bamba*, (1979), também de Lygia Bojunga Nunes, entre outros (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 126).

Nelly Novaes Coelho (2005, p. 150) considera que nos anos finais do século XX, a partir da década de 60, abre-se uma fase considerada “pós-lobatiana” devido às novas tendências e estilos que caracterizaram a enorme produção literária daquele momento. Apesar de o momento ser considerado marcante, com muitos livros com valor literário autêntico, continuamos encontrando no volume de textos produzidos, obras que “questionam” o mundo e obras que o “representam”. O que elas têm em comum é que em síntese, ambas buscam entreter, divertir o leitor de modo prazeroso.

Na década de 80, muitos brasileiros participaram de movimentos em prol das eleições diretas para governo, com grande envolvimento da juventude. Nesta época, Ziraldo lançou *O menino maluquinho* (1980), marco da literatura infantil daquele momento. Nesse período, o processo de democratização apresentava-se mais evoluído. É nessa época que a literatura para jovens passou a abarcar alguns temas de problemas cotidianos do país, acenando também para a desigualdade social e a violência.

Os anos 90 iniciam com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069), de 13 de julho de 1990. De acordo com esse documento, até os doze anos de idade o indivíduo é considerado criança; aquele que se encontra entre os doze e dezoito anos é considerado adolescente. Tal categorização contribuiu para que aqueles que se enquadravam nessas faixas etárias, ficassem melhor assistidos em relação à violência. Nessa mesma década, é promulgada a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996). Por meio dos Parâmetros Curriculares e dos temas transversais, diferentes temas da literatura juvenil puderam ser discutidos, como a pluralidade cultural, étnico racial e sexual. Em 1996, entrou em vigor a Lei 11.645, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, nas áreas de artes, história e literaturas brasileiras, “visando resgatar as contribuições desses povos nos campos social,

econômica e político”. A necessidade de uma lei para que este assunto seja inserido no universo escolar denuncia o quanto ao Brasil está aquém das questões multiculturais e diversidades culturais. Em países europeus, tais discussões permeiam o universo literário juvenil sem a sistematização imposta aqui e provavelmente com menos preconceito.

No mundo contemporâneo, o jovem se depara com uma pluralidade de padrões de comportamento, que devido à interfase em que ele se encontra, apresentam-se como modelos para aquele que está se consolidando para a fase adulta.

Uma questão importante a ser considerada em relação ao jovem da segunda metade do século XX, e em especial do século XXI, é que a figura materna, que até então permanecera em casa zelando pelo lar, passou a se inserir no mercado de trabalho. A atitude da mulher moderna alterou o modelo de família tradicional e interferiu no cotidiano da infância e adolescência, que passou a não ter o acompanhamento ou supervisão da mãe em tempo integral. Essa ausência acarretou na transferência de grande parte da função da família para a escola.

Considerando as diferentes passagens da adolescência e a trajetória percorrida pela literatura juvenil no Brasil, percebemos que ela avançou consideravelmente em relação aos primeiros textos que circularam no país para o público não jovem. Ceccantini (2008) destaca no artigo *Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008*, a premiação naquele ano, na 50ª edição do importante “Prêmio Jabuti”, na categoria “Livro do Ano (Ficção)” para *O menino que vendia palavras*, de Ignácio de Loyola Brandão, que venceu o prêmio até então conquistado somente pela “literatura adulta”. Ressalta que além de ser uma aposta certa devido à crescente venda do livro no segmento infantojuvenil, esta literatura tem se mostrado madura. Afirma que “por longo tempo, o gênero infantojuvenil foi estigmatizado entre nós, considerado marginal, havendo muita relutância para legitimá-lo” (2008, p.2). Declara ainda, que a literatura juvenil hoje “possui autonomia, se espraia em um número elevado de títulos da mais variada natureza, havendo entre estes títulos obras de muito bom nível” (2008, p.2). Esse desenvolvimento da literatura para crianças e jovens, vem conseguindo afunilar a enorme lacuna que historicamente separou a literatura para adulto da literatura infantojuvenil. A qualidade de muitas obras tem superado o pragmatismo arraigado à literatura juvenil, cedendo espaço ao texto literário de caráter emancipatório.

Apesar dos incentivos governamentais para a promoção da leitura desde a época da Proclamação da República, os índices de leitura ainda são ínfimos no Brasil, o que ratifica que grande parte da população continua sem acesso à cultura letrada.

Em 1997 o governo federal criou o Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, e anualmente vem comprando grande volume de obras, crescente a cada ano, selecionadas por um grupo de especialistas, e encaminhadas às escolas públicas de todo país, apresentando-se como uma ação a favor do letramento literário. Outro programa de destaque quanto ao incentivo da leitura é o PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura, que visa a promover o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas no Brasil.

Desde 1998, o Brasil faz parte dos países integrados ao PISA (Programme for International Student Assessment - Programa Internacional de Avaliação de Alunos), desenvolvido pela OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Através dos índices apresentados pelo programa, temos parâmetros para avaliar as habilidades de leitura dos estudantes brasileiros em relação aos de outros países. Os resultados são frustrantes, pois desde o período de inclusão ao PISA, o Brasil tem ocupado péssima classificação. Mesmo com todo avanço conquistado pela literatura infanto-juvenil, o Brasil ocupa as piores colocações e os índices de leitura ainda estão longe do desejado.

Quanto a premiações de obras para o público jovem, podemos citar as ações da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, que tem concedido importantes prêmios a autores brasileiros, que segundo Ceccantini, contribuem para a legitimação e difusão do gênero. O pesquisador aponta que em 2008, o segmento “Livro juvenil” foi responsável por 19 % das obras publicadas para crianças e jovens, ficando em segundo lugar de produção, perdendo somente para a literatura infantil, que abarcou 40% dos títulos publicados no setor. Destaca ainda o avanço na qualidade dos textos que, segundo ele, revela “empenho em explorar temas em sintonia com questões cadentes da sociedade contemporânea – particularmente as mais diretamente ligadas ao universo juvenil” (CECCANTINI, 2008, p.9).

Martha (2008, p.9) destaca o crescente aumento na produção de obras infantojuvenis, tanto em volume de títulos quanto em tiragem, sendo que enquanto na década de 70 tínhamos 8% correspondentes à publicação de literatura não adulta, em 2000, o volume de obras vendidas ampliara-se para 25% ou mais, acenando sempre para um mercado em expansão. Lembra que os números do PNBE comprovam o aumento da distribuição de livros, em que ano a ano, mais escolas têm sido atendidas, com número maior de títulos. Martha evidencia um conjunto de livros juvenis analisados, considerando a qualidade de certos textos e declara que em relação aos elementos da narrativa, “mostram-se importantes, uma vez que, por seus traços, podemos observar o grau de proximidade estabelecido com os leitores e, a partir daí, acompanhar a instauração do processo de identificação entre adolescentes e os seres do

mundo ficcional” (MARTHA, 2008, p. 10), considerando a possibilidade que esse tipo de texto oferece ao leitor de refletir sobre suas experiências de vida. No balanço que faz acerca das narrativas para o público não adulto analisadas, “a infância e a adolescência não são vistas como preparação para a maturidade, mas enfocadas como etapas decisivas no processo de vida, plenas de significado e valor, portanto. A intriga nas histórias, permite que as personagens reflitam, reformulem conceitos, desenvolvendo assim uma identidade, não sendo simplesmente um “não adulto” ou “já não mais criança” (MARTHA, 2008, p.16-17).

Vera Teixeira de Aguiar, no artigo publicado no 32º Congresso Internacional de IBBY, intitulado *Literatura juvenil na voz das minorias*, aponta que no Brasil, até por volta da década de 50, as crianças deixavam a infância para inserir-se no trabalho ou casamento, assim, não havia o período intermediário ente as duas fases, configurando a ruptura de uma fase para a iniciação em outra. Portanto, o jovem que conhecemos hoje, é fruto da pós-modernidade, e apresenta a característica de consumir sem produzir. Para esse jovem, temos a literatura juvenil do momento que, segundo Aguiar, vem “disposta a atender seus interesses, representar simbolicamente sentimentos e questões existenciais que os afligem e falar a sua linguagem” (AGUIAR, 2010, p.1). Afirma ainda, que a literatura juvenil parece dialogar com um leitor específico, denominado leitor implícito. Coloca que:

Esse leitor implícito, que está afinado com os jovens que vivem no mundo de hoje, traz, assim, para a diegese, a voz desse novo público. Sabemos, no entanto, que a juventude não é homogênea, ao contrário, busca lugares sociais diferentes e nem sempre correspondentes àqueles definidos pelos valores tradicionais (AGUIAR, 2010).

2.3 O *BILDUNGSROMAN*

O terno *Bildungsroman*, criado pelo alemão, professor de Filosofia Clássica, Karl Morgenstern (1795-1796), provavelmente em 1803 e usado por ele pela primeira vez em 1819, pode ser compreendido em português como “romance de formação”. No entanto, no Brasil, faz-se o uso preferencialmente do vocábulo original, como Massaud Moisés o utiliza em seu *Dicionário de termos Literários* (1978). A palavra origina-se de *bildung* = formação e *roman* = romance, entendido como um romance que “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar em determinado grau de perfectibilidade”, conduzindo assim o desenvolvimento do próprio leitor (MORGENSTERN apud MAAS, 2000, p. 19). Portanto, podemos entender no *Bildungsroman* um caráter formativo, como meio para a construção da moral, do caráter.

De acordo com Maas (2000, p.17), o *Bildungsroman* representa “um mecanismo de legitimação de uma burguesia incipiente que quis ver refletidos seus ideais em um veículo literário (o romance) que apenas começara a se firmar”. Ainda para Maas, a “literatura de formação” é reflexo da intenção de uma classe social que almeja que a ficção realista retrate seus ideais. Afirma ainda que

O *Bildungsroman* nasce portanto vinculado a circunstâncias bastante específicas, contemporâneas do fortalecimento do desejo burguês pelo auto aperfeiçoamento e pelo reconhecimento, em termos literários, do romance como “gênero digno” e capaz de oferecer suporte ao processo de certificação de uma incipiente burguesia frente a seu próprio estatuto (MASS, p. 68, 1999).

Assim, o surgimento do *Bildungsroman* na Alemanha, coincide com a consolidação do gênero romance. Esse gênero só se consolidaria no Brasil na segunda metade do século XIX, no entanto, tratando-se do gênero romance direcionado para o público jovem, este se estabeleceu em nosso país somente no século XX. Foi pensando em compreender melhor o romance *Justino o retirante*, de Odette de Barros Mott, que nos amparamos nos estudos sobre o *Bildungsroman*, pois a obra apresenta um enredo que possibilita a leitura a partir da perspectiva de formação do protagonista, que pode amparar a formação do leitor. Partindo dessa possibilidade de leitura, se a obra da autora contribui para a formação do leitor, colabora para a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira.

Em 1989, Jürgem Jacobs afirmou em seu livro que obras que pertencem ao gênero *Bildungsroman* têm em especial “uma história de vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo” (JACOBS apud MAAS, 2000, p. 19). Em textos que se encaixam no gênero, é comum ainda a separação do protagonista em relação à casa paterna, o auxílio de um orientador, da escola, da família, da igreja, como meio de condução ao aperfeiçoamento individual.

Cabe ressaltar que Karl Morgenstern compreendeu o *Bildungsroman* a partir da leitura do romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhem* (1795-1796), sendo assim, este texto de Goethe, apresenta-se como modelo do gênero *Bildungsroman*. Portanto, as obras são, em maior ou menor medida, consideradas pertencentes ao gênero em questão, de acordo com sua semelhança ao paradigma formado através da análise do livro de Goethe.

Apesar de Karl Morgenstern apresentar o gênero *Bildungsroman* no início do séc. XIX, é somente em meados do séc. XX que ele se efetiva. Em relação ao Brasil, o percurso do

gênero é ainda mais recente. O verbete criado por Massaud Moisés no *Dicionário de termos Literários* (1978) é provavelmente o primeiro registro sobre *Bildungsroman* no Brasil. O autor agrega ainda ao verbete uma lista de obras, incluindo algumas da Língua Portuguesa, que se relacionam de alguma forma ao *Bildungsroman*.

Para Mass,

A apropriação do *Bildungsroman* no Brasil manifesta-se portanto como uma assimilação do gênero a diferentes modelos históricos e ideológicos, através de um processo de deslocamento em relação às suas circunstâncias de origem, em proveito de novas cristalizações de sentido (MASS, p.81, 1999).

Assim, considerando as concepções do *Bildungsroman* no panorama brasileiro e o contexto histórico/cultural da época da produção do livro, quando propomos a análise de *Justino, o retirante* pela ótica do romance de formação, além dos estudos de Mass, consideraremos também a posição ideológica de Odette de Barros Mott, que através do enredo traçado proporciona a seus leitores uma visão sobre a realidade de um jovem nordestino, que serve de modelo para representar o abandono em que se encontrava o nordeste e o jovem brasileiro daquele espaço geográfico.

3 ODETTE DE BARROS MOTT – UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

Neste capítulo, apresentamos uma breve biografia de Odette de Barros Mott, dando ênfase a seu percurso literário e sua ligação com o mercado editorial. A seguir apresentamos uma minuciosa varredura em sua fortuna crítica.

3.1 NOS PASSOS DA ESCRITORA

Odette de Barros Mott (1913-1998), nasceu em Igarapava, cidade do interior paulista. Desde pequena, demonstrava vocação para as letras, adorava inventar histórias e contá-las aos familiares. Seu contato com o mundo letrado veio do convívio familiar, o pai, um poliglota, responsável por despertar nela a paixão pelos livros e o desejo de escrever (COELHO, 1984, p.741).

Frequentou o Instituto de Educação Caetano de Campo, tornando-se professora. Lecionou por quatro anos e, com o casamento, abandonou a profissão para dedicar-se à condição de esposa e posteriormente, mãe (COELHO, 1983, p.743). Educada a partir de valores paternalistas, seguiu o padrão de mulher que prioriza o plano doméstico, desenvolvendo obrigações de esposa esclarecida e mãe zelosa. Assim, colocou seus anseios sociais e profissionais em plano secundário, iniciando sua trajetória de escritora infantojuvenil no ambiente doméstico. Nesse propósito de vida não encontrava tempo para ler e/ou escrever; por isso, sua primeira obra foi escrita quando já tinha tido cinco dos oito filhos que tivera. As primeiras obras foram dirigidas ao público infantil, mais tarde, com os filhos maiores, indagada pela carência nacional de obras destinadas ao público jovem, iniciou seu percurso na produção literária para jovens. Nessa vertente, procurou incorporar em seus textos temas e conflitos que permeavam o cotidiano daquele leitor. Para isso, era constante o contato da escritora com os leitores de seus textos, sendo através de visitas aos colégios, cartas trocadas com alunos ou ainda recebendo grupo de adolescentes em sua casa.

De acordo com palavras da escritora, quase todos os dez primeiros livros produzidos por ela, foram escritos “na mesma cozinha, com criança no colo, criança na mesa, caderno borrado” (PIZA, 1998, p.131). Para que houvesse tempo de escrever fez um ‘contrato’ com os filhos: “vocês ficam bonzinhos que a mamãe conta, todas as noites, um pedaço de uma história diferente para vocês” (PIZA, 1998, p.131). Nesse contexto produziu seu primeiro livro “*As aventuras no País das Nuvens*” - 1949, e a partir de então passou a produzir continuamente livros para crianças e jovens, recebendo durante sua carreira vários prêmios,

como: Prêmio Monteiro Lobato (Academia Brasileira de Letras), menção honrosa do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen, Prêmio de Literatura Infanto-juvenil (Fundação Educacional do Distrito Federal), três menções honrosas do Departamento de cultura do Município de São Paulo, entre tantos outros.

Na década de 1980 já somava 34 títulos voltados ao público infantil e juvenil, sendo os onze primeiros, dirigidos aos pequenos leitores e os 23 restantes com temas que interessavam aos leitores jovens. No início da década de 80, já ultrapassara a marca de um milhão de exemplares editados, que lhe proporcionaram mais de uma dezena de premiações (COELHO, 1984).

Foi notório o engajamento de Odette de Barros Mott com a literatura para crianças e jovens, pois além de escritora, também se dedicou à causa literária, sendo Presidente-fundadora do Centro de Estudos de Literatura infantil e Juvenil (CELIJU), envolvendo-se constantemente em Congressos e Seminários, no Brasil e no exterior sobre literatura infantil e juvenil (COELHO, 1983, p.743). A partir da apreciação do acervo da escritora, que se encontra no IEB/USP, é possível afirmar, pelas muitas cartas trocadas entre ela e inúmeros interlocutores, que a escritora primava por manter contato com pessoas dedicadas ao mundo das letras, como escritores, a exemplo de Pedro Bandeira e Fanny Abramovich, colecionadores, como José Mindlin e sua esposa Guita, críticos literários como Luiz Puntel e Paulo Hecker, além de renomados especialistas de literatura infanto-juvenil, como Regina Zilberman, Marisa Lajolo e Nelly Novaes Coelho, uma maneira de manter-se integrada ao universo literário. É possível constatar também, canal de diálogo com representantes de jornais e diretores de editoras, como as várias cartas trocadas com Caio Graco, diretor da Brasiliense, editora responsável pela publicação de várias obras da autora, através da coleção *Jovens do Mundo Todo*, no momento mais efervescente de sua carreira, entre os anos 1970 e 80.

Data dessa época a carta que a escritora trocou com o diretor da Brasiliense

Estimado amigo Caio.

Hoje, ao saber que a tiragem de meus livros ultrapassava a casa de um milhão, lembrei-me da primeira vez que fui à Editora Brasiliense oferecer meus dois primeiros livrinhos juvenis: “Aventuras do Escoteiro Bila” e “A montanha encantada”. Estávamos em 1968. [...] Caio, você edita, reedita meus livros. Sempre encontro em minha mesa de trabalho livros reeditados e sua carta amiga que coleciono para meus filhos. Essa amizade não nasceu, absolutamente, de um interesse do editor que fatura numa escritora lida e nem, da minha parte, pela editora que edita e reedita meus livros com interesse. A amizade real existe e o que nos uniu foi o interesse recíproco de

darmos aos leitores o melhor. Disso tenho prova e certeza (IEB/USP. Fundo OBM, código: OBM-CAB-02).

Na carta, coloca ainda que, apesar de a coleção *Jovens do Mundo Todo* ser a única que na década de 1960 editava obras para o público jovem, não havia textos nacionais, as obras se configuravam em traduções. A proposta da autora era então oferecer aos jovens brasileiros livros que tratassem da realidade deles, do cotidiano brasileiro.

Em outra correspondência enviada a Caio Graco, Odette Mott ratifica a intenção de escrever o que os jovens gostariam de ouvir em uma linguagem próxima a deles:

Foi tão positivo o resultado atingido por Justino, que me animei e escrevi a “Rosa dos Ventos”.

Você desconhece sua estória, ela tem uma estória. A estória da estória, muitas vezes, fica somente com o escritor.

Vou contar-lhe hoje, dia do coração, a estorinha da “Rosa dos Ventos”. Em 1970 mais ou menos, lá pelas sete horas de uma manhã gostosa, descia eu a Ladeira Geral Carneiro. Há quantos anos eu não ia daquele lado... Fiquei muito admirada, muito mesmo. Movimento tão grande de jovens que desciam dos ônibus, iam de um lado para outro, todos eles ou quase todos com um pacotinho nas mãos, pequeno embrulho no qual logo reconheci a marmita, o lanche.

Vestido com roupas moderninhas, simples, numa tentativa de se igualarem, de se massificarem com a classe mais alta. Iam e vinham de todas as direções para outros pontos. Imediatamente penso numa imensa rosa-dos-ventos.

Depois, nesses mesmos dias, li várias e muitas reportagens bem detalhadas sobre o tóxico, garotos intermediários, eles as pobres vítimas sofrendo o castigo destinado aos verdadeiros responsáveis.

Escrevi “A Rosa dos Ventos”. Forte para a época, cheio de gírias usadas no ambiente comercial onde a estória ia acontecer, viver. Esse modo de expressão estava, até então, proibido de se colocar em livros.

Achei melhor vencer a barreira porque eles, os empregados de lojas, realmente, se expressam assim. Para conhecer a realidade do ambiente de uma casa comercial, participei disfarçadamente, durante seis meses, da vida dos funcionários de uma papelaria atacadista.

Coloquei como gerente da loja uma jovem, e isso foi contra os princípios dos meninos. “Não seria melhor um homem? Eles sabem mandar, eles, eles...” e não aceitaram a tal gerente.

Forte para a época, somente bem depois, pelo menos sete anos depois, é que apareceram outras coleções com livros nessa linha d’A Rosa dos Ventos. Descobriram, então, aquilo que já estava descoberto.

Nesse livro, dentro do enredo, através da vivência de seus personagens, levei o jovem a analisar, e concluir por si mesmo sobre os problemas do tóxico, do homossexualismo, da necessidade do diálogo, da abertura nas famílias, algumas ainda bem fechadas (IEB/USP. Fundo OBM, Carta de Odette de Barros Mott a Caio Graco, [abr. 1981]).

Pelas palavras da autora, confirmamos sua intenção de escrever sobre a realidade vivida por jovens do Brasil, neste caso específico, aqueles que habitavam a maior metrópole do país. Além do interesse em “dialogar” com os jovens, outra característica da produção literária de Odette de Barros Mott da década de 70 é a produção em série.

Na década de 70, a escritora lançou 15 obras para o público juvenil, indicadas abaixo por ordem cronológica.

1970 - *Justino, o retirante*

- *Roteiro da coragem*

1971 - *Marco e os índios do Araguaia*

1972 - *A Rosa dos Ventos*

1974 - *A transa-Amazônica*

- *E Agora?*

1975 - *A caminho do Sul*

1976 - *A 8ª série C*

- *A grande ilusão (A transa-Amazônica 6 ed. renovada)*

1977 - *O clube dos bacanas*

- *O mistério do botão negro*

- *O mistério da boneca*

1978 - *Os dois lados da moeda*

- *O caso da ilha*

1979 - *Pedro Pedreiro*

O volume de obras produzidas por Odette de Barros Mott na década citada deixa transparecer que a sua produção atrelou-se à atividade editorial, servindo ao campo da indústria cultural, que obedece fundamentalmente aos imperativos do mercado. Esse volume de produções confirma sua ampla participação para o mercado editorial, tendo em vista que seus livros eram muito bem aceitos pelo público juvenil. Os temas abordados nos livros dessa década pautavam-se em assuntos que ensinassem e divertissem o jovem leitor, de acordo com intenção explícita da autora:

Nas visitas aos colégios, eles (os alunos) me perguntavam o que eu pensava do amor, das drogas, do relacionamento familiar e fundamentalmente, se era verdade o que eu escrevia. Foi assim que me propus a somente criar obras que dessem margem a discussões, que ajudassem a derrubar as barreiras que separam jovem e adulto, que provocassem o diálogo, que abrissem novos horizontes (MOTT, 1993 *A rosa-dos-ventos*, orelha do livro).

Considerando as intenções apresentadas no excerto acima, cabe ressaltar o que Bourdieu denomina o *habitus*.

O *habitus* como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para o “primado da razão prática (BOURDIEU, 2007, p. 61).

Para Bourdieu, os julgamentos estéticos resultam de toda herança cultural e social do indivíduo, de acordo com seus níveis de capital cultural, adquiridos por meio da família e da escola, que são os responsáveis por definir atitudes em relação à cultura, através do que o pesquisador identifica como *habitus*. Por essa ótica, o gosto não é um privilégio natural, mas reflexo de um processo educacional, seja pela família ou pela escola. Segundo o autor, o capital cultural e social adquirido pelo indivíduo contribui para compreendermos as relações sociais. Assim, com a intenção de ensinar aos jovens a partir dos enredos delineados nas obras, os textos da escritora podem ter impactado a formação do capital cultural do aluno, ditando seus estilos de vida, formando no jovem o que Bourdieu nomina como *habitus*.

Ressaltamos ainda que as obras publicadas nesse período foram lançadas a partir da coleção “Jovens do Mundo Todo”, pela Editora Brasiliense, criada em 1960 por Yolanda Cerquinho Prado, mais conhecida por Danda Prado, filha de Caio Prado Jr., dono da Brasiliense. A princípio a coleção se propunha a publicar traduções de romances para jovens e mais tarde passou a editar também obras nacionais, a exemplo de *As aventuras do escoteiro Bila*, (1964). A própria Odette de Barros Mott declara, de acordo com citação já apresentada, que, percebendo que a coleção não publicava obras nacionais, procurou Caio Graco, (irmão de Danda) e diretor da Brasiliense na década de 70 e 80, para oferecer seus textos juvenis, tendo em vista que a coleção era direcionada para esse público. A partir desse contato, editora e escritora passaram a defender interesses mútuos, em que ambos lucravam com a parceria. O livro, resultado dessa parceria, em parte definiria o *habitus* dos leitores juvenis da década de 1970.

Havia ainda outra situação que contribuía para a venda da literatura juvenil. A editora Brasiliense sofreu consequências da censura com o regime militar, sendo inclusive o dono, Caio Prado Jr. perseguido pela ditadura e preso em 1970. Quando seu filho, Caio Graco assumiu a editora em 1975, a empresa não estava em situação econômica confortável e a literatura infanto-juvenil representava um excelente negócio para melhorar o caixa. Assim, abria-se um canal favorável para publicação das obras da autora. Outra questão relevante para

entendermos a expressiva venda das obras de Odette Mott na década de 70, seria considerar o momento econômico e político do país na década em questão. Atravessávamos um momento dúbio, pois coexistiam no Brasil o chamado “anos de chumbo” (1969-1974), período de grande repressão do governo militar, e o chamado “milagre brasileiro” momento de destaque para o crescimento econômico. Este último desencadeou a expansão da literatura naquela década. De acordo com Reimão (2010),

Na primeira metade da década de 1970, durante o chamado “milagre brasileiro”, a edição de livros cresceu em número de títulos editados e também em número de exemplares. Em 1972, o Brasil ultrapassou, pela primeira vez, a barreira de um livro por habitante ao ano. Em 1972 a população brasileira era de 98 milhões de habitantes e foram produzidos 136 milhões de livros – 1,3 livros por habitante. Para entender esse crescimento é preciso levar em conta, entre outros indicadores básicos, a queda da taxa de analfabetismo de 39% para 29% na população com mais de cinco anos de idade, entre as décadas de 1970 e 1980 (REIMÃO, 2010, p. 278).

Assim, Odette Mott parece ter procurado a editora Brasiliense no momento certo para ver suas obras editadas e reeditadas várias vezes. Tinha a seu favor, portanto, tanto o mercado favorável, quanto uma editora precisando vender. Com intuito de ratificar nossas colocações buscamos amparo nos estudos de Teodoro Koracakis (2010), que afirma que Caio Graco Prado, enquanto diretor da Brasiliense utilizava como estratégia de mercado a organização da produção que chegava à editora em coleções, principalmente na década de 1980, para “atingir um nicho de mercado específico, o do jovem brasileiro”, a fim de formar o seu gosto, direcionando-o “deliberadamente para determinadas opções intelectuais, políticas e estéticas”. Assim, mais uma vez percebemos que o gosto do leitor era conduzido, intencionalmente, por aqueles que tinham influência no mercado editorial, e que as obras de Odette Mott permaneceram na coleção “Jovens do mundo todo”, não por mero acaso, e sim porque cumpriam papel importante quanto aos ideais do diretor da Brasiliense naquele momento. Koracakis ainda afirma que na década de 1980, a Brasiliense “moldava e era moldada por seu público preferencial: o jovem brasileiro” (KORACAKIS, 2010, p. 291).

Na década de 60, a coleção “Jovens do mundo todo” da editora Brasiliense, não teve uma concorrente que atrapalhasse as vendas, mas no início do década de 70, em 1972, a editora Ática inaugurou uma coleção que faria as demais perderem o fôlego: a Série Vaga-Lume. Voltada ao público infantil/adolescente, a coleção teve sucesso desde seu lançamento, o que contribuiu para o fortalecimento e consagração da Editora Ática. Uma das obras dessa coleção, reeditada até hoje, é *A ilha perdida* (1964) de Maria José Dupré (1898-1984). Odette

Mott não chegou a publicar pela Série Vaga-Lume, mesmo depois que esta se sobrepôs às concorrentes em venda e distribuição do gênero juvenil no mercado. Não temos informação se houve um motivo para escritora não ter lançado nenhuma de suas obras pela coleção da editora Ática. Vale ressaltar que o *bestseller* da Vaga-Lume - *A Ilha perdida*, foi lançado inicialmente em 1964, mesmo ano em que *As aventuras do escoteiro Bila*, e só mais tarde foi editada pela coleção Vaga-Lume. É possível que o fato de a referida autora já ter uma trajetória trilhada na Brasiliense, e inclusive um contato estreito com Caio Graco, diretor da editora nas décadas de 70 e 80, tenha contribuído para que sua produção continuasse atrelada àquela editora. No entanto, em meados da década de 80, Odette Mott deixou a Brasiliense e passou a publicar pela Editora Atual, empresa que reeditou em 2013 obras da autora em comemoração ao centenário de seu nascimento. Como na década de 80 a série Vaga-Lume continuava com a liderança no mercado jovem, era de se esperar que Odette Mott migrasse para esta e não para a editora Atual, que não dispunha de uma coleção específica para adolescentes. O que pode justificar a não ida da escritora para a editora Ática é o fato de que, apesar de Odette Mott continuar com uma produção volumosa, suas obras não entravam no mercado livreiro juvenil com o mesmo impacto que as produzidas na década de 70 e, além disso, aumentara a concorrência, havendo maior número de autores e obras no mercado juvenil brasileiro; assim, espaços antes garantidos para ela passaram a ser divididos com outros escritores.

Considerando o volume de obras que a coleção *Jovens do Mundo Tudo* lançou no mercado editorial juvenil nas décadas de 70 e 80, os livros da autora que eram indicados e lidos nos estabelecimentos de ensino, certamente contribuíram para a formação cultural e social do leitor juvenil daquela época, refletindo significativamente na construção do campo literário, principalmente na década de 1970.

Nas duas décadas citadas, os textos de juvenis de Odette Mott tinham um público certo e fiel: alunos do ginásio, correspondendo nos dias de hoje, ao Ensino Fundamental II. As escolas consumiam grande volume de exemplares assim que eram lançados. Prova disso é o enorme número de tiragem por título, alcançando em 1982, como citado anteriormente, a marca de um milhão de livros vendidos.

Bourdieu afirma que muitas práticas de artistas e escritores justificam-se pela relação entre campo literário e campo de poder. Para o sociólogo,

O campo de poder é o espaço das relações de força entre agentes instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente).

Ele é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécie de capital) (BOURDIEU, 2007, p. 244).

Nesse sentido, o grande volume de publicações na década de 70, pela escritora, pode justificar ainda sua busca pelo campo de poder. Com essa prática, o artista acaba por anular-se, pois no momento em que prioriza a quantidade de obras para atender ao mercado, ele se insere na lógica do campo dos editores, atendendo ao mercado e demanda e produção. Para Bourdieu, a busca pelo campo de poder também pode estar presente na intenção de produzir obras.

Nas décadas de 70 e 80, Odette de Barros Mott, como os demais autores contemporâneos daquele momento, costumava visitar as escolas e discutir seus textos com os alunos. Era comum também que as obras destinadas à escola fossem acompanhadas por uma ficha de leitura, contendo sugestões didáticas, questionários e roteiros de compreensão de texto. Esses roteiros de leitura funcionavam como norteadores para a interpretação dos alunos, pois os questionamentos eram direcionados a partir da intenção de quem os elaborava, mais uma vez assim, contribuindo para a formação do *habitus* do sujeito em formação.

É na década de 80 que a produção literária da autora atinge o número mais expressivo de títulos lançados. São 33 livros em 10 anos, entre textos voltados ao público infantil e juvenil. Em 1984, foram lançadas seis obras da autora. Esses números nos permitem relacionar a produção da escritora ao campo da indústria cultural, que obedece fundamentalmente aos imperativos do mercado, sendo bens produzidos de acordo com a demanda e o nível do público. Por essa ótica, a produção de Odette de Barros Mott estaria atendendo a um nicho do mercado, mais especificamente a demanda advinda do Estado, que desde essa época era o maior comprador de livros lançados.

Na década de 90, a autora completava 80 anos, e sua saúde já apresentava sinais de fragilidade. Mesmo assim, entre 1990 e 1995, produziu nove obras.

Em maio de 1998, aos 84 anos, a autora faleceu, na cidade de São Paulo, deixando um legado que merece ser estudado.

3.2 FORTUNA CRÍTICA - A CRÍTICA ESPECIALIZADA

Nesse tópico, procuramos fazer um balanço geral de toda crítica especializada sobre a produção literária de Odette de Barros Mott, desde os apontamentos de Leonardo Arroyo, no livro publicado por ele em 1969, até as contribuições de Gregorin, em sua recente obra sobre literatura juvenil.

3.2.1 O silêncio em “*Literatura infantil Brasileira*”

A obra *Literatura infantil brasileira* de Leonardo Arroyo apresentou-se em nosso país como vanguardista, considerando a escassez de pesquisas que abordassem sobre esta temática naquele momento histórico. Lançada em 1968, traça um vasto panorama desde o período colonial, com a literatura oral até a produção de Monteiro Lobato, concluindo o estudo em 1966.

No capítulo, “Tentativa de um panorama atual” (ARROYO, 1968, p. 210), o autor apresenta uma ampla relação de autores que produzem obras voltadas para o público infantil, seguindo as especificidades apresentadas na sistematização produzida por Nelly Novaes Coelho. A autora “esquematiza a teoria da literatura infantil brasileira atual de acordo com o desenvolvimento psicológico da criança” (ARROYO, 1968, p. 213). Considerando o estudo de Coelho e ainda as características da literatura infantil brasileira (tradicional, educativa e ficcional), o autor aponta “vários autores que se destacam pela apresentação de uma obra literária para crianças perfeitamente definida e válida” (ARROYO, 1968, p. 213). A lista é composta por 109 autores, destes, 76 são escritores e 33 são escritoras. Ao final da lista Arroyo informa que aos nomes citados soma-se um número indefinível de escritores.

Como o autor conclui esse trabalho em 1966, até o final dos registros considerados por ele, a escritora Odette de Barros Mott já havia publicado 10⁵ obras, inclusive já estreara com *Aventuras do escoteiro Bila* (1964), que inaugura sua participação na literatura para jovem leitores, livro que teve expressiva aceitação do público, inclusive pela escassez de obras nacionais para o público jovem naquele momento. No entanto, o nome da autora não está dentre os destacados pelo autor e tampouco é citado em algum momento dessa obra produzida por ele.

3.2.2 O verbete sobre a autora no *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/juvenil brasileira: 1882-1982*

Na apresentação da obra, Nelly Novaes Coelho informa que as leituras analíticas e crítica que integram o livro “tiveram, como objetivo fundamental organizar, segundo

⁵ De acordo com a lista bibliográfica da autora em ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. 2.ed. São Paulo: Global, 1988, p. 241.

determinados conceitos teóricos e critérios pessoais, a massa heterogênea da produção literária infantil e juvenil, em um século de existência: de 1882 a 1982”⁶.

A autora inicia suas considerações sobre Odette de Barros Mott fornecendo informações sobre a biografia da escritora. A seguir, apresenta uma divisão do acervo bibliográfico de Odette, em “Literatura Infantil” e “Literatura Juvenil”, considerando as obras de acordo com a idade do leitor preferencial.

A seguir, apresenta três subdivisões temáticas: “O Mundo Natural e a Vida Rural”, “O Mundo Urbano e seus Problemas” e “O Mundo de Aventuras (históricas, policiais ou de pura ficção)”. A partir delas, discorre sobre várias obras da escritora. Na primeira temos comentários sobre: *Aventuras do escoteiro Bila* (1964); *Justino, o retirante* (1970); *Marco e os índios do Araguaia* (1971); *A grande ilusão – A transa-amazônica* (1973); *Esta terra é nossa* (1982). Na segunda encontramos: *A rosa dos ventos* (1972); *E agora?* (1974); *A 8ª série C* (1976); *O clube dos bacanas* (1977); *Os dois lados da moeda* (1978); *Pedro pedreiro* (1979); *Mistério? Misterioso amor* (1980); *As empregadas* (1981); e na última: *A montanha partida* (1964); *No roteiro da coragem* (1970); *O caminho do sul* (1975); *O mistério da boneca* (1977); *O mistério do botão negro* (1977); *O caso da ilha* (1978). Quanto à última obra citada, *Vinda com a neve* (1982) coloca como indicação para a faixa etária a partir dos 7/8 anos. Temos, assim, considerações sobre 20 obras publicadas pela escritora.

Coelho (1984), a partir de três subdivisões temáticas, faz apreciação de várias obras, como se pode ver a seguir.

O Mundo Natural e a Vida Rural

1. Aventura do escoteiro Bila (1964)

Coelho ressalta a carência de livros juvenis brasileiros na época de publicação da obra e informa que o livro foi recebido com sucesso pelo público leitor, desencadeando edições sucessivas. Afirma que:

Nele, a autora revela o mundo natural, livre, saudável, - fora dos limites do urbano, e aberto para as aventuras. E também já deixa evidente a intencionalidade básica de sua arte narrativa: levar o jovem leitor a se

⁶ Informações que constam na “Apresentação” da obra, COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Quíron, 1984, p. IX.

interessar por uma leitura que, para além de ser uma diversão, lhe ensine algo de útil, belo ou bom (COELHO, 1982, p. 744).

A autora expõe também um breve comentário sobre o enredo da história. Comenta ainda que Odette se mostra bastante informada sobre o Escotismo e

[...] utiliza tais informes como ponto de apoio para a invenção da trama novelesca, cuja vivacidade expressa bem sua imaginação de fabuladora. Seu processo literário é de lastro tradicional, - característico da ficção pós-romântica, que se generalizou em nosso século como literatura para o *grande público* (COELHO, 1982, p. 744).

Apresenta algumas características da obra que amparam as afirmações relacionadas; comenta também sobre a linguagem que atende à norma padrão da língua, mesmo nas falas do personagem Bila e demais garotos e encerra os comentários sobre esta obra afirmando:

Em 69, foi escolhido como dos melhores livros juvenis brasileiros e incluído no Catálogo da Biblioteca Internacional da Juventude (Munique), destinado à sala de Leitura dos Jogos Olímpicos em Estocolmo (Suécia) (COELHO, 1982, p. 744).

2. *Justino, o retirante* (1970)

Esse é o livro a que Coelho dedicou maior fôlego para comentários. Menciona os vários prêmios concedidos à escritora devido ao livro, observando:

[...] entre os 130 volumes de literatura infantil, selecionados pela especialista Virgínia Haviland, como parte das comemorações do Ano Internacional da Criança/1979. JUSTINO, O RETIRANTE retira sua matéria romanesca de um dos problemas mais graves do Brasil: *o subdesenvolvimento do Nordeste* (COELHO, 1982, p. 744).

Expõe alguns pontos de uma entrevista de Odette de Barros Mott, concedida à Maria Vera Siqueira, na qual sintetiza suas intenções ao escrever a obra *Justino, o retirante*. Retomando suas considerações, Coelho lembra que nesta obra, a autora reitera uma denúncia feita nos anos 20, 30 e 40, por romances regionalistas, que procuravam chamar a atenção dos “brasileiros para as calamidades da miséria, atraso e Injustiça Social que escravizam o Brasil, principalmente da Bahia para cima” (COELHO, 1982, p. 745). Coelho coloca que nessa obra Odette apresenta-se como “corajosa e generosa” e quanto à sua literatura afirma:

Literatura *realista* (pela matéria que lhe dá corpo) e *idealizante* (devido à perspectiva de visão e linguagem literária que filtram, interpretam e registram tal matéria), JUSTINO, O RETIRANTE é dos livros que testemunham de maneira eloquente a realidade cultural brasileira (COELHO, 1982, p. 745).

Mesmo tecendo comentários positivos, a pesquisadora também observa que na obra estão presentes valores tradicionais “e que lhe dão base ideológica”. Buscando as bases dessa literatura conservadora, Coelho destaca na obra aspectos que evidenciam o alicerce tradicional, destacando que:

A filosofia do universo de ficção, criado aqui pela autora, é de raiz romântica, isto é, alicerçado nos valores do Liberalismo/Patriarcalismo/Capitalismo/Cristianismo que se impuseram ao mundo ocidental, a partir do séc. XIX, consolidados em Sistemas [...] Na literatura, tal Sistema gerou o *herói romântico*, o ser privilegiado por natureza, que acaba vencendo onde os demais falharam [...] Justino é aquele que “vence” onde a maioria fracassa, *por falta daquela ajuda*, individual e generosa. [...] A perspectiva de visão adotada pelo narrador é sempre “filtrada” pela emoção e pelo sentimentalismo. [...] Numa evidente continuidade dos valores liberais, a emotividade é dos elementos mais atuantes na elaboração literária de JUSTINO, O RETIRANTE. [...] A linguagem adotada acompanha a intenção do processo literário: tem como base a *língua literária culta*, alternando-se com as falas de *recorte popular*[...] é possível que o discurso narrativo resulte inadequado; pois, via de regra, o jovem leitor de hoje não domina com desenvoltura a linguagem literária culta [...] (COELHO, 1982, p. 745-747).

Encerra suas considerações afirmando que a obra abre perspectiva para um único caminho para o desvalido, na vida real, de acordo com a visão paternalista, recorrente na obra: suporta a miséria ou entrega-se ao trabalho, sob o amparo de um protetor influente.

3. *Marco e os índios do Araguaia* (1971)

Coelho transcreve um recorte da fala de Odette de Barros Mott que confirma o conhecimento dela em relação às dificuldades enfrentadas pelos índios. Lembra que a partir das palavras da escritora fica clara sua “profissão de fé”, e a “defesa daquilo que precisa ser alterado na dura realidade brasileira”. A seguir tece um breve comentário sobre o enredo. Na obra, a escritora procura evidenciar a vulnerabilidade dos índios em se contaminarem com as doenças do homem branco, apresenta os hábitos alimentares, a “arte tosca” que desenvolvem, entre outros. Enfim, Coelho comenta:

Como registro documental dessa realidade, MARCO E OS ÍNDIOS DO ARAGUAIA cumpre a sua tarefa junto aos leitores: diverte e informa. Porém, como produção literária, apresenta certos aspectos discutíveis. O principal decorre do *foco narrativo* escolhido: o de *primeira pessoa*. Foco bastante difícil de manter a verossimilhança, quando o personagem-narrador é um *menino* (COELHO, 1982, p. 749).

4. *A grande ilusão – A transa-amazônica* (1973)

De acordo com Coelho, a obra foi inicialmente publicada com o segundo título apresentado acima, após a 6.^a edição passou a se chamar *A grande ilusão*. Para Coelho, Odette de Barros Mott apresenta de modo bastante intenso, preocupação documental, “um excelente registro de certa realidade brasileira que, pela primeira vez, foi transformada em literatura” (COELHO, 1982, p. 749). Aponta de modo simples o enredo da história e comenta sobre a visita da escritora à estrada aberta na floresta amazônica, evidenciando o interesse de conhecer a realidade para ser capaz de retratá-la. Remetendo-se a escritora considera:

A autora domina com grande desenvoltura todos os recursos narrativos: descrição, narração, diálogos, digressões, caracterização das personagens, do espaço; etc. A fusão de sua linguagem culta com o falar rudimentar adequado à matéria, faz-se agora com maior naturalidade e riqueza de detalhes. A imaginação efabuladora, que já se mostra tão fértil nos livros anteriores, aqui se expande com grande habilidade (COELHO, 1982, p. 749).

Coelho retoma considerações do enredo, mas em seguida tece mais alguns comentários:

Por sessenta e tantas páginas, repetem-se as situações denunciadas desse aviltante estado de coisas (Pode-se dizer que, do ponto de vista literário, aparece aqui um pequeno senão: esse *processo repetitivo* de incidentes da mesma natureza, acaba por *atenuar o impacto* que tal denúncia deveria causar; e retirar parte da dureza que a “matéria” contém) (COELHO, 1982, p. 750).

Mais uma vez retoma a história narrada no livro afirmando que há um momento em que o texto incorpora um tom autobiográfico, no instante que a escritora expõe sua viagem ao lugar que serve de cenário à história contada. Aponta ainda que se nota que a obra reformulada, *A grande ilusão*, apresenta desfecho menos otimista que a primeira versão, *A transa-amazônica*.

5. *Esta terra é nossa* (1982)

Segundo Coelho, nessa obra, Odette de Barros Mott apresenta uma narrativa melancólica, tendo em vista que retrata a miséria sem fronteira. Logo a seguir, cita sucintamente o enredo narrado no livro e na sequência, ressalta que a obra segue a mesma linha humanitária das anteriores da escritora. Afirma que apresenta uma solução humanitária e idealizante, destacando:

[...] contra a força bruta, [...] a resistência individual é sinônimo de suicídio [...]. O final deste romance aponta, inequivocamente, para um *novo início*: o da urgente necessidade de que se mudem as estruturas políticas do poder. Vigentes há tanto tempo, já deterioradas, e que nos conduziram ao quase impasse da hora atual (COELHO, 1982, p. 752).

O Mundo Urbano e seus problemas

Segundo Coelho, a partir dos anos 70, Odette de Barros Mott dá início à narrativa de tom urbano, ousando tratar em seus livros juvenis, temas tidos como tabus.

6. A rosa dos ventos (1972)

Coelho tece comentários sobre o enredo, espaço, e apresenta alguns personagens que vivenciam a trama. A seguir comenta:

O discurso narrativo acompanha o ritmo ágil dos acontecimentos: concisão na frase; diálogos funcionais; objetividade de expressão, que procura se adaptar à realidade social enfocada, pelo uso de oralidade intencional; modismos; gírias, etc. (COELHO, 1982, p. 753).

De acordo com a historiadora, o livro teve dúbia recepção, agradando a alguns e desagradando outros, pelo fato de a autora ter permitido que o personagem Luiz, garoto que se envolve com drogas, não tenha sido capaz de romper com o meio promíscuo. Coelho afirma que a obra:

[...] pretendendo registrar a realidade atual (o frequente envolvimento de menores com o mundo dos traficantes de droga), a autora fez dele um perdedor... contrariando visceralmente o que sua própria narrativa autorizava o leitor a esperar, - isto é, a vitória de Luiz contra as forças adversas (COELHO, 1982, p. 753).

7. E agora? (1974)

Afirma que nessa obra a autora aborda, de modo tradicional, sobre o preconceito racial, e na busca da valoração do negro, atribui a ele características de branco, fazendo um desserviço, pois ao invés de dar voz à injustiça do racismo termina por ratificá-lo. Observa que “a autora procurou idealizar o fenômeno existente e não, propor uma possível reação a ele” (COELHO, 1982, p. 753). Conforme a pesquisadora:

A autora repete o esquema usado por Bernardo Guimarães (**Escrava Isaura** - 1875): defender a raça negra, através de um personagem-símbolo que tem todas as características do branco privilegiado: cor clara, cabelos lisos, educação cuidada, integração em um meio social de categoria [...] (COELHO, 1982, p. 754).

Para Coelho, a escritora parte da visão de mundo tradicional, em que a raça negra ocupa espaço subalterno. Misturam-se na obra também a questão racial e poder econômico, sendo que “tudo, no decorrer da narrativa, expressa com objetividade a minimização do negro” (COELHO, 1982, p. 754). Para Coelho, essa novela retrata uma verdade amarga: “o preconceito racial é uma realidade do mundo dos brancos, em qualquer latitude ou longitude” (COELHO, 1982, p. 753).

8. *A 8ª série* (1976)

Coelho mais uma vez reafirma que Odette de Barros Mott se apega à “intenção realista documental”. Lembra que a autora, no geral, atinge na obra seu objetivo: retratar o *mundo escolar*. Quanto à linguagem afirma:

[...] praticamente toda estruturada em diálogos, o que dá grande dinamismo ao discurso narrativo. De maneira geral, são-nos dados a conhecer os dois lados dos problemas, com simplicidade e objetividade. É leitura que deve agradar à meninada (COELHO, 1982, p. 755).

9. *O clube dos bacanas* (1977)

Para Coelho, essa obra não apresenta grande novidade, “seguindo o mesmo estilo ágil do anterior e no mesmo espaço cotidiano” (COELHO, 1982, p. 756). Afirma que a efabulação não se caracteriza pela riqueza de imaginação, mas a ideia é boa.

10. *Os dois lados da moeda* (1978)

Coelho afirma que nesta obra a escritora novamente volta seu olhar para a classe desprotegida e carente, destacando a questão dos favelados. Afirma que:

[...] ao nível dos valores ideológicos, temos a denúncia social fundamentada nos sentimentos humanitários e na emotividade. Ao nível literário, encontramos o mesmo desencontro entre a fala do narrador e sua idade, já presente em *Marco e os Índios do Araguaia* (COELHO, 1982, p. 756).

Coelho destaca ainda que a escritora se utiliza de um personagem, menino de favela, ótimo comportamento, como seu “porta-voz ideológico”. Afirma:

Se por um lado, tal processo permite à autora maior liberdade e clareza na denúncia; por outro, determina a inverossimilhança psicológica e literária do texto: não é crível (com todas as liberdades da invenção literária) que um menino vindo do nordeste, de ambiente rude, sem nenhuma instrução ou cultura, pudesse analisar, como João o fez, os vários aspectos do grave problema social, de que ele mesmo é parte... (COELHO, 1982, p. 756).

Coelho aponta que é provável que o jovem leitor não identifique tal *desencontro literário*, no entanto, é presumível uma rejeição pela obra por parte deste leitor, mesmo não tendo clareza do porquê.

11. *Pedro pedreiro* (1979)

De acordo com Coelho, o cenário privilegiado na obra são as *construções imobiliárias* na capital paulistana, feitas por quem “vive de construir casas e não tem um teto para morar” (COELHO, 1982, p. 756). A obra trata ainda da questão dos “grileiros” e da exploração da miséria. A seguir, apresenta uma sinopse da obra.

12. *Mistério? Misterioso amor* (1980)

Segundo Coelho, a obra é uma novela autobiográfica. Para ela “livro ingênuo e poético que, sem dúvida, agrada a uma determinada faixa de leitoras” (COELHO, 1982, p. 757).

13. *As empregadas* (1981)

A pesquisadora considera que o assunto abordado nesta obra, *empregadas domésticas*, seja “um dos mais sérios a serem resolvidos pelas sociedades em desenvolvimento” (COELHO, 1982, p. 757). Além dessa questão, a escritora também insere no livro outros quesitos pertinentes à mulher moderna, apresentando tanto o panorama das moças que migram de regiões subdesenvolvidas para prestarem serviço doméstico nos grandes centros urbanos quanto a realidade das patroas. Coelho ainda destaca:

Novela que traz à tona problemas de todo o dia, na sociedade moderna, e de cuja solução dependerá, sem dúvida, o novo equilíbrio social, AS EMPREGADAS é sem dúvida, excelente leitura para aquelas (ou aqueles) que ainda não se conscientizaram suficientemente das transformações em curso em nosso cotidiano... (COELHO, 1982, p. 758).

O Mundo de Aventuras (históricas, policiais ou de pura ficção)

1. A montanha partida (1964)

Coelho comenta que a obra trata das aventuras de um estudante de medicina, de 17 anos, que busca, junto com um grupo de cientistas, local na selva brasileira para instalarem um Observatório Astronômico. Informa que o livro é narrado em forma de diário e cita brevemente sobre o enredo.

2. No roteiro da coragem (1975)

Destaca nessa novela histórica, a “linguagem literária tradicional e visão de mundo idealizada” (COELHO, 1982, p. 758)

3. O caminho do sul (1975)

A obra trata da colonização italiana no Brasil, sendo que para Coelho, o “livro se integra perfeitamente no já conhecido universo de ficção criado pela autora. Muito respeito humano, muito amor, muito idealismo construtor e auto-doação” (COELHO, 1982, p. 759)

4. O mistério da boneca (1977)

Coelho explana concisamente sobre o enredo do texto e afirma:

Ao nível do literário, a narrativa é ágil e prende a atenção do leitor. Há porém, uma falha do tratamento do *foco narrativo*, que prejudica a organicidade da obra. Note-se que *o foco escolhido foi o de 1ª pessoa* (a repórter é a voz narradora); no entanto, a partir do cap. VI, passa ser de *3ª pessoa* (narrador onisciente); e isso, sem que nada no plano da narrativa pudesse justificar. Não se trata, aqui, do possível “foco múltiplo”, adotado em certa linha de ficção contemporânea, mas simplesmente de mudança motivada pela dificuldade que a autora deve ter enfrentado para dar continuidade à sua estória e esclarecer os fatos, ficando “limitada” pela visão de uma única personagem. Na verdade, Odette é a narradora onisciente, por excelência, - aquela que se quer testemunha de uma época ou de um momento. Daí sua dificuldade em se manter despersonalizada, quando escolhe a perspectiva exclusiva de um personagem (COELHO, 1982, p. 759).

5. *O mistério do botão negro* (1977)

Nessa obra a escritora retoma o estilo detetivesco, em que o garoto Cuco vive uma “série de aventuras com ladrões de sacola do correio”. Segundo Coelho, com uma travessura qualquer, no tudo acaba sendo resolvido. “Diverte o jovem leitor...” (COELHO, 1984, p. 759).

6. *O caso da ilha* (1978)

Coelho faz uma breve síntese do enredo e afirma - “tudo bem encadeado, em ritmo fluente, numa atmosfera que faz lembrar os filmes aventurecos da TV. Trata-se de uma trama policial, com linguagem ágil como sempre, explorando um enredo ingênuo, mas que deve atrair o pequeno leitor” (COELHO, 1984, p. 759).

7. *Vinda com a neve* (1982)

Essa obra se ambientaliza na China, história infantil, voltada para o conto maravilhoso. Segundo Coelho, uma bela história, pautada por amizade, amor e generosidade na busca pela superação da miséria. Coelho afirma que “a linguagem narrativa conseguiu alcançar a tonalidade adequada à matéria ali transfigurada em Literatura” (COELHO, 1984, p.760).

Nota final do capítulo

Em nota, Coelho fornece alguns dados sobre o último livro recebido de Odette de Barros Mott, *A Muiraquitã*, e justifica que este não foi comentado junto aos demais tendo em vista que o “dicionário já estava em provas” quando do recebimento deste último texto literário da escritora. Informa ainda que em breve a escritora apresentaria o livro infantil *O primeiro sorriso de Jesus*.

3.2.3 Literatura infantil: autoritarismo e emancipação

Regina Zilbermam e Ligia Cademartori objetivam através dos ensaios contidos nessa obra, “considerar metodicamente a literatura infantil”, apresentando reflexões sobre o “lugar da literatura infantil na vida da criança” e ainda propõem “análise de obras” que permeiam o cenário nacional. No capítulo 5, em que tratam sobre “A literatura Infantil brasileira em formação” há um subtítulo “A preocupação realista”. Para discussão dessa temática, caberia a análise de uma das obras de Odette de Barros Mott que discorre sobre tal temática em vários livros de sua autoria, como *Justino, o retirante*, obra da autora que mais se destacou na abordagem desta temática. No entanto o livro não é privilegiado para a análise, espaço ocupado por Wander Piroli, *Os rios que morrem de sede*, (1976), publicado seis anos após *Justino, o retirante*.

3.2.4 O percurso para o meio urbano em *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*

Na obra *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*, as autoras comentam que com *Justino, o retirante* (1970), “a literatura infantil brasileira passa a apontar crises e problemas da sociedade contemporânea” (LAJOLO e ZILBERMAM, 1984, p.126-126). De acordo com colocações das autoras

depois de Lobato, que não abandona o sítio de Dona Benta nem seus netos e moradores, vários escritores contemporâneos repetem figuras e ambientes, fazendo sua obra correr o risco de redundância e aproximando-se perigosamente da cultura de massa” (LAJOLO e ZILBERMAM, 1984, p.126).

Depois dessa tendência de retratação do meio rural, alguns autores ousaram em partir para o percurso da urbanização. Assim, na década de 1960 essa temática era recorrente. Dessa forma, a obra *Justino, o retirante*, abrindo a década de 1970, apresenta-se, de acordo com Lajolo e Zilbermam, como obra inovadora em relação à temática abordada. Ressaltam que

[...] é só com *Justino, o retirante* (1970), de Odette de Barros Mott, que a literatura infantil brasileira passa a apontar crises e problemas da sociedade contemporânea. A partir dessa obra, a tematização da pobreza, da miséria, da injustiça, da marginalização, do autoritarismo e do preconceito torna-se irreversível e mais amarga (LAJOLO e ZILBERMAM, 1984, p.125).

Destacam a contribuição da obra não só na inovação da temática, mas também por colocar em pauta problemas sociais brasileiros. *Justino*, o protagonista da história, representa a legião de retirantes nordestinos, que, por falta de alternativa em permanecer em sua região natal, buscam uma vida com mais dignidade. Para *Justino* a busca foi bem sucedida.

Outra obra de Odette de Barros Mott citada pelas autoras é *A rosa dos ventos* (1972). Segundo Lajolo e Zilbermam, neste livro a autora “é menos otimista”. Afirmam:

Luís, morador da periferia paulistana, ao contrário das personagens típicas da dessa escritora, não é feliz para o resto da vida: na cena final, sua dependência das drogas é a medida de sua derrota (LAJOLO E ZILBERMAM, 1984, p. 126).

Segundo as pesquisadoras, Odette de Barros Mott mantém a preocupação de tratar de questões sociais, agora em um cenário de grande centro urbano, e apresenta uma mudança quanto à tendência a finais felizes, em que os problemas abordados encontram um meio favorável para resolução do conflito apresentado.

No capítulo que trata da “narrativa infantil em tom de protesto”, Lajolo e Zilbermam comentam sobre a obra *Aventuras do escoteiro Bila* (1964). De acordo com as escritoras, a década de 60 coloca em segundo plano o elogio ao Brasil rural, que permeava as histórias destinadas à infância na década anterior, evidenciando o Brasil urbano. Nesse momento, as histórias apresentavam uma visão tão otimista da sociedade urbana brasileira quanto a imagem retratada da vida rural nos livros da década 1960. Segundo as autoras, a obra de Odette de Barros Mott foge à “romantização” da sociedade.

A ruptura começa a esboçar em 1964, com *Aventuras do escoteiro Bila*. Apesar do sotaque bilaquiano que o elogio do escotismo traz para o livro, o desejo de migração para a cidade e as dificuldades por que passam os

pequenos sitiantes apontam, se bem que de forma ainda tímida, para a ruptura de uma imagem otimista da sociedade brasileira. Bila muda-se para a cidade, onde frequentará a escola. Mas isso só ocorre graças à ajuda que seu padrinho, gerente de banco, promete à família (LAJOLO & ZILMERMAM, 1984, p. 137).

Ainda no capítulo que tratam do tom de protesto na narrativa infantil, as autoras retomam considerações sobre a obra *Justino, o retirante*, apontando que

[...] a crise social é documentada com mais rigor, na história do menino de doze anos que, perdendo pai e mãe, decide largar a terra em que vivia, reclamada pelo patrão. Em seu itinerário de retirante, ele abandona o sertão e chega a Canindé, cidade maior, onde fará o ginásio. Embora seus problemas só se resolvam graças à generosidade de Dona Severina, o texto é suficientemente complexo para registrar transformações profundas trazidas pela modernização econômica da sociedade brasileira. A viagem de Justino não é só geográfica: ele migra também de uma economia de trocas para uma economia mais sofisticada, correspondente a uma vida onde as relações sociais são bem mais complexas (LAJOLO e ZILBERMAM, 1984, p. 137-138).

No entanto, as autoras destacam que, tanto em *Aventuras do escoteiro Bila* quanto em *Justino, o retirante*, há um mito em relação à realidade urbana, pois o primeiro o livro encerra antes de Bila mudar-se para a cidade, o segundo, Canindé não representa a realidade de um considerável centro urbano.

As pesquisadoras apontam que “o registro de uma realidade urbana mais degradada vai ocorrer” em *A rosa dos ventos* (1972). A história se ambienta em São Paulo, onde um grupo de jovens da periferia paulistana trabalha no centro da cidade. São indivíduos pobres, subordinados a um patrão, oriundos de famílias desfeitas. As autoras afirmam que “as várias situações de enredo fazem o livro avançar um passo em relação aos anteriores, na medida em que o povo pobre e sofrido participa da história” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 138). Mesmo não sendo um avanço tão considerável a “um passo”, as autoras acenam para a evolução na narrativa da escritora. Colocam também:

A par de um retrato quase sem retoques da realidade urbana e da marginalização econômica vivida por crianças e jovens, o livro tematiza ainda outros problemas: uso de drogas, carência afetiva, tendências homossexuais. Se a última questão se resolve ao fim da história, quando Tico encontra sua masculinidade através de Marta, outra personagem, Luís, envolve-se irremediavelmente com traficantes de drogas e se vicia em maconha. Confirma-se, assim, que a vida urbana representada em *A rosa dos ventos* é mais isenta da idealização que presidia a representação da distante cidade que alimentava planos e sonhos de Bila e Justino. Este livro, no entanto não chega aos últimos desdobramentos da crise que documenta a

acaba endossando a tese ingênua de que a sociedade moderna oferece, aos que se esforçam, oportunidade de ascensão social, através de personagens como Marta ou Maria José, que prosseguem nos estudos e progredem no emprego (LOJOLO e ZILBERMAN, 1984, p 139).

No final da obra *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* há um capítulo destinado à Cronologia histórico-literária, em que as autoras apresentam anualmente, de 1880 a 1980, de forma breve, fatos importantes do contexto histórico e lançamentos de obras de literatura infanto-juvenil brasileira que se destacaram em cada ano. Nesse panorama, as obras de Odette de Barros Mott são destacadas nove vezes, entre o período de 1964 a 1980: 1964 – *Aventuras do escoteiro Bila*; 1965 – *A montanha partida*; 1970 – *Justino, o retirante*; 1971 – *Marco e os índios do Araguaia*; 1972 – *A rosa dos ventos*; 1974 – *E agora?*; 1975 – *A caminho do sul*; 1977 – *O segredo de Lenita*; 1980 – *Mistério? Misterioso amor*.

3.2.5 Um Brasil para crianças

Nessa obra, no capítulo intitulado “A literatura infantil brasileira: arte, pedagogia, indústria (1965-1980)”, as autoras Zilberman e Lajolo evidenciam a dependência da produção literária infantil às instituições de ensino. A circulação das obras não escapava ao viés pedagógico, por isso, o *marketing* desses textos priorizava o espaço escolar, as propagandas se direcionavam a professores, além de autores encontrarem no ambiente escolar um excelente espaço para divulgarem seus escritos, apresentando sugestões para aproveitamento de seus textos, justificando assim, as frequentes visitas deles às escolas. Como parte das estratégias de divulgação e a serviço do papel pedagógico, a editora encaminhava junto com o livro, fichas de leitura, que traziam sugestões para o trabalho em class. Neste cenário, as escritoras citam a obra *A 8ª série C*, que retrata “a modernização por que passou a imagem da escola no interior da literatura infantil de hoje” (ZILBERMAM e LAJOLO, 1988, p. 174). Essa leitura dirigida estaria a favor da “inculcação de certos valores, comportamentos e atitudes”, contribuindo com a prática civilizatória e educativa.

Ainda nessa obra, as autoras reafirmam o caráter inovador dos livros *Aventura do escoteiro Bila* e de *Justino, o retirante* quando à apresentação dos problemas do Brasil urbano na literatura infantil brasileira. Lembram mais uma vez que a autora realmente incorpora a questão da urbanização em seus textos, a partir de *A rosa dos ventos*. De acordo com as autoras:

[...] a fragmentação do enredo e a multiplicação de personagens abrem caminho para obras menos complacentes ideologicamente como as que, ao longo dos anos 70, tematizam as crises sociais que explodem nas cidades brasileiras (ZILBERMAN e LAJOLO, 1988, p 177).

Com o intuito de exemplificar o que foi afirmado, as autoras inserem um trecho de *A rosa dos ventos*, que ocupa por volta de três páginas do livro. Apresentam também uma bibliografia da autora, nomeando cada obra publicada e informando a data de publicação, de 1951 a 1985, de acordo com dados fornecidos por Odette de Barros Mott.

3.2.6 A presença de Odette de Barros Mott em *O caminho das águas*

Edith Piza trata nessa obra de quatro escritoras brasileiras, oriundas do meio doméstico, brancas, que se dedicaram à produção de literatura infantojuvenil, representado em algum momento de suas produções, a mulher negra. É por esse motivo que Odette de Barros Mott é uma dentre as quatro escritoras relacionadas por Edith Piza. A autora resgata a biografia de Odette de Barros Mott desde a infância, dando ênfase ao modo como desencadeou o processo de produção de literatura, inclusive com trechos transcrito de entrevista concedida pela escritora. De acordo com Piza, a receptividade das obras da escritora “estava garantida por uma temática centrada no ‘educativo’, com soluções ‘róseas’ e um tratamento linguístico ‘apropriado’ para crianças e adolescentes” (PIZA, 1998, p. 151). Piza observa ainda, que Odette procura assumir o papel de orientadora, da juventude dos anos 60. De acordo com a autora, Odette de Barros Mott assume seu novo momento literário a partir do momento que passa a ouvir os questionamentos dos leitores adolescentes, sobre “drogas, sexualidade, política, etc”, e assim afirma que “Odette é, sem dúvida, pioneira no panorama da literatura juvenil brasileira, por ter introduzido temas vigorosos, capazes de suscitar polêmicas” (PIZA, 1998, p. 153).

Segundo Piza, Camila, personagem de *E agora?* (1974), introduz o tema preconceito racial na literatura de Odette.

3.2.7 E no séc. XX..., em literatura infantil: teoria, análise e didática

As obras de Odette de Barro Mott são citadas por Nelly Novaes Coelho no capítulo que trata sobre “A literatura infanto/juvenil brasileira no século XX”. No momento em que discorre sobre “Linhas e tendência da Literatura infantil/juvenil contemporânea”, como

proposta didática, sugere cinco linhas básicas para o estudo da desta temática. Dentre elas, a “Linha do Realismo Cotidiano”. Nesse item apresenta ainda subdivisões, como “Realismo crítico”, destacando obras ligadas à realidade social. Dentre as obras destacadas para exemplificar o item, encontramos uma obra de Odette de Barros Mott, *Justino, o retirante*. Ainda na mesma linha, retratando agora o “Realismo histórico”, Coelho cede espaço para outra obra da autora, *A Transa-amazônica* ou *Marco e os Índios do Araguaia*.

3.2.8 Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores

Gregorin traça, no segundo capítulo do livro, um “Breve histórico do percurso da literatura juvenil” e cita Odette de Barros Mott e João Carlos Marinho como exemplos de autores que contribuíram para o “chamado *boom* da literatura para crianças e jovens dos anos 70”. Segundo ele “[...] conseguiram, em meio a implacável censura que dominava o período, discutir algumas questões importantes da sociedade da época, além de terem expressiva leitura nas escolas” (GREGORIN, 2011, p.44). A autora é novamente citada pelo pesquisador quando ele apresenta quadros referentes à formação da literatura juvenil, em diferentes momentos históricos, desde a época do Brasil colônia até a contemporaneidade. No recorte que corresponde à época dos governos militares (1964-1985), a autora é destacada em três momentos: 1970, com *Justino, o retirante*; 1973, *A Transa Amazônica*; 1974, *E agora?*. Odette de Barros Mott compõe este quadro ao lado de autores consagrados como: Guimarães Rosa; Lygia Bojunga; Cecília Meireles, Clarice Lispector, Mário Quintana, João Cabral de Melo Neto, Moacyr Scliar, dentre outros.

Fazendo um balanço das impressões da crítica especializada citadas neste capítulo, pensamos que quanto à postura de Arroyo de não considerar as obras da escritora, podemos inferir que as primeiras publicações de Odette de Barros Mott não foram significativas e apesar da expressiva aceitação do livro *Aventuras do escoteiro Bila* (1964), a obra ainda era bastante recente em relação à época de publicação do trabalho citado do pesquisador, assim, a autora pode ter sido considerada por ele como incipiente.

Depois de 14 anos da publicação da obra de Arroyo, Nelly Novaes Coelho apresenta ao público o *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira 1882-1982*, em que comenta toda a produção literária de Odette de Barros Mott, realizando uma leitura crítica das obras mais significativas da autora. Notamos neste trabalho apresentado por Coelho, que de modo eufêmico, ela expõe a incipiência da autora, por exemplo, quando comenta a obra *O mistério da boneca* (1977) temos a impressão de que Coelho quer justificar a inabilidade da

autora em lidar com o foco narrativo afirmando “Na verdade, Odette é a narradora onisciente, por excelência, [...]. Daí sua dificuldade em se manter despersonalizada, quando escolhe a perspectiva exclusiva de um personagem” (1984, p.759). Apesar de Coelho enaltecer certas habilidades de Odette, como quando afirma “A autora domina com grande desenvoltura todos os recursos narrativos: descrição, narração, diálogos, digressões, caracterização das personagens, do espaço” (1984, p.749), apresenta também suas fraquezas discursivas como quando comenta a obra *Justino, o retirante* (1970), “A filosofia do universo de ficção, criado aqui pela autora, é de raiz romântica [...] que se impuseram ao mundo ocidental, a partir do séc. XIX” (1984, p.745-746), assim, mesmo intencionando apresentar um texto que retrate o real, Odette aprisiona-se como vítima da ideologia imposta pelo sistema. Outra fragilidade do texto de Odette evidencia-se no trabalho com a linguagem, como por exemplo na obra *Aventuras do escoteiro Bila*, em que predomina o uso da linguagem padrão, que ao invés de representar o real, revela a linguagem que seria “ideal”. Desse modo, confirma-se a ideia de que a autora não atinge a maturidade esperada para a produção literária que realiza, pois seu aprimoramento literário durante os quase 50 anos dedicados à literatura para jovens leitores não foi suficiente para atingir a supremacia no texto literário.

Refletindo sobre a fortuna crítica de Odette de Barros Mott, percebemos que sua produção literária ainda foi pouco investigada. A obra mais comentada é *Justino, o retirante*, a campeã de vendas da autora. Os poucos estudos enfocam um pequeno número de obras, com exceção do *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982* de Nelly Novaes Coelho, que apesar de fazer um trabalho mais detalhado, por ter sido publicado em 1982 e Odette Mott ter produzido por mais de uma década além desta data, muitas obras não foram apreciadas pela pesquisadora.

Com base no que os especialistas apresentaram sobre a produção da autora, traçamos três linhas críticas sobre o balanço de Odette de Barros Mott.

A primeira linha aponta nas obras a proximidade de temas com a realidade, ficando evidente a busca de informação, pela escritora, antes de desenvolver um assunto. Defende que a autora domina recursos narrativos e que no decorrer de sua produção, demonstra domínio crescente da arte literária. Apesar da busca pelo realismo, ponto em destaque na obra naquele momento, pontos fracos são evidenciados, como a dificuldade da autora em utilizar o foco narrativo em primeira pessoa; o uso da linguagem predominantemente atrelada à norma padrão, em contextos em que tal voz não seria a usual nem aos personagens nem aos leitores preferenciais; enredos ingênuos com preponderância de final feliz. Assim, seus textos não deixam de apresentar tendência pedagógica. Os estudos de Coelho se encaixam nesta linha.

A segunda defende o engajamento dos textos da autora com as questões sociais, apresentando um realismo que se mostra inovador quanto à tendência da época. No entanto, apesar destes serem os pontos fortes destacados, há também apontamentos contrários, como a tendência em resolver os conflitos apresentados e ainda, que seus textos retratam teses ingênuas, discurso que pretende orientar a juventude com clara intenção de inculcação de valores morais, de comportamentos e atitudes. Nesta linha de pensamento, destacamos Regina Zilberman, Mariza Lajolo, Ligia Cadermatori e Edith Piza.

Em uma terceira linha crítica, a autora é apontada por sua grande contribuição, na década de 70 para a expansão da leitura juvenil brasileira e pela importância em dar visibilidade a temas significativos para sociedade de época. É enaltecida também pelo fato de, em plena ditadura militar, abordar temas polêmicos. Nesta perspectiva não são levantados pontos negativos da produção da autora.

Vistas as colocações dos especialistas citados e apesar de Odette de Barros Mott apresentar obras inovadoras quanto à temática e ainda ousadas quando aborda questões pouco discutidas de conflitos da sociedade, seus livros não foram capazes de romper com a literatura pedagogizante, utilitarista, provavelmente por intencionar que o leitor jovem, além de se divertir com seus textos, pudesse também aprender algo de útil, positivo para sua formação.

Assim, apesar da importância de Odette de Barros Mott para a consolidação da literatura juvenil brasileira, seus textos não se desvencilham do pragmatismo.

Essa situação nos remete a considerações apresentadas pelo sociólogo Antônio Candido sobre dois tipos de arte, sobretudo na literatura, que seria a arte de agregação de arte de segregação. Ele afirma:

[...] arte de agregação e arte de segregação. A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como formas de expressão de determinada sociedade. A segunda se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores que se destacam enquanto tais, da sociedade (CANDIDO, 1976, p. 23).

Aplicando tais considerações do sociólogo voltadas para as obras de Odette de Barros Mott, e também as considerações apresentadas ao longo deste capítulo, a arte da escritora estaria voltada para agregação, que permeia os meios de massa, atendendo ao sistema simbólico vigente, não sendo capaz de romper com o mesmo. Tal situação pode ser confirmada ainda nas palavras de Coelho, quando afirma “Seu processo literário é de lastro

tradicional, - característico da ficção pós-romântica, que se generalizou em nosso século como literatura para o *grande público*” (COELHO, 1984, p. 744).

O sociólogo ressalta que não se trata de separar aquela que agrega daquela que segrega, pois devem ser aspectos constantes de toda obra. Mas completa:

Mas se considerarmos apenas a predominância de um ou de outro, a distinção pode ser mantida, o que nos interessa aqui sobremaneira, pois foi feita com o pensamento em dois fenômenos sociais muito gerais e importantes: a integração e a diferenciação. A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros (CANDIDO, 1976, p.23).

Considerando os estudos desenvolvidos por Jauss, afirmamos que as obras escritas por Odette de Barros Mott não representam ruptura com o horizonte de expectativas do público de sua época de publicação. Segundo Jauss

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência uma “mudança de horizonte” (JAUSS, 1994, p. 31).

Assim, não haveria distância estética entre as obras de Odette em relação às antecessoras. Ao invés de romper com o horizonte de expectativa, suas obras atendem ao que já está consolidado. Dessa forma, o valor literário de seus textos é questionável, sendo que estes se aproximam do que Jauss denomina de arte “culinária” ou ligeira, obras que reforçam o que já está posto, reiteram o conhecido, não abrem perspectivas inovadoras, simplesmente satisfaz a demanda do usual, “confirmando sentimentos familiares, sanciona as fantasias do desejo, [...] lança problemas morais, mas apenas para “solucioná-los” no sentido edificante” (JAUSS, 1994, p.32). O estudioso ainda coloca:

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona, ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético. A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista estético da recepção, o caráter artístico de uma obra literária (JAUSS, 1994, p. 31).

Obras que atendem às características apresentadas são tidas como passageiras, que não entram para o cânone, caindo no esquecimento de acordo com o aparecimento de obras inovadoras. No entanto, alguns livros da autora continuam sendo editados, mesmo tendo passado quarenta anos de seu lançamento, como é o caso de *A 8ª série C* e *Justino, o retirante*, que foram reeditados em 2013, pela editora Atual, em comemoração ao centenário de vida de Odette. Ressaltamos que *Justino, o retirante* faz parte do acervo do PNBE em 2006 e novamente em 2013, editado pela Saraiva.

É relevante reiterar que essa foi a obra mais vendida da autora e uma das poucas que continuam reeditadas. Entendemos que *Justino, o retirante*, permaneça em circulação devido à temática abordada, a seca no nordeste e o sofrimento e abandono das pessoas que lá se encontram. Mesmo apresentando o meio urbano como um ambiente idealizado, local para estudo e a partir da formação, ascensão social, sua permanência no meio editorial se justificaria pela peculiaridade em relação ao tema, tornando-a pertinente mesmo depois de anos de seu lançamento.

3.3 REPENSANDO A FORTUNA CRÍTICA DE MOTT

De acordo com Perrotti (1986), até 1970, imperou no mercado editorial juvenil brasileiro, a concepção utilitária da literatura. Cabe ressaltar que, considerando a produção literária destinada às crianças e jovens no mundo, a tendência pedagógica é uma herança marcante. Citamos como exemplo, o moralismo presente nas fábulas de Esopo – séc.VI a.C., a postura moralizante utilitarista em Fénelon (1651-1715), ou ainda os contos de advertência de Perrault (1628-1703). É somente no século XIX que começa a surgir na Europa, uma literatura menos marcada pelo utilitarismo. No Brasil, a “condição de colônia”, a dependência política e cultural em relação a Portugal, norteou os rumos da literatura para crianças e jovens até o século XX. Segundo Perrotti, a partir de década de 70, surge uma geração de escritores em nosso país, que retoma, na produção de textos para o público não adulto, os ideais de Lobato, desvinculando-se do papel de pedagogos e moralistas, cedendo espaço para o reconhecimento da obra enquanto objeto estético, apresentando assim, uma postura inovadora quanto ao papel social do escritor para tal faixa etária de leitores. Dessa forma, a literatura produzida para o público jovem caminhava em direção ao que se pode chamar de arte. No cenário da nova geração, destaca autores como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Elvira Vigna, Marina Colasanti. As autoras nominadas representam uma parcela dos

escritores que produziam para o público jovem da década de 70, sendo que a tendência utilitarista continuou seu curso, ocupando amplo espaço no mercado editorial.

Tratando sobre o “discurso utilitário” e “discurso estético”, Perrotti (1986, p.15) afirma que aquele, “obedece a razões externas do próprio discurso [...] se organiza para agir sobre o leitor”, sendo que o narrador, com postura de professor, centra-se no ensinamento, desencadeado no leitor a posição de aluno; este, “se estrutura segundo critérios decorrentes de sua própria dinâmica interna, resultando daí conceitos diferenciados como “autonomia”, “auto regulação”, [...] indicando em última instância, a preocupação em centrar o eixo do discurso”. Assim, enquanto o discurso utilitário está centrado sobre o destinatário, de acordo com a ótica de quem narra, o discurso estético abre perspectiva para diversos níveis de leitura a serem definidos pelo leitor. Para o discurso estético, não cabe a transmissão de certezas e/ou doutrinamentos. Perrotti afirma que:

Ultrapassar o utilitarismo não significa deixar de reconhecer que a obra literária educa, ensina, transmite valores, desanuvia tensões etc. Significa dizer que, se a obra realiza todas essas funções, ela o faz de um modo específico, que determina sua própria natureza. Dessa forma, por sua especificidade, possui sua própria dinâmica, suas leis, suas exigências internas que, se violadas em nome de um valor exterior como a eficácia junto ao leitor, pode comprometer irremediavelmente sua integridade estética (PERROTTI, 1986, p. 22).

Refletindo sobre essa questão, percebemos que não cabe levantar a bandeira de que o discurso estético é um discurso “puro”, em que a instância ideológica não se apresenta. O que podemos afirmar é que enquanto no discurso utilitário, a instância ideológica representa a essência do texto, no discurso estético, ela é acidental. Nesta perspectiva, o discurso utilitário pode “convencer o leitor de determinado ponto de vista do autor”, teríamos assim, um emissor que controla a “verdade”, funcionando com agente manipulador do destinatário, “caracterizando um discurso *de e pelo Poder*” (PERROTTI, 1969, 39).

O pesquisador denomina ainda o que chama de “utilitarismo às avessas”, textos que aparentemente rompem com os esquemas tradicionais, que toma partido da criança, mas que não são capazes de desvencilhar-se do ensinamento. Perrotti utiliza o texto *Raul da ferrugem azul*, de Ana Maria Machado, para exemplificar o “utilitarismo às avessas”. Segundo o pesquisador, apesar de estar presente na obra a intenção de “ensinar o leitor formas de conduta”, a autora prima por um discurso menos apregoado de doutrinamento, além de saber utilizar o humor, o que contribui para atenuar o utilitarismo (PERROTTI, 1986, p.123). Esse tipo de texto que não é capaz de atingir um discurso plurissignificativo, que se localiza no

meio do caminho entre o tradicional e o inovador, em que o ensinamento não está aparente, pode criar no leitor a ilusão de que a obra não possui raiz pedagógica.

Para Escarpit (1974), quando se fala em literatura, fala-se em sistema de valores, submetido a juízo subjetivo impressionista ou pela razão exterior à literatura, dissolvendo assim as fronteiras do literário e não literário. Aponta também que o escritor, em certo ponto, é um inventor de significados, assim deve manter sua capacidade de seleção. Diz que o fenômeno literário resulta do equilíbrio, acomodação ou enfrentamento, entre as situações históricas e a liberdade do escritor.

De acordo com Antonio Candido (1976), a obra é fruto da iniciativa individual em junção às condições sociais, ambas são indissociáveis e que é através do texto que se dá a interação “autor, obra e público”. Desse encontro, configura-se o sentido do texto. Ressalta que o trabalho artístico não está subordinado à realidade, cabendo ao escritor a liberdade de criação, sendo que o real faz parte do texto literário, mas não é o texto literário, ou ainda, por mais diferente que seja o assunto, o real precisa estar presente, pois, a obra não é a realidade, mas a realidade está presente na obra. Coloca que “o valor social é invocado para explicar a estrutura do texto e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (p.14).

Mortatti (2001) lembra que a língua se concretiza no texto, sendo este um “produto de interação verbal”. Reproduzimos a seguir algumas colocações apresentadas pela estudiosa (2001):

O texto é a materialização de um projeto (discursivo), concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe - dentre as possíveis e conhecidas - as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro(s).

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê) e estruturais-formais (como?) projetadas por determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor previsto (para quem?), assim como a circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto (ITINERÁRIOS, Araraquara, p. 183).

Considerando o pensamento dos três últimos pesquisadores citados, entendemos que a leitura crítica da literatura produzida para crianças e jovens, deva ir além da classificação do âmbito das Letras ou da Educação entre o gênero literário ou didático.

De acordo com Ceccantini, a produção literária para jovens, moderada pelo mercado, escola, família e por outros segmentos que interferem na escolha e leitura da literatura juvenil, pode ser tratada como uma “estética da formação”, entendida como “um olhar sobre a relação do que e como a obra trata determinado tema frente ao que é buscado pelo jovem”. A “estética da formação” pode ser compreendida por três segmentos: *o tema*: caracterizado quando a intenção da obra centra-se na busca da identidade e do processo de amadurecimento do jovem, seja enfatizando o quesito intelectual, físico, emocional ou outro; *o ser em formação*: que considera a recepção da obra pelo leitor, sendo relevante o aspecto de formação; *Formação literária/estética em contraste com a visada pedagógica*: obras que não atendem à demanda de textos para o consumo rápido, com proposta mais ampla para interpretação, que abre espaço para a participação de um leitor ativo. Esses textos tendem a permanecer circulando no sistema literário, mesmo tendo sido produzidos em tempo diferente da atualidade.

O estudo apresentado por Ceccantini nos abre uma possibilidade para compreender a abrangência dos textos de Odette de Barros Mott entre os jovens leitores e ainda a permanência de parte de suas obras no sistema literário e cultural brasileiro. Como primeiro exemplo, citamos o livro lançado em 1970, *Justino, o retirante*, que integrou ao PNBE – Plano Nacional Biblioteca na Escola – em 2006 e novamente em 2013. Ainda em 2013, em comemoração ao centenário de vida da autora, a editora Atual reeditou o *bestseller* da autora, *Justino, o retirante* – na 46 edição - e 8. Série C, agora designado 9. *Ano C* – na 29. edição. Além desses, vale a pena analisar parte de sua produção lançada na década de 70, pois ainda que apresente textos que tendem ao discurso utilitário, como se ela ofertasse ao leitor uma “receita de mundo” a ser vivida, a autora ousou tratar de temas tidos até então como tabus, considerando também que na década de 70, a imprensa vivia sob severo controle do governo militar. Assim, na década citada, é corrente encontrarmos nas obras da escritora, a abordagem de temas ainda pouco recorrentes na literatura para o público jovem, como o uso de drogas, homossexualismo, seca no nordeste, injustiça social, defesa da população indígena, preconceito racial e social, meio escolar, entre outros.

4 A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM PAUTA

Para nos inteirarmos acerca da produção literária de Odette de Barros Mott, fizemos a leitura de todas as suas obras que ainda se encontram no mercado, sejam as que possuem novas edições ou aquelas encontradas em lojas de livros usados. Para melhor organização desta leitura, optamos por fichar os textos segundo a grade do PROCAD – já citada anteriormente. A seguir apresentamos algumas informações sobre cada item que compõe a grade, e então, os dados obtidos de acordo com as leituras realizadas. No final deste subtítulo, as obras *Justino, o retirante* e *E agora?* são analisadas a partir das concepções do romance de formação.

4.1 A GRADE-MODELO E SEUS 15 CAMPOS

Reproduzimos a seguir a grade que será utilizada para catalogar as obras de Odette de Barros Mott e em seguida comentamos cada campo com intuito de esclarecer o enfoque que daremos em cada item.

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

Campo 1 – Primeira edição

Informamos neste campo o ano em que a narrativa foi publicada pela primeira vez, pois nem sempre foi possível trabalhar com a primeira edição das obras analisadas, sendo que a escritora produziu mais de 70 obras, entre 1951 a 1995, assim, não encontramos a primeira edição de todos os livros analisados. É importante ressaltar que há certa divergência entre a crítica especializada, quanto às datas de publicações das obras da autora, por conseguinte, decidimos seguir as referências fornecidas por Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1988, p.241)⁷, para as obras publicadas até 1985. Para os textos publicados a partir desta data, tomamos como parâmetro o blog da autora⁸, criado por Luiz Mott, filho de Odette de Barros Mott.

Campo 2 – Referência

Trata-se da referência bibliográfica completa da edição analisada.

Campo 3 – Subgênero

O objetivo deste item é classificar as obras, de acordo com os subgêneros narrativos. Consideramos que não se trata de uma tarefa simples, pois se a divisão em *gêneros* abre margem para discussões, desde a Antiguidade Clássica, contando com considerações de Platão e Aristóteles, o desmembramento em subgêneros apresenta-se ainda mais conflitante. O que justifica a escolha por este campo é a intenção de apresentar a linha em que se insere a narrativa analisada, mesmo que de forma ampla e discutível.

A classificação será feita de acordo com a seguinte lista, adaptada a partir da tabela sugerida por Célia Maria Escanfella, em sua tese de doutorado, apresentada para a PUC/SP – 2006.

- Aventura;
- Viagem passeio real ou sonhado;
- Policial;
- Questões sociais/política;
- Vida psíquica (história intimistas) - Os gêneros confessionais (memórias, diário, autobiografia) escritas em primeira pessoa;
- Vida cotidiana, ciclo de vida, hábitos;
- Tema histórico não biográfico;
- Lição de vida;

⁷ LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira-histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

⁸ Disponível em: <<http://odetemott.blogspot.com.br>> Acesso em: 16 de maio de 2014.

- Moral;
- Folclore e contos etiológicos.

Campo 4 - Resumo

Neste campo, procuramos sintetizar a história (*diegese* ou *fábula*) da obra, buscando apresentar em ordem cronológica, as ações e fatos em que os personagens se envolvem.

Campo 5 – Temática

Neste item, procuramos identificar as linhas temáticas centrais da narrativa analisada. Ressaltamos que devido a escolhas subjetivas do leitor, não se trata de uma classificação definitiva e imutável, apresenta-se apenas como uma proposta possível de leitura.

Campo 6 – Personagem principal

Sendo as personagens um dos principais elementos constitutivos da narrativa, além dos protagonistas, procuramos dar espaço neste item também àquelas personagens que desempenham ação significativa na trama da história, assim como os antagonistas. Não nos ativemos a pormenores, e sim a nomeá-las, apresentando algumas informações que julgamos relevantes e destacando o seu grau de importância na história ou seu grau de densidade psicológica.

Campo 7 – Macro espaço

Este item se refere ao contexto geográfico físico maior, em relação às demais referências em que ação narrativa se desenvolve, como mundo, país, Estado, etc.

Campo 8 – Micro espaço

Posto o macro espaço, a referência ao micro espaço atem-se aos pontuais espaços em que as personagens atuam e as ações acontecem, como uma casa ou estabelecimento comercial, salas e cômodos específicos, etc.

Campo 9 – Tempo histórico

Neste campo, indicamos a época em que a narrativa se desenrola, sendo a informação explícita ou subtendida no decorrer da narrativa. Sendo assim, quando possível, indicamos a data pontual e quando houve necessidade de inferir, apresentamos uma data aproximada.

Campo 10 – Duração da ação

Procuramos delimitar o intervalo de tempo utilizado para o desenvolvimento da narração, como ano, meses, semanas, horas, etc.

Campo 11 – Voz narrativa

Indicamos aqui a voz de quem narra, apontando ainda a predominância da modalidade de discurso mais presente na obra, entre os discursos direto, indireto e indireto livre.

Campo 12 – Foco narrativo

A ênfase neste campo centra-se no *ponto de vista* ou *foco narrativo* escolhido pelo escritor, assim atentamos para a posição ocupada pelo narrador em relação à história. Neste tópico, nos valem em descrever os recursos narrativos utilizados e analisar o escritor quanto à utilização de tais recursos. (Referencial teórico Norman Friedman, na releitura de Lígia Chiappini Moraes Leite em *O foco narrativo*).

Campo 13 – Linguagem

Destacamos neste item a forma trabalhada pela autora em relação aos aspectos linguísticos, procurando perceber se a fala que representa o personagem é peculiar ao extrato sociocultural ao qual ele pertence.

Campo 14 – Projeto gráfico

Neste item apontamos alguns dados referenciais acerca das ilustrações como uso de cores ou imagem em preto e branco, quantidade e disposição das ilustrações. Procuramos destacar também a relação entre texto verbal e imagético.

Campo 15 – Palavras-chave

Neste campo relacionamos os temas e ideias de maior relevância na obra analisada como referência ao assunto focalizado.

4.2 OBRAS SUBMETIDAS À GRADE

Neste subtítulo, apresentaremos o fichamento de todas as obras da escritora ainda em circulação. Das que não foram encontradas, apresentamos o título do livro, mas os campos da grade não puderam ser preenchidos.

4.2.1 *As aventuras no país das nuvens* (obra não encontrada)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1951
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGENS PRINCIPAIS	
7	MACROESPAÇO	

8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.2 A *princesinha*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1952
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A princesinha</i> . 4.ed.São Paulo. Editora do Brasil S/A.sd. 45p.
3	SUBGÊNERO	Aventura
4	RESUMO	A bruxa Ruindade enfeitiça o bosque onde morava a fada Bondade. O rei do país em que ficava o bosque enfeitiçado estava com a filha doente. O príncipe de um reino vizinho, por amor à filha do rei, sai em busca do remédio para salvar a princesa. Para isso, tem de enfrentar desafios como matar crocodilos e águia. O rapaz é bem sucedido em sua empreitada, e além de trazer a cura para princesa, também casa-se com ela. Com a união dos dois, o feitiço do bosque foi quebrado, voltando a ser um lindo lugar.
5	TEMÁTICA	Conto maravilhoso, relações afetiva, amor.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Príncipe, responsável pelo desenrolar dos fatos e traz de volta o equilíbrio da narrativa; Princesa, motivadora para as ações do príncipe; Bruxa, que desencadeia o desequilíbrio da narrativa; vento Norte, que contribui para que o príncipe seja bem sucedido em suas ações.
7	MACROESPAÇO	Um país regido por um rei
8	MICROESPAÇO	Bosque, montanha Invencível
9	TEMPO HISTÓRICO	Na época do rei

10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Mais de um ano
11	VOZ NARRATIVA	O narrador situa-se fora da história. Mesmo havendo ocorrência de muitos diálogos, há predomínio do discurso indireto. Nos dois últimos parágrafos da história, o narrador se insere na narrativa para dialogar com o leitor.
12	FOCO NARRATIVO	Narrador onisciente neutro, predominando a fala do narrador.
13	LINGUAGEM	É utilizada a linguagem padrão, bastante distante da utilizada pelos leitores preferenciais deste livro, crianças de 6 e 7 anos.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa possui ilustração em cores, com os personagens que chamam a atenção das crianças, a princesa e o príncipe, envoltos a um arranjo de flores entrelaçadas. As ilustrações do interior do livro são em preto e branco, ocupando sempre a página toda, confirmando o que se lê no texto verbal. Algumas vezes, a ilustração é antecipada do trecho que representa, deixando o leitor desorientado até a narrativa avançar para o trecho que ela referencia.
15	PALAVRAS CHAVE	Maravilhoso, encanto, príncipe, princesa, bruxa.

4.2.3 *As aventuras do peixinho vermelho e a gota d'água*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1955
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Aventuras do peixinho vermelho e a gota d'água</i> . 4.ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A.sd. 44p.
3	SUBGÊNERO	Aventura; moral
4	RESUMO	A gota d'água ajuda o peixinho vermelho, que morava em um aquário cuidado pela linda menina Maria Lúcia, a fugir. Os dois pretendiam viver grandes aventuras e conhecer o mundo afora. Depois da fuga bem sucedida do peixinho, os dois saem pelo riozinho em busca de aventuras. Acabam se dando mal, ficando presos e tendo de servir um caranguejo

		ambicioso. São salvos por um amigo e percebem que foi um erro terem se envolvido em uma aventura tão arriscada. No fim da história, o peixinho e gotinha conseguem voltar para o aquário de Maria Lúcia, local seguro, e que segundo eles, lugar de onde não deviam ter saído. O texto representa uma fábula, pois mesmo não havendo a frase final para uma “moral” fica claro a intenção de afirmar que o lar o lugar mais seguro para uma criança permanecer.
5	TEMÁTICA	Aventuras em lugares desconhecidos
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Peixinho, que quer sair em aventuras; gota d’água, amiga e companheira de aventura do peixinho vermelho; Maria Lúcia, dona do peixinho; Luiz Roberto, irmão de Maria Lúcia; caramujo, que salva gota d’água e peixinho; caranguejo cigano, que aprisiona peixinho e gota d’água; os dois meninos que resgatam peixinho do rio, cãozinho; sapo; gato; passarinho.
7	MACROESPAÇO	Riozinho, casa de Maria Lúcia.
8	MICROESPAÇO	Riozinho: circo, carroção do caranguejo cigano. Casa de Maria Lúcia: aquário.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não há referência explícita quanto à época em que se passa a história. A referência é a infância da personagem Maria Lúcia.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Podemos inferir que se dá em um espaço curto de tempo, pois o peixinho, ainda criança, voltou para o aquário que habitava.
11	VOZ NARRATIVA	No início da narrativa, a gota d’água é narrador personagem. Ela narra e participa da ação com o peixinho. A partir do final do segundo capítulo, a voz é do narrador onisciente, que se encontra fora da história. Ele passa a relatar os fatos, inclusive as ações da gota d’água. Há um equilíbrio entre a presença do discurso direto e indireto.
12	FOCO NARRATIVO	No início da narrativa, o leitor toma conhecimento dos fatos pela focalização da personagem gota d’água, focalização

		parcial. A partir do final do segundo capítulo, a focalização passa a ser do narrador onisciente, que apresenta uma visão geral dos fatos narrados. O uso bastante frequente do discurso direto permite também que o leitor tenha acesso à história narrada por via direta, pelo discurso das próprias personagens.
13	LINGUAGEM	A linguagem utilizada é a norma padrão, mesmo para as falas dos personagens. Há inclusive a ocorrência da mesóclise na fala do caramujo.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro é colorida, com predomínio das cores azul, amarelo e vermelhos, com ilustrações da gota d'água, peixinho e menino com uma peneira. Há doze figuras no interior da obra, todas elas em preto e branco, funcionando como aparato à linguagem verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Aventura, amizade, animal de estimação, companheirismo.

4.2.4 *O filho do bandeirante*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1955
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O filho do bandeirante</i> . Ilustrações: Avelino P. Guedes. 10.ed.São Paulo: Atual, 1987. 52p.
3	SUBGÊNERO	Lição de vida
4	RESUMO	Bentinho, garoto de dez anos, é órfão de mãe desde os sete anos. Seu pai, José Bento Ferraz é bandeirante. Além do pai, recebe os cuidados de um velho escravo da família, Pai João. Depois de muita insistência do filho, José Bento decide levar o garoto para a bandeira. Em uma noite de tempestade, o garoto se afasta do acampamento e se perde na mata. É encontrado por índios, que o levam para a tribo. É muito bem recebido na aldeia e por lá permanece por seis anos, vivendo harmoniosamente com os nativos, mas com muita saudade do pai. Em uma conversa com o cacique, o jovem

		fala da vontade de voltar à cidade e encontrar o pai. Combina a partida e três nativos acompanham o moço para guiar-lhe pela floresta. Bentinho, Kumi para os da tribo, promete voltar e se casar com Vati, filha do cacique. Na cidade, encontra-se com o pai, abatido pela tristeza de anos a procura do filho. O jovem informa o pai sobre sua convivência com os índios e seu compromisso em voltar à aldeia, para unir-se a Vati e constituir família. O pai acompanha o filho no retorna à tribo e passam a viver junto aos índios.
5	TEMÁTICA	Valorização do índio.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Bentinho/Kumi, filho do bandeirante; José Bento Ferraz, bandeirante e pai de Bentinho; Pai João, velho escravo da família; Vati, índia, futura esposa de Bentinho; Caiumi, cacique da tribo e pai de Vati; demais índios da tribo; integrantes da bandeira.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo
8	MICROESPAÇO	Itu, Vila de Piratininga, tribo indígena, mata, tapera, caverna, casa do pai.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não há data definida, alguns meses são citados, mas não ano. Como a história se passa na época em que negros e índios ainda eram escravizados, acreditamos que seja final do século XIX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de seis anos
11	VOZ NARRATIVA	O narrador onisciente situa-se fora da história. Quanto ao discurso, o narrador permite a voz do personagem, assim discurso direto e indireto se alternam.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é plenamente onisciente, conhecedor o da vida tanto exterior quanto interior das personagens, tendo um foco de visão amplo, sabe sobre os sentimentos, pensamentos, vontades dos personagens.
13	LINGUAGEM	Predomina a norma padrão da linguagem. Somente na fala do velho escravo Pai João, há tendência em caracterizar a

		fala do personagem, como no trecho: Oi, meu fio, tá na hora de drumi (p.3). As demais falas, tanto do bandeirante, como do menino e índios, predomina a língua padrão, às vezes bastante rebuscada, fazendo uso inclusive do pretérito mais que perfeito.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa contém a ilustração de Bentinho, protagonista da história. Além do título do livro apresenta também o nome da autora em destaque. As cores predominantes são vermelho e amarelo. No interior da obra, as ilustrações são em preto e branco e são uma representação parcial do texto verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Bandeirante; índios, amor, ambição.

4.2.5 A casa da colina (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1959
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.6 *Uma linda aventura* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1961
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.7 *Nha Dita contou*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1962
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Nha Dita contou</i> . 1.ed.São Paulo: Edições Paulinas, 1962. 105p.
3	SUBGÊNERO	Lição de vida
4	RESUMO	Ditinho é um mulato que queria ser branco. O garoto é filho de Nha Dita, “preta gorda, simpática e serviçal, é verdureira” (p. 7). Vivem somente ele e a mãe, que é viúva. Na escola, por ser mulato, sofre discriminação por parte de um amiguinho, e mesmo sendo um excelente aluno, não é reconhecido. Preocupada com a situação, sua mãe faz uma festinha de aniversário para o garoto, na pequena chácara em que moravam. Ela aproveita a oportunidade para narrar uma

		<p>história de um garoto, muito pobre, que procura fazer sempre o bem para um dia se encontrar com Deus, seu maior sonho. Com a história, Nha Dita intenciona conscientizar a meninada da importância de ter boas atitudes, agir com solidariedade, sempre procurando ajudar as pessoas. E assim acontece, no final da narração, os amiguinhos comparam Ditinho ao Irmão Martinho, personagem principal da história narrada, que acaba se transformando em santo, pelas caridades realizadas enquanto vivia.</p>
5	TEMÁTICA	Preconceito racial; instrução religiosa cristã.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	<p>Ditinho, garoto mulato. Nha Dita, mãe de Ditinho; os amiguinhos da escola: Fábio, responsável pelo preconceito racial; Regis, Luiz Alberto; Marcos, Luiz Carlos, Alfredo, Márcio, Lucas;</p> <p>Personagens da história paralela, contada por Nha Dita: Marinho, Frade; Dona Ana, mãe de Martinho; D. João pai de Martinho. Joana, irmã de Martinho.</p>
7	MACROESPAÇO	<p>Na história de Ditinho: não definido</p> <p>Na história paralela contada por Nha Dita: Lima, capital do Peru.</p>
8	MICROESPAÇO	<p>Na história de Ditinho: na escola, a pequena chácara em que viviam Nha Dita e Ditinho.</p> <p>Na história paralela contada por Nha Dita: Lima, capital do Peru.</p>
9	TEMPO HISTÓRICO	<p>Na história de Ditinho: não definido</p> <p>Na história paralela contada por Nha Dita: não é definido, mas acontece na época em que ainda existia escravidão.</p>
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	<p>Na história de Ditinho: não definido: por volta de 5 semanas.</p> <p>Na história paralela contada por Nha Dita: da infância até a morte do frade Marinho</p>
11	VOZ NARRATIVA	Na história de Ditinho: a voz narrativa se situa fora da história. Nos diálogos, o narrador cede a voz aos personagens, através do discurso direto.

		A história paralela, de Martinho, é narrada pela personagem Nha Dita, que em determinados momentos da história, também concede ao personagem a voz.
12	FOCO NARRATIVO	A narrativa inicia com a focalização em que o narrador é onisciente. A partir do IV capítulo a focalização passa a ser predominantemente de Nha Dita, narrando a história paralela. Trata-se de uma visão bastante subjetiva e guiada pela personagem.
13	LINGUAGEM	Uso exclusivo a variante padrão da linguagem, bastante rebuscada em alguns momentos, inclusive fazendo o uso da mesóclise na fala de um camponês e do frade.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo azul, em destaque a imagem do Martinho, personagem principal da história contada por Nha Dita. Ao fundo, imagens da igreja e do convento em que Martinho viveu os últimos anos de sua vida. Há somente quatro ilustrações no livro. Três delas representam Martinho, sendo que duas são de sua infância e a outra de sua vida já como adulto. As ilustrações não fazem jus ao personagem representado, sendo na cor, pois é descrito como mulato, mas retratado com branco, ou nos aspectos físicos, sendo descrito como raquítico e mirrado (p.49), mas é representado como um garoto forte saudável. Moram em um casebre, passam fome, no entanto, a casa é apresentada com quadros, divisão em cômodos, a mãe bem vestida e penteada.
15	PALAVRAS CHAVE	Solidariedade; caridade; preconceito racial.

4.2.8 O mistério do botão negro

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1963 (de acordo com a capa do livro, 1977)
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O mistério do botão negro</i> . 9.ed.São Paulo: Brasiliense, 1984. 120p.
3	SUBGÊNERO	Aventura
4	RESUMO	Cuco, menino de doze anos, mora no sítio de com dona

	<p>Dedê, propriedade que ela herdara de seus ascendentes. A senhora bondosa cria o menino desde bem pequeno e o reconhece como sobrinho. Nas férias, recebem a visita de Pedro, também com doze anos, filho do médico Dr Sérgio, que mora em Sorocaba. O menino passará os dois meses de férias na propriedade. Cuco e Pedro logo se entendem e ficam amigos. Na pacata região em que a propriedade se localizava, acontece um assalto. Nhô Missioneiro, o carteiro, é golpeado na cabeça enquanto portava as correspondências para serem entregues. Enquanto o carteiro está desacordado, o bandido arromba a maleta e abre as correspondências. Os garotos decidem descobrir quem foi o mal feitor. Através do Nhô João, eles conseguem duas pistas: um botão negro e um pedaço de pano. Sentem-se motivados para encontrar o bandido, agindo como detetives. Uma investigadora é enviada ao lugarejo para desvendar o caso, mas os meninos não desistem da empreitada para esclarecer o mistério. A moça é mais eficiente e resolve a questão. No entanto, informa aos meninos que percebeu o empenho deles na função de investigadores, e os parabeniza. Cuca demonstra seu desapontamento, queria ter sido melhor pelo menos nisso, pois seu grande sonho é ser médico, mas no lugarejo não há meio para os estudos. Saem em busca de outra aventura: procurar um velho tesouro. Segundo os antigos moradores do lugar, frei Paulo havia sido escondido uma grande fortuna. Acham o tesouro, que não é bem material, e sim uma mensagem afirmando que o maior tesouro na vida é a caridade. Mais uma decepção para Cuco, que pretendia usar a fortuna para custear seus estudos. A solução para o problema vem com a proposta do médico Dr. Sérgio, pai de Pedro. Ela se propõe a arrendar o sítio de tia Dedê e levá-los, ela e o menino, para morarem na cidade, assim, morando todos juntos, a senhora poderia cuidar dos garotos, pois Dr.</p>
--	---

		Sérgio era separada da mãe de Pedro. Dessa forma tudo se resolveu. Cuco e Pedro estudariam juntos, os dois buscando pelo mesmo sonho, se tornarem médicos.
5	TEMÁTICA	Relações afetivas (amizade), busca por alcançar objetivos, conscientização (caridade).
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Cuco, de doze anos, “afilhado” de dona Dedê; Pedro, filho do médico Dr. Sérgio; Dona Dedê, mulher bondosa, dona do sítio Jabuticabeira, que cria Cuco desde pequeno atendendo a um pedido do padre Álfio. Zezé, a investigadora enviada para desvendar o assalto ao carteiro; Nhô Missioneiro, o correio; Nhô João, velho caboclo, sacristão da igreja e amigo dos meninos; Padre Álfio.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Sítio de dona Dedê, localizado na vila Araçariguama, próximo a São Roque e Sorocaba; Casa do Nhô João
9	TEMPO HISTÓRICO	Não definido, mas por algumas pistas na narrativa, podemos inferir que acontece na segunda metade do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Dois meses, durante as férias escolares.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador em terceira pessoa, onisciente.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador possui visão ilimitada, seu ponto de vista é objetivo, adulto, conhecedor profundo da vida dos personagens, inclusive da história antiga do vilarejo e que se situa o sítio de tia Dedê. É bastante presente o discurso direto.
13	LINGUAGEM	Predomina a língua padrão, com alguma tentativas de falas de recorte popular nos discursos de Nhô João e para Pedro, pequenas peculiaridades da fala característica da meio urbano.
14	PROJETO GRÁFICO	O livro tem capa verde, com a ilustração de dois garotos, representando os personagens principais, Cuco e Pedro. Não há imagens no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Aventura, amizade, vida rural, solidariedade.

4.2.9 Aventuras do escoteiro Bila

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1964
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Aventuras do escoteiro Bila</i> . 8.ed.São Paulo: Editora Brasiliense, 1974. 52p.
3	SUBGÊNERO	Aventura
4	RESUMO	<p>Bila, garoto de 11 anos, mora com os pais no sítio da família. O menino nunca frequentou escola, mas sonha em estudar. Receberam na propriedade, a visita de um grupo de escoteiros. Dentre os meninos, veio Nilson, filho do padrinho de Bila, “doutor” Luciano. Bila é convidado a juntar-se à equipe como guia, durante o tempo que permanecessem naquele lugar. O garoto se enturmou rapidamente ao grupo, e aproveitou a ótima oportunidade para mostrar tudo que conhecia do meio rural. Quando chegou o dia do equipe de escoteiro deixar o campo, Bila ficou bastante triste. Ele e Nilson combinaram manter contato através de pombos correio. Logo tiveram assunto para trocarem bilhetes, pois Nilson contou a Bila sobre um assalto ao Banco em que o pai trabalhava e Bila percebeu estranhos escondidos em uma gruta, na propriedade em que vivia. O menino sondou os intrusos e constatou que se tratava dos bandidos procurados pelo assalto. Avisou Nilson, que veio à propriedade acompanhada do pai e de policiais, que prenderam o bandido. Bila foi tratado como herói. O “doutor” Luciano, alertou aos pais do garoto sobre a necessidade de Bila frequentar escola. Os pais de Bila decidem ir morar perto da cidade para o garoto estudar. Compram um imóvel com casa e granja, para poderem trabalhar. Deste lugar, havia transporte de ônibus até a escola, para que Bila frequente as aulas. O narrador informa que a mudança aconteceu e que Bila já frequentava a escola.</p> <p>Obs: o termo “doutor”, atribuído ao personagem Luciano por</p>

		nhô Dino enfatiza a diferença de classe social, sendo que este utilizada o pronome de tratamento em sinal de respeito, como podemos perceber pelo trecho da fala entre Nhô Dino para nha Tonica: Êta homem bom, simples, sem pose! Tratou-me de igual para igual (p. 5).
5	TEMÁTICA	Escotismo, relações pessoais, vida rural e urbana.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Bila, personagem principal; nhô Dino e nha Tônica, pais de Bila; Nilson, amigo de Bila e filho de “doutor” Luciano e dona Miriam; Flávio e Álfio, chefes dos escoteiros; os demais meninos integrantes do escotismo.
7	MACROESPAÇO	Sítio da família de Bila, cidade a doze léguas do sítio.
8	MICROESPAÇO	Gruta do sítio, casa de Bila, lago perto da casa de Bila, cidade a doze léguas do sítio, casa de Nilson.
9	TEMPO HISTÓRICO	Pela menção do escotismo, podemos inferir que seja por volta da década de 1960.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Não determinado, mas provavelmente por alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador em 3ª pessoa, onisciente.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador situado fora da história conhece dados da vida exterior e interior das personagens. A história chega ao leitor também pelas falas das personagens, bastante frequente na narrativa.
13	LINGUAGEM	Elaborada literariamente, seguindo o padrão de linguagem, com uso de mesóclises e passado mais que perfeito e frases de estrutura complexa, inclusive nas falas de Bila, como no exemplo: “Fiquei com receio de que os ladrões pudessem praticar alguma maldade...”(p. 46)
14	PROJETO GRÁFICO	Na capa há predominância da cor roxa, com a imagem de um cão em amarelo, com destaque em branco para o título do livro. Em amarelo, o logotipo de “coleção jovens do mundo todo”.
15	PALAVRAS CHAVE	Escotismo, aventura, relações interpessoais, vida rural.

4.2.10 *A montanha partida*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1965
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A montanha partida</i> . 9.ed.São Paulo: Editora Brasiliense, 1977. 129 p.
3	SUBGÊNERO	Aventura
4	RESUMO	<p>Carlos, rapaz de 18 anos aprovado em segundo lugar para o curso de medicina, decide pleitear a vaga para secretário da expedição que busca a construção de um observatório astronômico no sul do Pará. É escolhido para o cargo. O moço é o caçula da família de três filhos. Quem financia a expedição é um milionário Hindu a quem chamam de Dr. X, por terem poucas informações sobre ele além de não o conhecerem. Equipe formada, partem em busca de estudo, tendo como guias alguns índios que mantinham contato com o homem branco. Na travessia pela selva, enfrentam algumas dificuldades com índios nativos, animais selvagens, fenômenos da natureza, mas alcançam o lugar esperado para a instalação do observatório, a montanha partida. Naquele lugar, deparam-se com algo inusitado. No topo da montanha, vêm posar uma nave espacial. Ouvem uma voz que apresenta-se como o Dr. X, dizendo ser marciano, tripulante do disco voador. O corpo do marciano não se materializa e não pode ser visto pelos humanos, no entanto conseguem se comunicar. A voz informa que a intenção do contato era para trazer uma mensagem ao mundo “de que todos os homens devem sentir-se como irmãos, independente de raça, de cor, de credo”. Informa que articulou aquele contato por meio de Sergio, um dos integrantes da equipe, já conhecido do marciano há dois anos. Após passar a mensagem, volta para seu mundo. A equipe retorna para São Paulo, levando consigo a mensagem de paz transmitida pelo marciano.</p>
5	TEMÁTICA	Aventura

6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Carlos, rapaz de 18 anos, aprovado para o curso de medicina, secretário da equipe de pesquisadores; Dr. Fábio, médico, chefe da expedição; demais pesquisadores da expedição: Dr. Sérgio, astrofísico; os irmãos Dr.Oscar e Dr.Roberto; Dr. Pedrosa, geólogo; Paracanti, índio habilidoso, principal guia da equipe. Mestre Vaz, cozinheiro do grupo.
7	MACROESPAÇO	Os estados de São Paulo e Pará.
8	MICROESPAÇO	São Paulo: casa de Carlos, escritório do Dr. Fábio. Pará: convento em que se hospedaram, mata selvagem, taba dos índios, montanha partida.
9	TEMPO HISTÓRICO	Ano indefinido. Provavelmente segunda metade do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de seis meses, do dia três de fevereiro a agosto.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa fica a cargo do protagonista, configurando-se o texto que é lido como o registro de um diário do narrador, desde o momento em que surge a oportunidade de pertencer à expedição até o fim dela.
12	FOCO NARRATIVO	O foco narrativa assumido no “diário” é do protagonista, que apresenta a história a partir de sua visão limitada.
13	LINGUAGEM	Narrada em forma de diário, predominantemente com linguagem padrão, inclusive na reprodução de falas dos índios, com pouco ou nenhum contato com a cultura do homem branco, como: “... depois de três ou quatro dias, encontrar-nos-emos na campina” (p. 89) – reprodução da fala do índio Piracanti. Apesar de ser narrado em forma de diário, é frequente a presença do discurso direto.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro é bastante colorida, com as cores amarelo, alaranjado, verde, azul e preto, formando árvores, montanha e imagem de pessoas. O interior da obra não contém ilustração.
15	PALAVRAS CHAVE	Aventura, expedição científica, disco voador, índios selvagens.

4.2.11 *O mistério do escudo de ouro*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1969
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O mistério do escudo de ouro</i> . 12.ed.São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. 120p.
3	SUBGÊNERO	Aventura.
4	RESUMO	Luis Roberto é um jornalista em busca de um “furo de reportagem”. Frequenta a delegacia da Zona-Centro, onde Dr. Biasi, seu amigo de infância, é delegado. Lá fica a par de um incidente em um prédio, na residência de um cientista. O pesquisador relata ao delegado que um homem invadiu seu apartamento e amordaçou Gertrudes, mulher que toma conta dele há quarenta anos. Luis Riberto se interessa pelo caso e começa a busca por pistas que o ajudarão a resolver o caso. Com o auxílio de Lucas, porteiro de prédio, descobre os primeiros indícios e a partir daí começa a montar o quebra cabeça, descobrindo que o foco do invasor era outro apartamento do prédio, pertencente a um holandês, que devido à segunda guerra mundial refugiou-se no Brasil trazendo consigo além do filho e de um ajudante, um escudo de ouro. Tal tesouro fora adquirido pela família Kroninger no século IX, depois de vencerem uma invasão dos vikings. O repórter desvenda o mistério, é reconhecido na redação por seu trabalho e ainda é recompensado pela família kroninger.
5	TEMÁTICA	Investigação.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Luis Roberto, jornalista; Dr. Biasi, delegado; Lucas, porteiro do prédio; Otávio, garçom que trabalhou com Zig II; Leoni Kroninger, holandês, vindo ao Brasil refugiado da guerra; Waldeney, filho de Leoni Kroninger; Álfio, irmão de Leoni; Zig I e Zig II, irmãos gêmeos, ambos empregados dos Kroninger. Gertrudes, governanta do cientista; Regis Castilho, o cientista.

7	MACROESPAÇO	Brasil; Holanda.
8	MICROESPAÇO	São Paulo; delegacia Zona-Centro; Prédio Santa Clara; 8º e 9º andares; elevador; vila Carrão.
9	TEMPO HISTÓRICO	Após a segunda Guerra Mundial.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado, provavelmente alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. O texto é mesclado do discurso direto e indireto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é onisciente, mas muitas vezes na narrativa cede a visão a um personagem da narrativa, especialmente ao jornalista Luis Roberto.
13	LINGUAGEM	Língua padrão
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo verde escuro, com o título da obra e nome da autora escrito em preto. Há no lado direito algumas faixas nas cores preto, branco e amarelo, que remetem a construção predial. Não há ilustração no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Mistério; escudo de ouro, investigação.

4.2.12 *Justino, o retirante*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1969
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Justino, o retirante</i> . Ilustrações: Rui de Oliveira. 35. ed. São Paulo: Atual, 1996. 140p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	Justino, garoto nordestino de 12 anos perde o pai por picada de cobra. Na sequência, o dono da fazenda em que moravam, ordena que ele e a mãe desocupem o lugar em que viviam. Neste interim, a mãe do garoto também falece, de fraqueza e tristeza. Justino, então, é convidado pelo padrinho, que também vive em situação miserável em terras alheias, a morar com ele e a mulher. O garoto não queria ver as terras lavradas pelo pai, tratadas de maneira diferente, decide, sem avisar a ninguém, partir em retirada daquele lugar seco e opressor, levando consigo Pitó, o cachorro; o

		<p>papagaio e alguns pertences em uma trouxa. No caminho encontra um grupo de retirantes nordestinos e se junta a ele. Um dos retirantes é Chico Cego, homem sem visão, sofrido e que faz grande amizade com o garoto, sendo que um passa a ajudar o outro. Já na cidade, conta com os cuidados de dona Severina, que lhe dá casa, atenção e condições para que ele estude. Justino aproveita a oportunidade de frequentar a escola e conclui até o colegial. A próxima etapa é ser médico para poder ajudar a melhorar a vida dos nordestinos.</p>
5	TEMÁTICA	Seca nordestina; injustiça social.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Justino, garoto pobre que abandona sua terra natal em busca de melhores condições de vida; dona Severina, mulher que ajuda Justino a alcançar seus objetivos; Chico Cego, retirante nordestino, cego, grande amigo de Justino; Sociólogo que fazia pesquisa no Ceará e que conheceu o menino na pensão. Pitó, cachorro de Justino.
7	MACROESPAÇO	Nordeste brasileiro
8	MICROESPAÇO	Fazenda;
9	TEMPO HISTÓRICO	Não definido. Provavelmente na segunda metade do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de 7 anos. A narrativa começa com Justino com 12 anos e termina quando ele termina o colegial, tendo cerca de 19.
11	VOZ NARRATIVA	3ª pessoa do discurso, posiciona-se como narrador observador, caracterizando-se como heterodiegético. Embora não participe do enredo, demonstra ter conhecimento de toda a história, como pode ser observado no trecho “À noite, sob a ponte, olhando a nesga do céu estrelado, Justino sentia saudade dos pais, da vidinha que ao lado deles levava, no sítio, carpindo o chão, cuidando das aves, tocando o gado.” (p.38). Apesar de dar a voz às personagens, através de trechos em que o discurso direto é predominante, privilegia o uso do sumário para narrar, tendo

		assim o controle da narração e sua perspectiva de abordagem dos fatos.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador caracteriza-se como onisciente intruso. Conhece o exterior e o interior das personagens. Pelo discurso do narrador, o leitor é informado sobre o pensamento, sentimentos, sensações das personagens, além de apresentar informações sobre a história de vida destas. A história passa pelo <i>filtro</i> do narrador, sendo ele a ponte de informações entre a história e o leitor, predominando suas palavras e percepções, interpondo-se entre o leitor e os acontecimentos narrados. A onisciência permite a ele manipular a história, conhecer o presente, o passado e de certa maneira, o futuro – cabendo a ele a organização da narrativa.
13	LINGUAGEM	Predomina a língua literária padrão, que ora se alterna com falas de recorte popular, na busca de proporcionar maior realismo à narrativa.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa, entre uma moldura azul, destaca-se as cores amarelo e alaranjado, retratando o cenário quente nordestino. Vê-se ainda um garoto, que ilustra o protagonista da história, árvore seca, uma res morta e um urubu a rodeá-la. As ilustrações no interior da obra são em preto e branco e desempenham o papel de não mais que ratificar o texto verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Seca nordestina; retirante; luta pelo estudo.

4.2.13 *Marco e os índios do Araguaia*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1971
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Marco e os índios do Araguaia</i> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. 81p.
3	SUBGÊNERO	Aventura.
4	RESUMO	Marco, garoto de doze anos, mora em São Paulo, com seus pais, Marina e Renato. Ney, o irmão se sua mãe, é

		<p>antropólogo e trabalha no “Serviço de Proteção aos Índios” em Conceição do Araguaia, vilarejo no Pará, às margens do rio Araguaia, atendendo a índios e caboclos. A família de Marcos vai acompanhar Ney em seu trabalho no norte do país. Enquanto o antropólogo trabalha, Marco e seus pais desfrutam dias de férias. Chegando à Conceição do Araguaia, Marcos faz amizade com o indiozinho Maluá e passa a vivenciar as diferenças entre a vida urbana e a do meio distante da civilização; o branco, o índio e o caboclo; como: cultura, religião, educação, costumes, core da pele, higiene, entre outros. O menino é exposto a muitas aventuras junto aos amigos indígenas, enquanto seu pai dá atendimento médico à comunidade necessitada e sua mãe passa algumas informações às mulheres da comunidade. São dias de muitas aventuras para o menino. Dois dias antes de retornarem a São Paulo, o Dr. Renato dá atendimento a uma indiazinha de seis dias, que perdera a mão durante o parto e que, de acordo com o ritual da tribo, fora rejeitada. Os pais de Marco se comovem com a situação e decidem adotar a criança. Assim, a família voltará a São Paulo com mais uma integrante e além de toda a experiência adquirida, Marco ganhou uma irmãzinha, que receberá o nome de Taina-Rekã, estrela D’Alva em português, para que ela nunca se esqueça de suas raízes indígenas.</p>
5	TEMÁTICA	Defesa da população indígena.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	<p>Marco, doze anos, loiro, de olhos azuis, garoto que vive em Sumaré, São Paulo e que admira muito o trabalho do tio, antropólogo, na defesa dos índios. Maluá, índio que trabalha como secretário de Ney e que sabe ler, escrever, conserta máquina, é um “faz de tudo” (p.5). Ney, antropólogo, irmão de Marina, vive em Conceição do Araguaia, zelando pelos índios e pelos caboclos. Dr. Renato, médico, pai de Marco. Marina, mãe de Marco.</p>

7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo; Pará
8	MICROESPAÇO	São Paulo: bairro do Sumaré; casa de Marcos; Pará: Conceição do Araguaia, mata, rio Araguaia, colégio das irmãs, casa dos colonos.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não há menção a datas, mas há referência a um acontecimento, quando se construía a grande estrada da Amazônia, que ligaria Brasília a Manaus. É provável que a autora esteja se referindo à BR 319, que foi inaugurada em 1973.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de um mês, durante as férias do pai de Marcos.
11	VOZ NARRATIVA	Marco assume a voz narrativa. No entanto, suas observações e conclusões são pertinentes a um adulto, e não a um garoto de doze anos, com pouca experiência de vida, como podemos observar no excerto: “As casas são cobertas de folhas na sua grande parte, algumas de telhas, quase todas com varandas. Como tudo é diferente de São Paulo, mesmo das outras cidades do interior e dos Estados vizinhos, como Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul”.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista narrativo é o de Marcos, com perspectiva subjetiva no relato dos fatos vivenciados.
13	LINGUAGEM	Linguagem padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro destaca as cores azul, amarelo e vermelho, sendo que o azul representa as árvores da floresta, o amarelo faz pano de fundo e o vermelho delinea um barco com dois jovens, representando Marco e Maluá. Em vermelho ainda aparece o nome de Marco em destaque. Há somente duas ilustrações no interior da obra, sendo a primeira na página 28 e a segunda na página 52. São ilustrações em preto e branco, apresentando o índio caçando enquanto Marco observa e na outra uma representação da vida do indígena em sua comunidade.
15	PALAVRAS CHAVE	Índios do Araguaia, defesa dos índios, cultura indígena.

4.2.14 *A rosa dos ventos*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1872
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A rosa dos ventos</i> . Ilustrações: Paulo Manzi. 18. ed. São Paulo: Atual, 1993. 134p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	A novela narra a história de um grupo de jovens e adolescentes pobres, dentre eles Luís, Tico, Carlos, Joel, Fábio e Marta. Todos são moradores do subúrbio de São Paulo, e trabalham na matriz de uma rede de lojas, no centro da cidade. Eles têm em comum a vontade de melhorar de vida, alguns através do trabalho e estudo, outros apenas trabalhando. Luís conseguiu através de Carlos o emprego de empacotador. Nos fins de semana, sua única distração é ir a um bar perto de sua casa assistir ao jogo de futebol pela televisão. Lá fora abordado por um traficante que lhe colocou um dinheiro na mão e orientou-o sobre como devia proceder. A partir deste contato, fica preso ao tráfico de drogas e acaba também viciando-se. Outro personagem em destaque é Tico, garoto com trejeitos efeminados, sendo frequentemente zombado pelos colegas por esse motivo. O garoto procura sempre agradar Fábio. Depois de uma discussão entre eles, Tico sai distraído pela rua e acaba sendo atropelado. Tem de ficar longe do trabalho para recuperação e esses dias em casa são a chave para o início de sua postura masculina, que se formaliza através do namoro com Marta. Já o personagem Luís não alcança final feliz por não se livrar do mundo das drogas.
5	TEMÁTICA	O cotidiano de jovens trabalhadores urbanos.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Luís, garoto de 14 anos, se envolve com drogas; Tico, também de 14 anos, miúdo, cabelos longos, tem traços delicados, veste-se de maneira diferente dos garotos da loja e tem problemas de relacionamento com o padrasto. Apresenta

		tendência homossexual que no decorrer da narrativa é resolvido; Fábio, é jovem, alto, forte, musculoso, bonitão; Carlos é o garoto solidário, que trabalha, estuda e busca por uma vida melhor. É o exemplo a ser seguido; Joel tem 18 anos. É descrito como quase preto, alegre, boa voz, apaixonado por bateria; Marta é uma garota muito pobre. Seu pai trabalhava como lixeiro e a mãe era bastante doente. Com quatorze anos, o pai conseguiu emprego para ela, na loja. Garota tímida, usa roupas modestas, tem bom coração e grande esforço para vencer suas limitações.
7	MACROESPAÇO	Subúrbio da cidade de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Loja em que os jovens trabalham, bar em que Luís recebe a droga, casa de Luis, Casa de Tico.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não determinado. Provavelmente década de 70, devido ao tipo de vida dos jovens paulistanos e também pelas gírias empregadas.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns meses. Período anterior e posterior ao natal.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador em terceira pessoa, onisciente.
12	FOCO NARRATIVO	Apesar de o narrador ser do tipo onisciente, com irrestrito acesso tanto ao exterior quanto interior dos personagens, o leitor toma conhecimento da maior parte dos fatos da narrativa pelas falas dos personagens, bastante frequentes na narrativa.
13	LINGUAGEM	Língua padrão, tendendo para informalidade na busca de retratar a realidade enfocada, utilizando modismos, gírias e frases curtas.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo azul com moldura cinza, e parte do rosto de um menino, provavelmente representando Luís. No interior da obra há figuras em preto e branco que cumprem o papel de ratificar o texto verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Trabalho, drogas, homossexualismo, estudo.

4.2.15 *No roteiro da coragem*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1973
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>No roteiro da coragem</i> . 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, s/d. 182p.
3	SUBGÊNERO	Tema histórico não biográfico
4	RESUMO	<p>Antônio Castanho, fazendeiro de Santana do Parnaíba, organiza uma Bandeira para Gerais em busca de ouro, financiada pelo padre Guilherme. O fazendeiro leva consigo 200 homens e seu filho Tônico de 19 anos. É a primeira experiência do rapaz neste tipo de aventura e Dito, escravo, irmão de leite de Tônico, deseja muito participar da empreitada. No entanto, Antônio Castanho decide que Dito ficará para cuidar da mulher e filhas do patrão, enquanto este estiver fora. A Bandeira parte e Tônico leva no peito o amor pela jovem Inês. Depois de bastante sofrimento, a viagem dos bandeirantes acaba sendo bem sucedida e Tônico é incumbido pelo pai de retornar, acompanhado por alguns homens, e transportar o ouro até então conquistado. No retorno o comboio é assaltado e o grupo homens dizimado, sobrevivendo somente Tônico, que a partir do fortuito tem por honra encontrar o tal assaltante e entregá-lo à justiça. Para isso, sem ser visto, procura pelo amigo Dito e pede que o acompanhe na busca arriscada. Saem pelo sertão, encontram o assaltante mão-de luva, e preparam um plano para aprisioná-lo. O plano é bem sucedido e assim ambos são recebidos com honra no retorno à cidade. Dito recebe Tônico a alforria e uma quantia de terra para cultivar, como recompensa pela grande ajuda. Os dois irmãos de leite decidem ir ao encontro da Bandeira que ficara em Gerais. Daí a algum tempo o grupo todo retorna com mais ouro. Na chegada à cidade natal, os bandeirantes são recebidos como heróis. Tônico conquista a mão de Inês em casamentos e</p>

		Dito, agora livre, cultiva as terras adquiridas.
5	TEMÁTICA	Expedição de bandeirantes.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Tônico, 19 anos, filho de fazendeiro, amigo inseparável do escravo Dito; Dito, filho da escrava Cândida, que amamentou Tônico quando recém nascido. Antônio Castanho, bandeirante, pai de Tônico e dono/patrão de Dito; Padre Guilherme, homem rico que pretende ajudar aos pobres com o ouro conquistado na bandeira; Inês, de olhos e tranças negras, filha de Manuel Castanho, primo de segundo grau de Tônico, moça que o rapaz se apaixona.
7	MACROESPAÇO	São Paulo; Minas Gerais.
8	MICROESPAÇO	Santana de Parnaíba, Araçariguama, casa do padre Guilherme, fazenda “Nossa Senhora da Conceição de Araçariguama”, mata.
9	TEMPO HISTÓRICO	Século XVII
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Três anos.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história e há na obra um equilíbrio entre o uso do discurso direto e indireto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, possuindo amplo conhecimento sobre a vida interior e exterior das personagens, no entanto, por vezes vezes cede a visão a uma das personagens, principalmente ao protagonista Tônico.
13	LINGUAGEM	Linguagem literária tradicional atendendo à norma padrão de linguagem, mesmo nas falas de personagens sem acesso à cultura letrada.
14	PROJETO GRÁFICO	O livro tem capa dura, com fundo branco, com a figura de três bandeirantes montados a cavalo. O título da obra é destacado na cor azul e logo abaixo, em letras menores, o nome da autora em preto. As ilustrações no interior da obra são em preto e branco, parcialmente coloridas na tonalidade alaranjada, sendo que as imagens precedem o texto verbal a que se refere. Estas tem a função limitada de exprimir o texto verbal.

15	PALAVRAS CHAVE	Justiça, amizade, bandeirante, amor, escravo.
----	----------------	---

4.2.16 *A transa-Amazônica* (a partir da 6ª edição (1979) passa a ter o título de “*A grande ilusão*”)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1973
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A transa-amazônica</i> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1974. 112p.
3	SUBGÊNERO	Lição de vida; questões sociais.
4	RESUMO	Isório mora com a Sá Tuda e os seis filhos vivos do casal (10 morreram ainda bebês), nas terras do senhor Juvêncio, às margens do rio São Francisco, perto de Pirapitinga, onde plantam arroz como meeiro. A vida é bastante difícil e o que colhem, mal dá para pagar o que comem: feijão, farinha e rapadura, além do fumo que consomem para o cigarro. Os dois filhos mais velhos do casal, Lindauro e Rialva, trabalham para senhor Juvêncio, padrinho dos jovens. Ela é responsável por todos os afazeres da casa e ele com designações da fazenda. Não recebem nada pelo serviço, pois de acordo como o pai, senhor Isório, os afilhados devem servir ao padrinho. A família de Isório vive isolada da civilização, não tendo nem amigos nem parentes com quem se relacionem, até que Lindauro tem a oportunidade de ir à cidade para tratar de assuntos do patrão/padrinho, e a partir do diálogo com pessoas que conheceu, começa a não se satisfazer com a realidade que a família vive. Através da construção da Transamazônica, surge a oportunidade de deixar a vida de meeiro, indo ocupar terras cedidas pelo INCRA, com prazo de 20 anos para pagar. O moço convence os pais da necessidade de abandonar a vida de escravidão que estão submetidos e partem para ocupar terras próprias, à beira da transamazônica. Depois de longa viagem, chegam ao local onde passarão a viver, com casa, 100 ha. para

		cultivar, sendo dois deles desbravados e o restante em mata para abrir. Além disso, durante seis meses recebem um salário mínimo para sobreviverem até a primeira colheita. Contam com a companhia de Zezé, Arivaldo e família, que depois de ajudar Lindauro a sair da dependência de Juvêncio, também decidiram tentar vida nova nas terras às margens da Trasmazônica. Apesar de a vida prosperar, Isório sente saudades da terra em que nasceu.
5	TEMÁTICA	Trabalho escravo.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Lindauro, filho de Isório e Sá Tuda; Isório, homem humilde, analfabeto, trabalhador; Tuda, mulher de Isório, além de cuidar dos filhos e do preparo do alimento, tece chapéu e esteira; Rialva, filha de Isório e Tuda, cuida de todos os afazeres da casa da madrinha; os filhos menores do casal: Valdeci, Tônio, os gêmeos e o caçula; Zezé e Arivaldo, rapazes que conheceram Lindauro e ajudaram o jovem a procurar uma vida melhor para ele e família; João e Zefa, pais de Zezé e Arivaldo; Das Dores, filha de João de Zefa, que acaba se casando com Lindauro.
7	MACROESPAÇO	Sergipe; Pará
8	MICROESPAÇO	Sergipe: fazenda do Juvêncio; Pirapitinga, casa de Zezé e Arivaldo; Pará: Altamira, agrovila Boa Esperança.
9	TEMPO HISTÓRICO	No início da construção da transamazônica (1969-1974).
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Não delimitado, provavelmente por volta de um ano, depois de produzirem, colherem e venderem a lavoura de arroz e pagarem o que tinha consumido da venda em ano.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. Apesar de haver um narrador em terceira pessoa, o discurso direto é bastante frequente, e ainda trechos com discurso indireto livre, como no exceto: “É preciso levantar mais cedo, mais cedo que o compadre, apanhar o sambacaetá antes do sol nascer, pois, a planta para o cozimento é coisa sabida que não pode ser quente, e nem seca. Com o orvalho da noite é melhor, tem

		mais efeito, mais poder! Sambacaetá é bom pra curar dor, e o compadre “tá” sempre se queixando da lombeira. Resmunga, fala com as plantas, com as raízes, consigo mesma” (p. 28).
12	FOCO NARRATIVO	Apesar de haver um narrador onisciente, fora da história, a focalização é por várias vezes, cedida a Lindauro.
13	LINGUAGEM	Há uma fusão da língua padrão com o falar rudimentar, com intuito de caracterizar as personagens, no entanto, nem sempre é fiel, como no trecho em que Lindauro, que nunca frequentou escola, expressa-se: “O patrão deixou cinco para o gasto dele, trouxe cento e cinquenta e cinco. Entreguei cinco para os filhos e cento e cinquenta para o comprador” (p. 84).
14	PROJETO GRÁFICO	A capa traz ilustração de uma agrovila, com a mata ao fundo. Em destaque, a imagem de dois homens trabalhadores rurais. Não há ilustração no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Trabalho escravo; Transamazônica; subdesenvolvimento; pobreza.

4.2.17 *E agora?*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1974
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>E agora?</i> 13. ed. São Paulo: Atual, 1992. 145p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	Camila é uma adolescente de treze anos, filha de mãe preta e pai branco de olhos azuis. Tem duas irmãs, uma preta, outra mulata. Somente Camila saiu com cor clara. A garota vive angustiada, pois não se identifica com as mulheres da família. Surge a oportunidade da menina ser dama de companhia, assim, passa a residir com professora Marcela. Camila aproveita a oportunidade de estar longe da família para assumir a identidade de branca. Além disso, cria para si

		<p>um universo próprio, contando às amigas e ao namorado Leo, que é filha de fazendeiro. Distancia-se cada vez mais da família, mesmo Marcela insistindo e até promovendo visitas aos seus. Por motivos financeiros, a família da menina muda-se para o interior. Camila continua morando em São Paulo com Marcela, que passou a chamar de madrinha, pois a professora crismou a menina. Camila vive feliz no mundo que criara: estuda, mora com conforto e namora um rapaz que cursa medicina. A madrinha adocece e por recomendações médicas, mudam-se para Santos. O namoro com Leo já tem cinco anos e o rapaz faz planos para o casamento. A madrinha morre, Camila conclui o magistério e agora mais madura, começa a valorizar a família, e sente vontade de voltar para junto dos seus. No entanto, precisa acabar com a mentira que tanto a atormenta, criada para o namorado. Parte de Santos deixando uma carta para Leo explicando toda a farsa inventada, justificando que tudo se devia à falta de maturidade dela quando eles se conheceram. A pergunta que dá nome ao livro é fruto incerteza do jovem médico ao ler a carta. A paixão que o rapaz nutria pela garota é abalada frente à notícia de que Camila é filha de pessoas sem recursos financeiros e de mãe preta. “E agora?”</p>
5	TEMÁTICA	Preconceito racial
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Camila, protagonista, garota que vive conflitos raciais; Marcela, professora solteira, filha de imigrantes italianos, admite Camila como dama de companhia e passa a tratá-la como integrante da família; Leo, estudante de medicina, namorado de Camila; Pedro e Antonieta, pais de Camila; Marta e Marina, irmãs de Camila; Deise, dona da pensão; Major Ty, Júlia, moradores da pensão; Noemia, copeira da pensão. Dr. Marco, Dr. ^a Márcia, médicos que cuidam de Marcela e ex alunos da professora.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo

8	MICROESPAÇO	São Paulo; Sumaré; casa da professora Marcela, Araçariguama; vila em Araçariguama; casa dos pais de Camila; Santos; pensão em Santos.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não delimitado, mas pelos fatos narrados, contemporâneo à edição do livro, década de 1970.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de nove anos, dos 13 aos 22 anos de Camila.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa se alterna entre 3ª e 1ª pessoa. Ora Camila conta a história, ora a voz narrativa é passada para um narrador que não participa dos fatos narrados.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista da narração é em princípio de um narrador onisciente não participante dos fatos. A partir da página 22 o foco narrativo ora está com Camila, ora com o narrador em 3ª pessoa.
13	LINGUAGEM	Linguagem padrão com algumas tentativas de adequar a fala com o modo de falar popular.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo alaranjado, com três meninas na capa simbolizando Camila, no centro, ladeada pelas irmãs Marta e Mariana, a negra e a mulata. Acima da imagem, sobre tarja vermelha, o nome da autora em destaque em letras amarelas. Há poucas ilustrações no interior das obras, sendo todas em preto e branco, que representam o texto verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Preconceito racial, negros, família, amizade, companheirismo.

4.2.18 A caminho do sul

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1975
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A caminho do sul</i> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. 112p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais
4	RESUMO	Luísa, mocinha de 17 anos, olhos azuis, loura, filha de artesão abastado é apaixonada por Piero, filho de meeiro contratado pelo pai da moça. É órfã de mãe e o pai cuida da

		<p>filha com muito zelo e pretende que ela se case com um rapaz a altura das posses da família. Na esperança de prosperar ainda mais em seu ofício de artesão, Tommazo, pai da garota decide imigrar para o Brasil na companhia de dois de seus filhos, Luísa e Luigi. Inconformado com a separação, Piero se infiltra clandestinamente no navio em que viriam e consegue desembarcar junto à família de Tommazo, em terras brasileiras. A realidade encontrada é muito diferente da esperada, e Tommazo se arrepende de ter trazido os seus para este lugar. Sem outra opção, passa a seguir o destino, se dirigindo ao lote de terras recebido do governo brasileiro e percebe a necessidade de contar com a ajuda de Piero, rapaz mais rude e que enfrenta as dificuldades impostas pela terra virgem. Piero é quem passa a conduzir, de modo respeitoso, os procedimentos para a dura realidade encontrada no país latino. Acaba conquistando a feição de Tommazo, que percebe que aqui são iguais, não havia mais a diferença entre patrão e empregado, ou rico e pobre, pois ambos estavam na condição de colonos. Fazem amizade com Giovanni, também imigrante italiano, e passam a vizinhar, o que contribuiu para a sobrevivência de todos. Tommazio, muito triste e arrependido, vive amargurado em terras brasileiras. Seu consolo é ver a felicidade da filha, que se tornou esposa de Piero, e que vive feliz, apesar da falta de conforto que deixou na Itália, por estar ao lado de quem ama e acreditar que irão prosperar no país em desenvolvimento.</p>
5	TEMÁTICA	Chegada dos imigrantes italianos no Brasil.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Piero, rapaz jovem, apaixonado por Luísa, filho do meeiro do rico artesão Tommazo; Luísa, filha de Tommazo, apaixonada por Piero; Tommazo, artesão italiano, descendente de família abastada; Luigi, irmão de Luisa, rapaz que acompanha o pai ao Brasil; Giovanni e Maria, italianos que

		ocuparam o lote de terra ao lado da família de Tommazo, e que tornaram além de grandes amigos, parentes, pelo casamento dos filhos; Inês e Silvia, filhas de Giovanni e Maria;
7	MACROESPAÇO	Itália; Brasil.
8	MICROESPAÇO	Itália: Olmate; propriedade da família de Tommazo; porto de Gênova; Brasil: Rio de Janeiro; Porto Alegre; Porto Guimarães em São Sebastião do Caí; Vila Feliz; Campo dos Bugres.
9	TEMPO HISTÓRICO	Século XIX, a história começa em 1877.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de três anos.
11	VOZ NARRATIVA	3ª pessoa.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, conhecedor tanto dos aspectos da vida interior quanto exterior das personagens.
13	LINGUAGEM	Padrão, com pouquíssimas expressões da Língua Italiana.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro tem fundo azul, com o título escrito em amarelo. Logo acima do título vê-se um cacho de uvas com folhas e ao fundo sol e gaivotas. O nome da autora aparece na parte superior da capa, em letras pequenas.
15	PALAVRAS CHAVE	Italianos; imigrantes; amor; amizade.

4.2.19 A 8ª série C

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1976
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A 8ª série C</i> . 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 126p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	A novela apresenta os conflitos vividos por pré-adolescentes e adolescentes, entre 13 e 14 anos, alunos de um colégio que atende a classe média alta. Dentre os enredos destacamos: Júlio, filho mais velho de pais que ascenderam socialmente. O garoto gosta de esporte, tem um ótimo porte físico, possui moto e por esse motivo está sempre precisando de dinheiro

		<p>extra para consertá-la. Enfrenta grande dificuldade de relacionamento com o pai. Ajudado por um colega mal visto na escola, rouba uma folha de cheque da mãe, falsifica a assinatura dela e desconta o cheque, se apropriando do dinheiro que não tinha sido liberado pela família. Este fato passa a incomodá-lo demasiadamente, ficando até com aparência abatida. É orientado por Jopa e Márcia a contar o erro para os pais; Gabi sai à noite, escondida dos pais, para encontrar alguns amigos na casa de Danilo. Volta e vai para o quanto antes que os pais percebam sua ausência. Passa a se sentir incomodada pelo ato “às escondias”, e procura um meio de resolver este conflito; Márcia, garota mais pobre do grupo, estuda no colégio por ser sobrinha de uma professora. Sofre um pouco pelas diferenças sociais, mas é muito bem aceita no grupo. Grande amiga de Júlio, aconselha o amigo a contar o erro cometido por ele, aos pais; Jopa, garoto admirado por seu caráter, pois sabe manter-se no grupo sem se envolver em atitudes arriscadas de garotos inconsequentes ou com influências negativas. Mariela e Cris, o primeiro amor acontecendo entre adolescentes; Marina, que organiza o teatro que parte da turma participa, onde Mariela e Cris são os protagonistas, encenando a paixão acontecendo entre um casal de robôs; No fim da história todos os conflitos são resolvidos a partir de muita conversa entre os amigos e pais e filhos. Em muitos diálogos prevalece a ótica dos pais, que tomam a voz narrativa por várias vezes e nestes momentos, são passados vários “conselhos” aos adolescentes.</p>
5	TEMÁTICA	Relações interpessoais
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Os alunos da 8ª série C, com destaque a: Júlio. Jopa (João Paulo), Danilo, Carlos, Márcia, Gabi, Tami, Marcela, Míua, Martha; Cecília, a garçõnete do barzinho da escola; Expressinho (dona Nívea), professora de Português; Professor Cardosinho; Yoshico, mãe de Muia; Dr. Leone e

		Magali, pais de Júlio.
7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Escola; barzinho que frequentam, na escola; casa dos alunos.
9	TEMPO HISTÓRICO	A história acontece durante o ano de 1974.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Durante o ano letivo de 1974.
11	VOZ NARRATIVA	No texto há predominância do discurso direto, sendo que a história é contada a partir dos diálogos entre as personagens, embora raras vezes apareça a voz do narrador em 3ª pessoa.
12	FOCO NARRATIVO	O foco narrativo está sob a ótica dos personagens envolvidos na história, portanto ele se alterna constantemente, de acordo com a personagem que discursa, ora um dos meninos, ora uma das meninas, pais, mães e professores.
13	LINGUAGEM	Uso da linguagem coloquial, com várias gírias que caracterizam os grupos de adolescentes da década de 1970.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa traz ilustrações em preto e branco, com a figura de cinco jovens, com roupas típicas a moda da época, que representam parte dos integrantes da 8ª série de um colégio. No alto da capa, em alaranjada está o título do livro e logo abaixo e nome da autora.
	PALAVRAS CHAVE	Mundo escolar, adolescentes, choque entre gerações, família.

4.2.20 *O clube dos bacanas*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1977
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O clube dos bacanas</i> . 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 89p.
3	SUBGÊNERO	Aventura
4	RESUMO	O livro narra a história de oito meninos integrantes de um clube que ainda não tinha nome nem ideal. A partir de um roubo na vila em que moravam, na fábrica de brinquedos do seu Sérgio, surge a o motivo que precisavam para a existência do clube. Ernesto acha sob a ponte um relógio de mulher, que parecia de ouro. Em reunião, o garoto mostra

		<p>aos colegas do clube, que decidem esconder o objeto. Paralelamente a este conflito, acontece a pintura da escola em que os garotos estudam, sendo que por ser num bairro pobre, o dinheiro para a tinta vem de doação do Lions clube. Para a pintura é feito um mutirão, entre pais, mães, professores, a diretora e as crianças pertencentes à escola. Dessa ação, a autora lança a mensagem da necessidade das pessoas se unirem em busca do bem ao próximo. Retornando à história do roubo, Marcos e conta aos amigos que tem uma moça loira sob a ponte procurando por uma planta. Os garotos desconfiam, decidem ir disfarçadamente ao local e lá veem, além da moça, dois homens dentro um carro com placa de Santos. Contam sobre a questão para Miu, e o assunto acaba chegando ao ouvido do delegado e do seu Sergio. Os meninos relatam tudo que sabem e assim ajudam a solucionarem o caso do roubo.</p>
5	TEMÁTICA	Roubo, relações afetivas.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Os oito integrantes do “clube dos bacanas”: André, o chefe; Pedro e Carlos, irmãos gêmeos; Júlio; Janjão, Marco; Nilson, chamado por Coati; Ernesto, o pescador. Mariela, mãe de Júlio; Sérgio, dono da fábrica de brinquedos; Miu, menina cadeirante, de 14 anos, que orienta os garotos do clube dos bacanas de como agir para ajudar a solucionar o roubo da fábrica.
7	MACROESPAÇO	Vila da fábrica; Sorocaba.
8	MICROESPAÇO	Barraco no quintal da casa de Júlio; fábrica de brinquedos, escola, embaixo da ponte do córrego, casa da Miu.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não delimitado, provavelmente contemporâneo à publicação da obra, década de 1970.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Poucos meses.
11	VOZ NARRATIVA	Apesar de raras vezes aparecer a fala do narrador em 3ª pessoa, o que predomina é o discurso direto, pois o leitor toma conhecimento dos fatos através da fala dos

		personagens.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista de alterna, ora estando o narrador fora da história, ora com os integrantes de clube dos bacanas ou ainda com a menina Miua, com visão limitada dos fatos.
13	LINGUAGEM	Coloquial, predominando o diálogo entre os meninos integrantes do clube dos cabanas.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro apresenta no topo o título, em preto e logo abaixo o nome da autora. Quanto à parte ilustrada, vê-se um pequeno cômodo e através da janela, a imagem de quatro meninos, uma bicicleta velha encostada no lado de fora e um gato sobre o telhado. Há ainda um varal com um par de meias e uma tolha de mesa. Não há ilustração no interior do livro.
15	PALAVRAS CHAVE	Clube, meninos, escola, amizade.

4.2.21 *O mistério da boneca*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1977
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>O mistério da boneca</i> . 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 60p.
3	SUBGÊNERO	Policial; questões sociais.
4	RESUMO	Mariela é uma garotinha de 11 anos que trabalha como guardadora de carros na avenida Paulista, em São Paulo. A menina tem grande afeição por Cuca, boneca adquirida através de uma rifa. Trabalhando no ponto conhece Lúcia, jornalista estudante, que estaciona o carro para ir ao cinema, perto do ponto de Mariela. As duas fazem amizade e um dia a garota conta à jornalista que algo estranho está para acontecer, pois ela vira um bandido conhecido do seu bairro, acompanhado por três homens, em atitude suspeita, em frente ao ponto que guarda pelos carros. No dia seguinte, no mesmo local em que tinham sido vistos, o bandido Zarolho e mais três homens roubam selos para revender a

		coleccionador. Na fuga, Zanolho arranca a boneca Cuca, pois vira o colega escondendo algo no brinquedo. A menina tenta segui-lo, perde-se e adormece no frio, sendo encontrada pelo padeiro, que a leva para o pronto socorro. Depois de inspecionar a boneca, o bandido livra-se dela, jogando-a em um quintal. Na sequência, os ladrões procuram pelo colecionador para vender o que furtaram, mas são denunciados pelo mesmo e acabam presos. Para recuperar sua boneca, Mariela conta com a ajuda da amiga jornalista Lúcia, que escreve um artigo no jornal, contando o ocorrido. A dona da casa em que a boneca fora jogada lê a reportagem, entrega a boneca a Lúcia que se encarrega de leva-la até os braços de Mariela. Assim, no final da história, tudo se resolve, bandidos são presos e Mariela recupera sua boneca.
5	TEMÁTICA	Relações afetivas (jornalista e Mariela); criança carente, trabalho infantil.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Mariela (11 anos), guardadora de carros; Lúcia, repórter de um jornal; Ladrões: Zanolho, Vira-Tripa, e os dois rapazes que dirigem o furgão; Vaz da Rocha, colecionador de selos, que denuncia os ladrões à polícia; André (13 anos) e Marcelo (11 anos), ambos irmãos de Mariela.
7	MACROESPAÇO	São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Avenida Paulista; bairro Santana; delegacia; Itu, lugar da procissão.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não informado, provavelmente década de 1970, por alguns indícios do texto, como a compra de um fusca pela jovem jornalista, que com dificuldade adquiriu-o.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Pouco mais de oito meses.
11	VOZ NARRATIVA	Lúcia, personagem-narrador, inicia o relato da história. A partir do VI capítulo, p. 28, inesperadamente a voz narrativa é transferida para um narrador onisciente, que não participa dos fatos narrados.

12	FOCO NARRATIVO	A princípio, o foco narrativo escolhido é através da personagem Lúcia, repórter estudante. Devido à visão limitada do foco narrativo em primeira pessoa, sendo insuficiente para narrar o roubo da boneca e dos selos, inesperadamente, a focalização é transferida para um narrador observador, com visão ilimitada dos fatos a ser narrados.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo amarelo, com o título do livro e nome da autora em preto. Em destaque em um círculo amarelo mais claro, a imagem de uma boneca, que representa Cuca, a boneca de Mariela que fora furtada.
15	PALAVRAS CHAVE	Roubo, criança, boneca, guardadora de carro.

4.2.22 *O segredo de Lenita*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1978
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>O segredo de Lenita</i> . Ilustrações: Marcos Tadeu de Freitas. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1978. 41p.
3	SUBGÊNERO	Fantástico
4	RESUMO	Lenita é uma garota que se sensibiliza quando vê o passarinho que os irmãos aprisionaram numa gaiola. Aproveita a ausência dos meninos e liberta a ave. Logo depois, verbaliza seu sonho de ser um pássaro. O canário libertado pela menina ouve sua confissão e lhe oferece a oportunidade de ser um pássaro. Para ela se transformar devia comer umas folhas bem verdes, e para voltar a ser menina, precisava beber três gotas d'água da fonte. Assim, sem que ninguém percebesse, ela se transformava em Lenita-beija-flor e voava com o canário, experimentando a vida de pássaro. Pode participar da festa de aniversário do rei Papagaio, ver a Pintassilguinha cantar e ainda ajudou a

		salvar o ninho da rolinha de uma cobra coral, pois como menina pode matar o animal antes que este devorasse os ovinhos da rolinha. No fim da história, ela não mais se transformará em pássaro, mas o rei Papagaio diz a ela que toda vez que ela ouvir o canto dos pássaros, deve se lembrar dos amigos que estão por ali para alegrá-la. Assim, o segredo de virar pássaro ficou aguardado entre ela e as aves.
5	TEMÁTICA	Liberdade dos animais; o aprisionamento de pássaros em gaiolas; convívio entre as aves.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Lenita-menina (Léa Maria), de seis anos de idade; Lenita-beija-flor; canário (pássaro aprisionado pelos irmãos de Lenita e solto pela menina); rei Papagaio; Pintassilga (cantora); os irmãos de Lenita: Pedro e Carlos;
7	MACROESPAÇO	Casa de Lenita; mata Verde
8	MICROESPAÇO	Casa de Lenita: pomar; Mata verde: casa do rei Papagaio, casa das andorinhas; ninho da rolinha.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Não delimitado, provavelmente, alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. Há um equilíbrio entre o uso do discurso direto e indireto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é onisciente e possui amplo domínio sobre a vida interior e exterior das personagens.
13	LINGUAGEM	Predomina a norma padrão de linguagem, inclusive nas falas das personagens.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa apresenta três retângulos alaranjados. No primeiro, vê-se o nome da autora e um círculo, representando o sol. No segundo o título do livro aparece em destaque. No terceiro, há duas imagens que remetem a gravura em giz de cera, onde a figura é formada através do traço do contorno. Há uma garota com um gato no colo e um ramo com duas flores. No interior da obra as ilustrações seguem o mesmo estilo da capa. Sempre na cor laranja, são desenhos simples que procuram representar alguns trechos do texto verbal.

15	PALAVRAS CHAVE	Fantasia, pássaros, amizade, liberdade.
----	----------------	---

4.2.23 *Os dois lados da moeda*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1978
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Os dois lados da moeda</i> . Ilustrações: Marcelo Mazón. 16. ed. São Paulo: Atual, 1991. 118p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais
4	RESUMO	A novela narra a história de dois garotos. João: mora com a mãe e quatro irmãos na favela, em São Paulo. Migrante do Ceará, trabalha no carroto para ajudar a mãe a sustentar os irmãos menores; André, mora com os pais, pessoas instruídas. Estuda em escola particular, frequentada por alunos da classe média alta. O garoto desfruta de uma vida de confortos. Apesar de pobre, João é garoto honesto, com virtudes aquém a um garoto da sua idade. Trabalha duro, honestamente, juntando o dinheiro do trabalho para ajudar a mãe sustentar os irmãos, que são todos menores que ele. Enquanto a mãe e João trabalham, Pedro e Carlos saem do barraco, acompanham um cachorro e acabam não encontrando o caminho de volta. São recolhidos por uma senhora que os encaminha ao Juizado de menores. Ficam por onze dias no abrigo, pela dificuldade em localizar a família dos pequenos. São dias de muito sofrimento e procura, para João e sua mãe. André, tem rotina diferente de João. Acorda cedo, toma um bom café da manhã acompanhado dos pais, depois vai para a escola de chofer. Convive somente com pessoas do seu nível social. Mesmo com toda orientação recebida dos pais, comete um deslize. Desafiado por um colega quanto à coragem, André furta alguns bombons de um supermercado. É pego pelo fiscal e encaminhado à delegacia. O pai é chamado, o garoto explica

		a brincadeira e o caso fica resolvido, sem grandes constrangimentos ou repreensões. Tatiana, mãe de André, trabalha como assistente social, tendo contato com a pobreza e diariamente se deparando com as dificuldades vividas pelos menos favorecidos economicamente. As duas histórias se cruzam, quando Tatiana consegue descobrir quem era a mãe, Pedro e Carlos, encaminhados ao juizado. A mãe é advertida que caso houvesse reincidência os garotos ficariam no recolhimento de menores. Os garotos são entregues à família, a história retoma seu equilíbrio, continuando com os dois lados da moeda: riqueza e pobreza.
5	TEMÁTICA	Populações desprotegidas e carentes; miséria e riqueza;
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	João, garoto de 12 anos, filho de cearenses, trabalha na feira com carroto, a 4 Km de seu barraco. Vive com a mãe e quatro irmãos pequenos em uma favela em São Paulo. O pai retornou ao Ceará; Mãe de João, faxineira; Pedro (5 anos) e Carlos (4 anos), irmãos de João. As duas irmãs de João, de nove e oito anos; André (12 anos), garoto oriundo de classe média alta, estuda em ótimo colégio particular, tem vida regrada de conforto. Dr. Júlio, pai de André, advogado bem sucedido alheio às questões de pobreza; Tatiana, mãe de André, é assistente social do Juizado de Menores, mulher bastante sensível em relação à condição dos menos favorecidos social e economicamente;
7	MACROESPAÇO	São Paulo
8	MICROESPAÇO	Favela Sapo; Bairro Sumaré, feira de Sumaré; Feira de Vila Madalena; barraco da família de João; Casa de André; Juizado de menores; Avenida Heitor Penteado;
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente na década de 1970, época em que a obra foi lançada, momento que coincide com a ampla migração de nordestinos brasileiros para São Paulo.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Poucos meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa a princípio não participa dos fatos narrados.

		Há equilíbrio entre o discurso direto e indireto. No final do livro, a voz narrativa apresenta-se como personagem coadjuvante, alguém que sempre esteve ali, margeando a história, mas sem participar dos fatos contados, como podemos comprovar: “Acabamos de fazer as compra, vamos para minha casa. [...] o garoto vai ver meu conforto, ele carrega as compras até a copa” (p.117). Dessa forma, a narradora se mostra como uma freguesa da feira em que os meninos da favela trabalham fazendo carroto, levando as compras para as mulheres, em troca de uns trocados.
12	FOCO NARRATIVO	A narradora é plenamente onisciente, tendo acesso à vida interior e exterior das personagens. Podemos dizer narradora/autora, como se constato no excerto: “Pois é, o que fazer? Tatiana, você não sabe que é assistente social dedicada [...] e eu, então, eu que escrevo a estória e não posso interferir?” (p. 59).
13	LINGUAGEM	Coloquial, com tendência a aproximar a fala dos personagens de acordo com a esfera social a qual pertencem.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa apresenta em destaque a figura de um menino, que devido ao tênis que usa, é provável que represente o personagem André. Ao fundo vê-se do lado esquerdo a imagem de um barraco e do lado direito prédios, representando a parte desenvolvida e rica da cidade de São Paulo. O céu aparece ensolarado. Na parte superior da capa, em destaque o nome da autora e logo abaixo, em letras pretas, o título do livro.
15	PALAVRAS CHAVE	Pobreza e riqueza; favela, desestrutura familiar;

4.2.24 A história dos dois peruzinhos (há publicação deste livro desde 1976 – no entanto em: ZILBERMAN, R. LAJOLO, M. Um Brasil para crianças: 1988. p. 241, a data da primeira publicação consta em 1978)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1978
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A estória dos dois peruzinhos</i> : 1976. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1976. 99 p.
3	SUBGÊNERO	Intimista
4	RESUMO	Carla, dez anos de idade, protagonista da história, mora com os pais Dr. Fábio (médico), a mãe Dr. ^a Léa (advogada) e o irmão de 9 anos, Marcos. A garota foi escolhida pela professora para preparar uma experiência para a Feira de Ciências da cidade. Na vizinhança, mora a prima Márcia, que tinha uma galinha que chocou ovos de peru. Carla tem a ideia de fazer a experiência condicionando um peruzinho. Negocia com a prima e consegue um peru para ela e outro para o irmãozinho. Cria a ave anotando em um diário todo o comportamento do animalzinho e procurando condicioná-lo em alguns aspectos. Depois de seis meses de dedicação, acontece a feira, onde alunos de várias cidades e escolas apresentam suas experiências. O Trabalho de Carla é o que recebe o maior número de votos, sendo eleito o melhor. Marcos cria o seu peruzinho, que chama de Amigão, como companheiro. Não se separa dele nem mesmo para dormir. Escuta a mãe dizendo ao pai que o “Amigão” andava incomodando muito, cantando fora de hora e acordando a família, e que seria bom matá-lo para o Natal. Depois disso, foge com o peru, se perde no bosque da cidade ficando lá até ser encontrado pela família, quando já era noite. O menino conta o motivo por de ter fugido com o “Amigão”, os pais explicam que o peru deve ficar no quintal, com a ave da irmã no galinheiro, e que como já cresceram, podem até namorar e formar família de perus. Tudo acaba bem.
5	TEMÁTICA	Relações afetiva; relações familiares; dedicação.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Carla, 10 anos, quer ser cientista; Marcos, 9 anos, irmão de Carla, adora bichos. Dr. Fábio, médico, pai de Carla; Dr. ^a

		Léa, advogada, mãe de Carla; Márcia, prima de Carla, tem uma galinha que chocou ovos de peru; Maria, empregada da casa de Márcia, que ajuda Marcos nos cuidados com o peruzinho.
7	MACROESPAÇO	Botucatu.
8	MICROESPAÇO	Casa de Carla (quarto, banheiro, quintal) casa de Márcia (cozinha e quintal), Colégio, pátio do colégio, bosque.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 1970.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de seis meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa é da protagonista de história, Carla, embora haja grande incidência de diálogos.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista da narrativa pertence à protagonista, assim, trata-se de uma focalização parcial e limitada, filtrada pela subjetividade da menina.
13	LINGUAGEM	Predomina a linguagem padrão, mesmo se tratando de um livro infantil, contendo vários diálogos entre crianças, a linguagem que se sobressai é a padrão, como no trecho em que o menino Marcos fala: “É, mas se eu puser lá fora o gato os come” (p.97).
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem em destaque um cesto com duas aves saindo dos ovos. Ao fundo, sobressaem as cores marrom, amarelo, azul de verde. O título do livro e o nome da autora são escritos em preto, no alto da capa.
15	PALAVRAS CHAVE	Peruzinhos, feira de ciências, relações afetivas.

4.2.25 O caso da ilha

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1978
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O caso da ilha</i> . 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. 66 p.
3	SUBGÊNERO	Policia.
4	RESUMO	Pedro procura o delegado de polícia para relatar sobre o estrago cometido no barco de seu tio e o saco preto

		<p>depositado no mar por um helicóptero. Comenta ainda sobre a ocupação no casarão assombrado da ilha, por estrangeiros que não mantêm contato com a colônia de pescadores. Paralelamente o narrador informa sobre um sequestro de um exímio lapidador de pedras preciosas, em Antuérpia-Bélgica, ocorrido há um ano e meio, sem deixar pistas. O delegado, dr. Carlos, decide acompanhar o garoto até a ilha na busca de encontrar indícios que o ajude a resolver o caso. Depois de ouvir alguns pescadores, resolve investigar o casarão dito assombrado, ocupado pelos estrangeiros. À noite, sem serem vistos, dr. Carlos e Pedro invadem os limites do casarão e encontram um saco de diamantes em um galpão. Evadem-se sem deixar pistas. Dr. Carlos desconfia da relação entre o sumiço do lapidador de pedras preciosas com o que encontrou no casarão. Busca ajuda na capital, retornando ao local com uma equipe, que novamente invade o lugar, rendendo os que lá se encontravam. Interrogando o piloto aéreo, Marco, tomam conhecimento do plano do chefe Fritz, de se tornar imperador de um reino. De acordo com Marco, o excêntrico Fritz, sequestrava pessoas competentes, de diferentes áreas, para prestar serviço a ele. Tanto Marco como Jean Paul, foram sequestrados pela equipe de Fritz: Jean Paul para lapidar os diamantes contrabandeados do sul da África e Marco para fazer o tráfego aéreo. Jean tinha conseguido fugir há alguns dias e Fritz andava muito bravo, planeja deixar a ilha e queria descobrir quem fora o traidor que ajudara Jean Paul na fuga. Com base no relato de Marco a quadrilha de Fritz foi desmascarada e o plano do excêntrico estrangeiro desbancado.</p>
5	TEMÁTICA	Desvendar mistério.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Pedro de Barros, esperto garoto de 14 anos, morador e pescador na ilha, sobrinho de João; Dr. Carlos Mota,

		delegado responsável por resolver a questão do “arrombo” no barco de João e solucionar o mistério do casarão da ilha; João, pescador respeitado pelos moradores da ilha, dono do “Menina”, barco com que João transporta o produto da pesca da comunidade em que moram, para o continente. Jean Paul, de Antuérpia-Bélgica, artesão de 29 anos, pertencente a uma família que há mais de 300 anos lapidam pedras preciosas; Fritz Karl, ex-oficial da marinha (que perdera um braço e uma perna na última guerra), homem excêntrico, contrabandista de pedras preciosas vindas do sul da África, que queria se transformar em ditador de um reino; Dr. Júlio Ancora Lopez, chefe da polícia.
7	MACROESPAÇO	São Paulo; Ilha a 50 Km do continente; Antuérpia-Bélgica;
8	MICROESPAÇO	Enseada da ilha; casarão assombrado da ilha; casa do Pedro; delegacia; biblioteca municipal de São Paulo;
9	TEMPO HISTÓRICO	Não delimitado, provavelmente segunda metade do século XX, pela locomoção através de carro, hidroplano, iate e helicóptero.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador situa-se fora da história, no entanto há grande incidência de discurso direto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é onisciente, no entanto, pela frequência do discurso direto, a focalização passa a ser cedida a alguns personagens, sendo filtrada pela subjetividade destes.
13	LINGUAGEM	Predomina a linguagem padrão, sem caracterizar uma linguagem elitizada, portanto mais próxima da coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa predomina a cor azul, dividida em três partes. Na parte superior, fundo azul escuro, o título do livro e o nome da autora. No meio, fundo azul mais claro, um círculo com as cores laranja e azul, remetendo à fase minguante da lua. Já na parte inferior, a ilustração lembra um mosaico.
15	PALAVRAS CHAVE	Investigação policial; ilha; estrangeiros; diamantes.

4.2.26 *Pedro pedreiro*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1979
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Pedro pedreiro</i> . 11. ed. São Paulo: Atual, 1986. 92 p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	<p>Pedro é casado com Zezé desde quando vieram da Bahia, ele com 25 anos de idade. Empregou-se na construção civil, trabalho que se mantém há 20 anos. Durante o expediente, caiu do segundo andar e fraturou perna e braço, tendo de ficar longe do trabalho por mais de 40 dias. Quando recebeu alta, tentou retornar ao antigo trabalho, mas não poderia ser aceito como pedreiro, profissão que sempre desempenhou. Apesar de os dois filhos mais velhos já estarem empregados, o dinheiro era pouco, viviam de modo bastante humilde, assim, precisava trabalhar com urgência. Aceita uma oportunidade de servente de pedreiro, se sentindo rebaixado, pois além de ganhar menos, é inferior à de pedreiro. Sem alternativa, mesmo ainda não se sentindo bem fisicamente, assume o trabalho. Pedro e a esposa conseguiram ao longo da vida pagar o imóvel em que moravam. A casa é simples, mas não precisavam pagar aluguel. No entanto, veio a notícia que eles, e grande parte de vizinhança, teriam de entregar seus imóveis, pois a imobiliária vendera terras irregulares, e o verdadeiro dono requerera a propriedade judicialmente. Pedro ficou muito desiludido, sentiu forte dor de cabeça enquanto trabalhava e caiu morto. A esposa Zezé e os filhos começaram uma saga para não perderem a casa em que moravam. Apesar da ajuda do pastor da vila, das orientações do advogado, teriam de desocupar o imóvel. A alternativa possível foi alugar a casa que fora construída pelo casal, pois não tinham condições de comprá-la, para poder continuar no lugar que guardava a memória da história</p>

		vivida por Pedro, Zezé e os filhos.
5	TEMÁTICA	Luta pela casa própria; exploração dos mais fracos, pobres.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Pedro, negro, vindo da Bahia para São Paulo, pedreiro. Zezé, esposa de Pedro, se conheceram ainda no caminhão de pau a pique que os trouxe da Bahia para São Paulo; Marcelo, Tami, Lúcia e Renato, os quatro filhos de Pedro e Zezé; Gabriel, namorado de Tami, rapaz de 23 anos, também negro, trabalha e estuda, mora com a mãe, que é separada do pai; Leone, pastor da Vila Nova, onde moram Zezé e família;
7	MACROESPAÇO	São Paulo
8	MICROESPAÇO	Vila Nova, construção civil; casa de Pedro e Zezé, hospital, casa de Gabriel.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 70, pois Renato cita sobre a ida do homem à Lua (1969), “Renato fala alto, eu queria ir na lua como aquele aviador” (p. 76).
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de um ano.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. Há equilíbrio entre os diálogos e a voz do narrador. Verifica-se também o uso do discurso indireto livre: “Foi a notícia de que ia perder a casa que matou seu marido e Zezé não se conforma, perdeu o marido e agora vai perder a casa, sua dor é uma só, e sua raiva contra o português é imensa. Foi ele o causador de tudo, mas ele não vai ser feliz com o dinheiro ganho à custa do suor de nós pobres.” (p.70)
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é onisciente, tendo acesso à vida interior e exterior das personagens, inclusive de fatos passados.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	O nome da autora está na parte superior da capa em amarelo com fundo vermelho. Abaixo há o título do livro em preto e a imagem de quatro homens bem vestidos, e em maior destaque uma moça loira e um garoto. Na parte interior do livro há somente três páginas, ilustradas em preto e branco. A

		primeira representa a queda do pedreiro; a segunda, dois temos dois homens, o primeiro lembra mestre de obras de construção civil e o segundo, homem bem aparentado, não operário. A última, um homem branco, bem vestido de boa aparência, fala com uma mulher que chora, também branca. As duas últimas imagens tem pouca relação com o texto narrado.
15	PALAVRAS CHAVE	Casa própria, pedreiro, diferenças sociais, ganância.

4.2.27 *Mistério? Misterioso amor*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1980
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Mistério? Misterioso amor</i> . 8. ed. São Paulo: Atual, 1986. 92 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	A narradora inicia a história afirmando que se trata de uma história verdadeira. Ela recebe um telefonema de um grupo de alunos pedindo para serem recebidos. Combinam a data e horário apropriado e são recebidos pela escritora. Cotam que procuraram por ela por desejar que ela escreva um livro em que eles sejam protagonistas. Outros encontros acontecem eles vão trazendo para ela assuntos que acontecem no ambiente escolar. Um deles é o caso de Carla, filha de pais separados, que se envolve com um sujeito mais velho. Neste caso, entra em discussão se a separação dos pais pode ter relação com o modo de agir da garota. Armam um plano e a garota não é mais procurada pelo sujeito. A escritora também é procurada por Márcia, que tem estado descontente com atitudes dos mais velhos, como os pais e professores. A neta Martha é a personagem que apresenta a discussão sobre sexo, abrindo mais uma oportunidade de Odette colocar seu ponto de vista sobre o assunto, além de falar sobre a necessidade de diálogo entre pais e filhos. Nas páginas finais

		do livro, os alunos que a visitam regularmente, levam para ela duas cartas de amor, que acharam no colégio, de uma jovem que usa o pseudônimo de Julieta para um possível Romeu. Nela a garota revela seu amor e a dificuldade de viver distante do amado. O livro acaba com Odette lendo as cartas, sendo acordada pelo neto, de um possível sonho.
5	TEMÁTICA	Conflitos da adolescência; Amor.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Odette, escritora; Alunos do colégio Carlos de Barros: Renato e Júlia, os casal de namorados; Míua; Tatiana; André; Gaby; Gabriel; Camila; Marcela; Carla, a garota que se envolveu com o homem do carro luxuoso; Márcia, garota do colégio que procura Odette para conversarem sobre seus conflitos de adolescentes e choque de relacionamento com os pais; Martha, neta de Odette.
7	MACROESPAÇO	São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Sala da casa de Odette; colégio Carlos de Barros; rua da frente do colégio;
9	TEMPO HISTÓRICO	1979, pois a autora diz ter 64 anos.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Não delimitado, provavelmente alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz que narra é de Odette, escritora. No entanto, predomina no livro o diálogo desta com os demais personagens da história narrada.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista é o da escritora, mulher com sessenta e quatro anos, que através do diálogo com as personagens procura colocar seu ponto de vista sobre os conflitos que permeiam a vida dos jovens, como o amor, o sexo, embates entre pais e filhos. Assim, além de apresentar o diálogo dela com o grupo de alunos, apresenta também alguns diálogos mais restritos como entre Odette e a neta Martha ou em outro momento Odette e a menina Márcia.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	O nome da autora está na parte superior da capa em amarelo com fundo vermelho. Abaixo há o título do livro em preto e

		a figura de um rapaz, virando o rosto para trás para olhar uma moça, de olhos fechados com o rosto inclinado para cima. Ambos são de pele clara. O fundo da imagem é amarelo. No interior há somente duas páginas ilustradas, em preto e branco. Na primeira a representação da escritora recendo uma correspondência e na segunda, representa um flashback que a escritora tem de seu primeiro amor, na adolescência.
15	PALAVRAS CHAVE	Amor, adolescentes, sexo, diálogo entre pais e filhos.

4.2.28 *As empregadas*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1981
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>As empregadas</i> . 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 89 p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	Justina, moça humilde do sertão do Piauí, muda-se para casa de dona Ione, em São Paulo, para trabalhar de doméstica. Na capital, é possível frequentar o mobaral, à noite. É responsável por todo o serviço da casa, como limpar a casa, lavar, passar, cozinhar para toda a família, composta por seis integrantes. Apesar de a patroa ser descrita como alguém atenta às questões da empregada, Justina trabalha há dois anos sem ter tirado férias. O dinheiro que recebe envia para os pais, que vivem em situação miserável no sertão do Piauí, e lutam para sustentar os filhos menores. A prima Raimunda, menor de idade, trabalha na casa de dona Mirian, mulher exigente e indiferente às questões da funcionária. A menina ingênua acaba sendo seduzida por um rapaz que a engravida. Dona Mirian pensa em devolvê-la para os pais na fazenda, mas a tia, Ione, penalizada pela situação da moça e pensando na reação do pai, homem que não admite filha desonrada, decide ajudar, encaminhando a garota para um Instituto de

		<p>mães solteiras. Orientam a moça que quando a criança nascer, ela deve deixá-la aos cuidados da avó, no outro estado, para que ela possa trabalhar e ajudar no sustento da criança. Justina recebe uma carta dos pais informando que a seca estava judiando muito naquele ano e que já era hora da irmã Jovita seguir o destino de empregada doméstica. Assim a garota também é encaminhada para São Paulo, para ter a mesma vida que a irmã e a prima. Em alguns monólogos interiores ou diálogos, o livro também discute a questão do machismo, da submissão da mulher, os questionamentos da mulher atuante do século XX, o lado das patroas, umas sensíveis às questões das empregadas domésticas enquanto outras demonstram descaso. Assim, o livro termina com Jovita sendo iniciada aos serviços domésticos, Justina continua sendo empregada de dona Ione e Raimunda aguarda o nascimento do bebê no Instituto de mães solteiras.</p>
5	TEMÁTICA	<p>Condição de vida das empregadas domésticas, meninas oriundas do sertão nordestino que buscam na cidade grande uma condição de vida melhor.</p>
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	<p>Justina (Justa), moça inexperiente, de região subdesenvolvida do Piauí, que se muda para São Paulo, para trabalhar de doméstica na casa de d. Ione, filha da proprietária da fazenda em que nasceu e que o pai é meeiro. Raimunda, menina de 15 anos, prima de Justina, vinda da mesma fazenda, na mesma situação, trabalhar de doméstica na casa de dona Mirian, neta de Antonieta, proprietária da fazenda. Jovina, menina de 15 anos, irmã de Justina, que segue o mesmo destino das duas anteriores. Dona Ione, advogada, casada, tem 4 filhos; é a patroa de Justina, e mostra-se sensibilizada pela vida dura das empregadas domésticas. Dona Mirian, sobrinha de Dona Ione; mulher egocêntrica, exigente com os afazeres domésticos e indiferente às questões humanitárias em relação à empregada</p>

		doméstica, Raimunda. Gisele (18 anos), Mônica (16 anos) Leca (14 anos), Deco (15 anos): filhos de dona Ione.
7	MACROESPAÇO	São Paulo; Piauí.
8	MICROESPAÇO	São Paulo: Casa de Dona Ione; Casa de dona Mírian; Instituto da mãe solteira; rodoviária. Piauí: Fazenda Rincão, casebre da família de Justina, casarão de dona Antonieta.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não determinado, provavelmente década de 1970.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	Apesar de haver um narrador situado fora da história, o que predomina no texto são os diálogos e alguns trechos de monólogo interior. Há ainda o uso do discurso indireto livre.
12	FOCO NARRATIVO	Embora o narrador seja do tipo onisciente, possuindo amplo conhecimento das ações e da vida interior exterior das personagens, muitas vezes ele cede a voz a uma das personagens, geralmente Justina.
13	LINGUAGEM	Coloquial e linguajar caipira.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro apresenta a imagem de parte da seção de classificados de um jornal, meio amarelado. O título está no lado superior direito, escrito em verde e logo abaixo o nome da autora, em preto. No canto inferior esquerdo da capa há um espanador de pó. Não ilustração no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Empregada doméstica; profissão da mulher; machismo, diferenças sociais, exploração do ser humano.

4.2.29 *Vinda com a neve*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1982
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Vinda com a neve</i> . 6. ed. São Paulo: Moderna, 1984. 48 p.
3	SUBGÊNERO	Fantástico
4	RESUMO	Lin, um príncipe generoso, era filho de um rei mau, que devido às caridades feitas pelo rapaz, expulsou-o do castelo, junto com a mulher e a filha recém-nascida. Era

		<p>inverno, nevava e a princesa não suportou o frio, a fome e o cansaço e morreu. O príncipe, vendo-se sozinho com a criança nos braços e sem condições de alimentá-la, decidiu deixá-la na porta de um casal de lavradores, para que pudesse ser criada. O casal muito pobre acolheu a menina, criando-a como filha. O príncipe continuou vivendo, sempre fazendo e bem, sendo recompensado por suas atitudes. Depois de sete anos, ele morava em um reino próspero, tendo condições de manter a filha. Assim, enviou um amigo para busca-la. Além dela, veio também o casal de lavradores com dois filhos, passando todos a marar juntos, como uma grande família feliz.</p>
5	TEMÁTICA	A amizade e a generosidade como auxílio na solução de dificuldades vividas e para o alcance da felicidade.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Vinda com a neve: bebê colocada na porta de um casal de lavradores; Lin, generoso rapaz, filho de um rei mau; casal de lavradores; mendigo, amigo do Lin.
7	MACROESPAÇO	China.
8	MICROESPAÇO	Casa dos lavradores; casa da patroa do casal; reino do rei mau; reino próspero;
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Sete anos.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador onisciente situa-se fora da história, predominando a voz deste e o discurso indireto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador possui visão ilimitada sobre os acontecimentos narrados.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	O fundo da capa do livro é azul, com pontos brancos que representam neve. O título está na parte superior da capa e logo abaixo o nome da autora. Em destaque, o desenho de uma menina oriental, com quimono alaranjado. As ilustrações do interior do livro são em preto e branco, desenhos simples que representam algumas situações

		vividas pelos personagens na narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Caridade; o mal e o bem; amor; generosidade.

4.2.30 *Essa terra é nossa*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1982
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Esta terra é nossa</i> . 7. ed. São Paulo: Atual, 1988. 124 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	Veridiana perde a mãe ainda menina e é criada pela tia, madrinha. Consegue se formar professora e assume aulas no Bairro do Rincão, lugarejo muito pobre do Estado de São Paulo. Moça dedicada, além de se preocupar com as obrigações escolares, procura instruir o povo local sobre questões de higiene, saúde, alimentação, entre outros. Para tanto, cria um clube das mulheres, onde promove a criação de horta e trabalhos artesanais. Mais tarde, consegue organizar também o clube dos homens, que entre outros interesses dos posseiros, desejam aprender as letras, para não serem presas fáceis de homens mais instruídos. Conhece Ladislau, rapaz proprietário de um sítio da redondeza, e se apaixona por ele. Tudo ia bem, até que as terras do Vale do Rincão passaram a ser invadidas por homens munidos de armas de fogo, com intenção de expulsar os posseiros. Veridiana orienta os moradores a não agir com violência e propõe irem á cidade mais próxima à procura de um advogado. Contratam a Dr. ^a Martha para cuidar dos interesses da comunidade, mas a justiça é lenta para o lado dos posseiros pobres. Veridiana e Ladislau se casam, ela engravida do esposo, mas nem tudo era tranquilo, pois a luta na justiça pela posse das terras continua. Numa manhã, Ladislau se depara com a lavoura de sua propriedade totalmente destruída. Veridiana é

		avisada e vai até o local, onde encontra o marido desnorteado. Ela, grávida de seis meses, pega sua pequena enxada e diz para o marido que eles reconstruirão tudo, usando a afirmação: “esta terra é nossa”.
5	TEMÁTICA	A solidariedade de uma professora para ajudar o povo de uma região pobre a se livrar da miséria e ignorância.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Veridiana, moça de 20 anos, que após sua formatura de professora, passa a lecionar em um dos bairros mais pobres do Estado de São Paulo, no Vale do Ribeira, Bairro do Rincão; Ladislau, morador do Vale do Ribeira com a mãe e duas irmãs, apaixonou-se por Veridiana. Nica, menina prestativa, aluna de Veridiana; Dr. ^a Martha, advogada contratada para defender os interesses dos posseiros do Rincão; Benedita, enfermeira. Jacinto, posseiro que se alia à professora Veridiana para defender as terras do povo do Rincão.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo; Vale do Ribeira;
8	MICROESPAÇO	Bairro do Rincão; escola Comunitária do Bairro o Rincão; casa de Veridiana; propriedade de Ladislau; Eldorado. Registro.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente segunda metade do século, XX, quando máquina de xérox já podia ser encontrada em cidades pequenas.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	4 anos
11	VOZ NARRATIVA	Veridiana é, além de protagonista, narradora da história. No entanto, em determinado momento da história, a voz narrativa passa para um narrador que não participa dos fatos narrados, pois as informações que são dadas são desconhecidas pela protagonista: “Pedro se levanta. Estava comendo farinha com peixe quando seu compadre chegou” (p. 46); “Foram direto à escola. Eram 17 horas, a professora devia estar na casa, pois a porta da escola estava cerrada” (p. 47). O discurso direto também é bastante

		presente no texto, através do diálogo entre as personagens.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista narrativo é de Veridiana, sendo assim subjetivo, pois os fatos narrados passam pelo filtro da personagem protagonista.
13	LINGUAGEM	Na voz das personagens mais escolarizadas, predomina a linguagem coloquial. Para os moradores sem estudo, do bairro do Rincão, é utilizada a variante caipira.
14	PROJETO GRÁFICO	. Em destaque, há a figura de uma moça clara, de cabelos escuros, com uma criança no colo e um livro aberto. O nome da autora está na parte superior da capa, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto
15	PALAVRAS CHAVE	Solidariedade, educação, miséria, amor, posseiros.

4.2.31 *O filme na barriga do panda*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1982
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O filme na barriga do panda</i> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 94 p.
3	SUBGÊNERO	Intimista.
4	RESUMO	A novela apresenta duas histórias que se cruzam. A primeira, de Luciana, garota de quinze, que mora em Marrocos com a mãe. A menina está de partida para o Brasil, onde passará a morar com o pai, Haussan, que não vê há 15 anos, desde quando os pais se separaram. A segunda, sobre a experiência do pesquisador Dr. NabôKandu, um Sul Africano de Johannesburg, que descobriu uma droga revolucionária para a saúde da humanidade. Tal descoberta despertou grande interesse no laboratório Antvirox, devido ao lucro que o medicamento poderia trazer para a empresa. O Dr. Nabô não visava interesses econômicos, simplesmente contribuir para a humanidade, pensando assim, integraria a fórmula à

		<p>“Organização Mundial da saúde”. O laboratório Antvirox arma um esquema sigiloso para apoderar-se da fórmula, antes que ela seja entregue. Percebendo o perigo que corriam, Dr. Nabô e seus dois assistentes italianos, gêmeos, Renzo e Carlo, partem para o Brasil. No avião, um dos irmãos se sentou ao lado de Luciana, e sem que ela percebesse, colocou um filme contendo a fórmula da descoberta e um bilhete para a menina, explicando que por ele estar sendo perseguido, decidiu tomar tal atitude, e que no Brasil procuraria a garota para recuperar a descoberta. Já no apartamento do pai no Brasil, Luciana esconde o filme na barriga de um urso panda, de pelúcia, onde se guardam as pilhas. Ela mantém segredo, mesmo percebendo que passa a ser seguida dia e noite. Conhece, Fabrizzio, um belíssimo rapaz, enviado pelos auxiliares dr.Nabu, para protegê-la e acaba se apaixonando por ele. Depois de algum tempo correndo perigo e sendo vigiada, o caso é resolvido. A fórmula é entregue aos auxiliares do dr.Nabô e o plano do laboratório Antvirox é descoberto. Para completar o final feliz, Fabrizzio também está apaixonado por Lucina.</p>
5	TEMÁTICA	A descoberta de um medicamento revolucionário, uma menina interceptora e a ganância de um laboratório.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Luciana, garota brasileira, que mora em Marrocos com a mãe e após ter completando 15 anos passa a morar com o pai, no Brasil; Dr. Nabô, pesquisador Sul Africano; Renzo e Carlo, gêmeos, italianos, auxiliares de Dr. Nabô; Fabrizzio, rapaz de origem italiana, loiro, olhos azuis, contratado por Renzo e Carlo para proteger Luciana; Haussan, homem rico, de origem árabe, pai de Luciana. Daniela, esposa de Haussan.
7	MACROESPAÇO	Marrocos; Brasil.
8	MICROESPAÇO	Marrocos: Casablanca, casa de Luciana; Brasil: Rio de

		Janeiro, apartamento de Haussan, quarto de Luciana, praia, clube.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente segunda metade do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Meses.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa predominante é a protagonista, e mesmo o texto não tendo a sistemática de um diário, configura-se como um tipo registro de fatos cotidianos. Além do discurso indireto, há também presença significativa de diálogos. Há ainda momentos de monólogo interior da protagonista. Em algumas situações, quando os fatos a serem apresentados fogem a alçada da protagonista, há a presença de um narrador fora da história.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista assumido é da protagonista, sendo que a história narrada é apresentada a partir do ponto de vista da menina Luciana, por uma ótica subjetiva, limitada e muitas vezes com reflexões não coerentes para uma menina de 15 anos.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo degrade em rosa, com a figura de um homem com capa preta e a imagem de um ursinho panda sorrindo. Na parte superior da capa está o nome da autora e logo abaixo, em letras maiores, o título do livro. Não há ilustração no interior da obra.
15	PALAVRA CHAVE	Segredo, descoberta científica, amor.

4.2.32 *O Muiraquitã*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1983
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O muiraquitã</i> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 69p.
3	SUBGÊNERO	Lenda.
4	RESUMO	Márcia e Zezé são primas, sócias de uma loja de antiguidades. Ao chegarem de manhã para trabalhar,

		<p>perceberam que a loja fora roubada. Neste momento chegou Rodrigo, rapaz que notou o tumulto e resolveu parar e informar que de madrugada viu quando um homem saiu da loja. A polícia foi chamada e após averiguação do local, perceberam que somente uma peça havia sido furtada. Tratava-se de um talismã, o muiraquitã, feito de pedra verde em formato de uma rãzinha de olhos esbugalhados. Após refletirem sobre o roubo, chegaram à conclusão de que o ladrão arrobou a loja em busca exclusivamente desta peça. Zezé contou a Rogério e a um detetive contratado, que poucas pessoas sabiam de existência do amuleto, que apesar de ficar guardado na loja, não estava a venda, pertencia à família. Seu tio Laurindo, pai de Márcia, em uma viagem no Xingu em busca de antiguidade, foi sozinho ao “Espelho da lua”, e de lá retirou o muiraquitã, mesmo tendo sido avisado por um velho índio, que Cy, a protetora dos índios daquele lugar, amaldiçoaria quem se atrevesse a pegar o último muiraquitã. Depois que ele apoderou-se do muiraquitã, caiu doente e em pouco tempo falecera. Assim, o amuleto ficou na loja. Concluíram que os únicos interessados na peça seria o povo indígena, e que provavelmente teriam ido buscá-la. Decidiram então, não mais procurar pelo muiraquitã, que teria voltado para o seu verdadeiro lugar, de onde não devia ter saído. Márcia e Zezé declararam que os negócios na loja progrediram depois que a pedra verde deixou aquele lugar.</p>
5	TEMÁTICA	Lenda indígena sobre a preda verde, muiraquitã.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Márcia, moça sensível e insegura, filha de Laurindo, prima de Zezé; Zezé, jovem mais decidida que Márcia, filha de Laura, irmã gêmea de Laurindo; Rogério Mott, rapaz solidário, que ajudou as duas moças a desvendar o caso do roubo da loja; Gabriel, detetive contratado para investigar o

		assalto da loja de antiguidade; Laurindo, pai de Márcia, que adoecera após apoderar-se do muiraquitã; Laura, irmã gêmea de Laurindo, mãe de Zezé. Kanô, índio guia que ajudou Laurindo nas terras do Xingu; Antônio, conhecido na tribo por Baitsauê, índio que provavelmente invadiu a loja de antiguidade para buscar o muiraquitã.
7	MACROESPAÇO	São Paulo; Manaus; Mato Grosso.
8	MICROESPAÇO	São Paulo: loja de antiguidade; casa da Márcia e Zezé; padaria em que tomavam café. Manaus: região do Xingu; tribo indígena; Espelho da lua. Mato Grosso: fazenda da família de Zezé, Cuiabá.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 70 ou início da de 80, quando fazendeiros já podiam locomover-se de suas terras por helicópteros próprios.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indefinido, provavelmente pouco mais de um mês.
11	VOZ NARRATIVA	Apesar de algumas vezes aparecer o narrador em terceira pessoa, o que predomina na narrativa são os diálogos.
12	FOCO NARRATIVO	Embora o narrador seja do tipo onisciente, a visão muitas vezes é cedida para uma das personagens da narrativa, passando para um ponto de vista mais subjetivo.
13	LINGUAGEM	A linguagem predominante é a padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem o desenho de uma rãzinha em cima de uma grande pedra, cercada por água, margeada por árvores e ao fundo o sol iluminando a paisagem. O título do livro está parte superior da capa, escrito em amarelo e logo abaixo está o nome da autora. Não há ilustração no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Muiraquitã, talismã, lenda indígena.

4.2.33 *Os vaga-lumes* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1983
2	REFERÊNCIA	

3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.34 *O primeiro sorriso de Jesus*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1983
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O primeiro sorriso de Jesus</i> . 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
3	SUBGÊNERO	Tema histórico (rever!!!)
4	RESUMO	Narra a história do nascimento de Jesus. Em uma noite fria, Maria e José estavam a caminho de uma estrebaria, onde se protegeriam do frio e Maria poderia ter seu bebê. Ao entrarem, o Jumento que carregava Maria se juntou a uma novilha e se alimentou do feno que lá entrou. Jose afofou um pouco de feno, preparando o lugar em que Maria repousasse. No céu, uma estrela brilhou anunciando o nascimento do belo menino. Um pastorzinho ouviu o chorinho de criança, aproximou-se da estrebaria e olhou o bebê, que sorri para ele.
5	TEMÁTICA	Nascimento de Jesus.
6	PERSONAGEM	Maria, mãe de Jesus; José, pai de Jesus; Jesus, que deu seu

	PRINCIPAL	primeiro sorriso para o pastorzinho; O pastorzinho que ofereceu leite de suas ovelhas para Maria; o Jumento que carregou Maria; a Novilha que dormia na estribaria.
7	MACROESPAÇO	Indefinido, mas provavelmente Belém, local de nascimento de Jesus.
8	MICROESPAÇO	Estrebaria
9	TEMPO HISTÓRICO	Época do nascimento de Jesus.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Um dia.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador em 3ª pessoa, apesar de ser constante o uso de diálogos.
12	FOCO NARRATIVO	A visão dos fatos pertence ao narrador que se situa fora da história narrada.
13	LINGUAGEM	Padrão
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro apresenta Maria e José olhando felizes para o bebê. Ao fundo, a figura do Jumento e da Novilha, que também olham para a criança. O livro é todo ilustrado, sendo que os pequenos trechos verbais retratam as imagens a que se refere.
15	PALAVRAS CHAVE	Nascimento de Jesus, José e Maria.

4.2.35 *Marzão*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Marzão</i> . 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 80 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	Mário está no último ano do ginásio. Tudo ia bem até que o pai trai a mãe e sai de casa para morar com outra mulher, que está grávida. Com a separação, além do abalo emocional, aparecem dificuldades financeiras. Mário gosta muito de surfar e com frequência passa os finais de semana praticando seu esporte favorito. Chega o fim do ano e os garotos da escola começam a comentar sobre trabalho, a

		maioria precisa arrumar um emprego para poder contribuir com as despesas de casa. Pretendem estudar à noite e trabalhar durante o dia. Mário sabe que a ausência do pai, além de fazer a mãe sofrer, comprometeu o padrão de vida da família. Ele é um garoto de 15 anos, imaturo, que se mostra incapaz de traçar um planejamento de estudo e trabalho, o que mais lhe interessa é o surfe. No final do texto a mãe o aconselha sobre o futuro, ele ouve, pega o moto de um amigo que estava na casa dele, e sai acelerando, pensando em ser livre e aproveitar a vida.
5	TEMÁTICA	Estudo e trabalho na adolescência; separação conjugal.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Mário (Marzão), “15 anos, alto, magro, esportista. Suas paixões: surfe e moto” (p. 7). Filho de pai médico e mãe assistente jurídica; Carolina e Juliano, irmãos de Mário. Ela já trabalha para contribuir nas despesas, ele 12 doze anos, estudante; Lilizinha, namorada de Mário; Xixo e Caco, amigos de Mário.
7	MACROESPAÇO	São Paulo
8	MICROESPAÇO	Bertioga, mar, casa de Mário, portão da escola.
9	TEMPO HISTÓRICO	Início da década de 1980, quando Ritchie fez sucesso com a música “Casanova” – “estavam os dois sentados em frente ao aparelho de som que gritava. Ritchie cantando “Casanova”, a música predileta dele e da Lili.” (p. 25).
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns meses do final de ano.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. No entanto, ocorre predomínio do diálogo em relação ao discurso do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	Embora o narrador seja do tipo onisciente, muitas vezes a visão é cedida a um dos personagens, principalmente para Mário (Marzão), assim, o ponto de vista passa a ser mais subjetivo.
13	LINGUAGEM	Coloquial, com uso de expressões próprias da linguagem oral e algumas gírias: “Diz que a gente gasta mais do que ele ganha [...] Apesar de sempre <i>transarem</i> na comida, está

		preocupado” (p. 10)
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo vermelho, com um círculo ao centro. Dentro do círculo, vê-se figura de um rapaz surfando, representando Mario (Marzão), protagonista da história.
15	PALAVRAS CHAVE	Adolescência, separação conjugal, surfe, escola, trabalho, namoro.

4.2.36 *Caminhos*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984 (Na edição que tenho, 1983!!!)
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Caminhos</i> . 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 77 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	No intercalar dos capítulos, a escritora conta duas histórias. A primeira, de Cléo, Deco e Caco, colegas de escola que se juntam a outros estudantes adolescentes para durante a semana da pátria, conhecerem uma cidade a mais de 400 km de suas residências: São Thomé das Letras. A segunda de Maneco, casado com Ana, pai de Ditinho e Maria. Cansado da vida miserável de charreteiro em Caxambu, Maneco parte também para São Thomé das Letras, em busca de trabalho que lhe rendesse mais proventos. Cléo, para conseguir permissão dos pais, mente que a viagem decorre de uma pesquisa escolar, justificando a necessidade de sua ida. A menina vai de ônibus, com Deco e Caco e ao chegar a São Thomé, juntam-se a um grupo de adolescentes que estavam na cidade para conhecer as belezas históricas. Em uma das noites que passam no acampamento, são abordados por dois homens que se aproximam para oferecer drogas. O grupo recusa, e dá um jeito de fazer a dupla deixar o acampamento. Nos dias seguintes, exploram a cidade acompanhados pelo guia, Cláudio. Maneco é bastante pobre, e em Caxambu, cidade

		em que residia com a família, trabalhava como charreteiro, transportando turistas pela cidade. O trabalho não era rendoso e a família vivia de modo miserável. Numa atitude autoritária, sem a aprovação da esposa e do filho, vende os poucos bens pertencente à família e parte para São Thomé das Letras sozinho, contando voltar para buscar a família, assim que se estabelecesse na nova cidade. A realidade encontrada foi constrangedora, cidade muito pobre e a única opção de trabalho era quebrar pedra na pedreira. A esposa e os dois filhos continuam a vida em Caxambu, morando na casa do avô materno, que se embriaga diariamente. Ditinho, filho de 15 anos, torna-se o homem da casa, passando a exercer a profissão de charreteiro, que o pai ocupara.
5	TEMÁTICA	Migrante em busca de oportunidade de trabalho. Passeio de adolescentes;
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Cléo, garota que mente para os pais para poder fazer uma viagem com os amigos; Deco, amigo muito próximo de Cléo; Caco, amigo de Cléo; Maneco, charreteiro em Caxambu, casado com Ana, e pai de dois filhos; Ana, esposa de Maneco, mulher simples que começa a trabalhar quando o marido deixa-a em Caxambu na casa do pai, com seus dois filhos; Ditinho, garoto de 15 anos, esperto, que assume as responsabilidades da casa junto com a mãe; Maria, filha mais nova do casal; Zé, homem que oferta trabalho para Maneco em São Thomé das Letras e o recebe em sua casa como hóspede;
7	MACROESPAÇO	Minas Gerais
8	MICROESPAÇO	Caxambu: casa de Maneco; Casa do sogro de Maneco; São Thomé das Letras: pedreira; casa do Zé; Venda do Tonho.
9	TEMPO HISTÓRICO	De acordo com o texto: “Veio a cana, acabou com a colônia. Ficaram os tal boia-fria” p.50. Assim, provavelmente década de 80, quando a grande maioria dos

		carros produzidos no Brasil, eram movidos à álcool.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Durante a semana da pátria.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa se alterna. Embora haja um narrador em situado fora da história, a voz narrativa é cedida a outros personagens, como no capítulo 2, p.12, que é narrado por Ditinho. Na obra, há certo predomínio da fala das personagens em relação ao discurso indireto. Em poucos momentos, o discurso indireto livre se faz presente.
12	FOCO NARRATIVO	O leitor tem acesso à matéria narrada, sobretudo pela fala das personagens. Quando se faz pelo narrador não participante dos fatos contados, tem-se um narrador onisciente, com acesso tanto da vida exterior quanto interior das personagens.
13	LINGUAGEM	Há fusão das variantes: padrão, coloquial e marcas da linguagem oral; mesmo na fala dos personagens que não tiveram acesso à escolarização: “Mais azar do que esse nosso de eu ter que deixar o barraco, a mula e a terra? Maginou?” - Maneco (p.18), “Sabe, vir vem, mas criança que é bom em tempo de aula não dá” – Ditinho (p. 23) – que deixou de frequentar a escola; “Gente, tamo em setembro” – fala dos garotos do acampamento (p. 70)
14	PROJETO GRÁFICO	Na capa predomina a cor cinza, que remete às pedras e ao pó produzido na retirada delas, em São Thomé da Letras. Ao centro, há a imagem de um homem de cotas, abaixado, na saída de uma pedreira, representando Maneco. O nome da autora está na parte superior da capa e logo abaixo o título do livro, ambos na cor rosa. Não há figuras no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Aventura de adolescentes; droga; dificuldade financeira; trabalho.

4.2.37 *Atrás do pirata papa tudo*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Atrás do pirata papa tudo</i> . Ilustrações: Marta Strauch. 3. ed. São Paulo: FTD, 1986. 47 p.
3	SUBGÊNERO	Aventura.
4	RESUMO	As primas Márcia, Marta, Marina, Marcela, Gabriela e Carla aproveitam a enxurrada causada pela chuva e sobem em um barquinho de papel para sair em busca do pirata Papa-tudo. O tal pirata é André, um menino briguento, torcedor do Corinthians, que roubou o pebolim de Marcos. Marcos também já estava à procura do pirata Papa tudo. Na aventura, as meninas dialogam com uma borboleta e outros animais que contribuem na procura. O grupo feminino encontra o pirata e ajudadas por animais aquáticos, resgatam o pebolim. O pirata se dá mal, pois cai no mar e é atingido por choques emitidos pelo peixe elétrico. Ele implora por socorro, prometendo nunca mais roubar ninguém e ser bonzinho. O peixe elétrico cessa os choques e o pirata malandro alcança terra firme.
5	TEMÁTICA	Aventura de crianças na busca por um malfeitor.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	As meninas: Márcia, Marta, Marina, Marcela, Gabriela e Carla, que vivem uma aventura no mar em busca do pirata Papa-Tudo; Mancos, garoto que teve o pebolim roubado; André, o pirata Papa-Tudo; animais aquáticos.
7	MACROESPAÇO	Enxurrada e mar
8	MICROESPAÇO	Enxurrada nas ruas Votuporanga e Jaciporã; mar.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado, durante o dia.
11	VOZ NARRATIVA	Inicia com narrador personagem e a partir de um ponto da narrativa, um narrador observador passa a conta a história.
12	FOCO NARRATIVO	No início o texto, a focalização está com Marcela, tratando-

		se e uma visão subjetiva dos fatos. No entanto, no decorrer da narrativa o foco narrativo passa para um narrador que não participa da história, conhecedor tanto do aspecto exterior quanto do interior das personagens.
13	LINGUAGEM	Linguagem coloquial com uso de algumas expressões próprias na linguagem oral.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem uma moldura em amarelo e o fundo do centro é na cor rosa claro. O título do livro está na parte superior, em letras roxas entrecortadas por raios brancos. Logo abaixo há um retângulo com a figura de uma ilha e ao centro a imagem ilustrativa do pirata Papa-Tudo. Os desenhos no interior do livro são em cores, bastante frequentes, ocupando parte da página. Eles representam os personagens ou reproduzem momentos da história, não agregando sentido suplementar.
15	PALAVRAS CHAVE	Pirata; aventura; mar.

4.2.38 *Sob a cruz das estrelas*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Sob a cruz das estrelas</i> . Ilustrações: Cláudia Scatamacchia. 3. ed. São Paulo: FTD, 1986. 95 p.
3	SUBGÊNERO	Histórico
4	RESUMO	Era 1552 e José de Anchieta vivia em Portugal, onde desenvolvia um trabalho na “Casa dos meninos órfãos de Lisboa”, instruindo os garotos sobre fatos históricos, assuntos religiosos, informações sobre a terra de Santa Cruz - país recém colonizado por portugueses - além de alfabetizá-los. Joãozinho, um dos garotos do asilo, tinha grande admiração pelo missionário. Anchieta estava com viagem marcada para a terra de Santa Cruz, assim, em uma última visita ao asilo, informou aos garotos que eles seriam

		<p>atendidos por outro missionário e despediu-se dos pequenos, que sentiram muito a triste notícia. Joãozinho queria muito sair do asilo e acompanhar Anchieta no novo país que se formava. Aproveitando-se de algumas oportunidades, fugiu do asilo e infiltrou-se na caravela. Quando em alto mar, Anchieta encontrou o menino e assim passaram a viagem juntos. Após dois meses de cinco dias de viagem, chegaram à terra de Santa Cruz, onde permaneceram juntos, mudando-se depois para São Paulo de Piratininga, lugar em que o missionário continuaria seu trabalho de evangelização. Passam por muitas dificuldades, e por um forte ataque de três tribos indígenas que não aceitaram a invasão missionária. No entanto, os índios que se rebelaram foram vencidos pelo grupo que se juntou à equipe que Anchieta pertencia. Os anos passaram, Joãozinho ficou moço, forte e uniu-se a uma jovem índia, formando família. Anchieta continuou seu trabalho de missionário na vila de São Paulo de Piratininga por quarenta e quatro anos, até sua morte.</p>
5	TEMÁTICA	Missionário José de Anchieta, trabalho em Portugal e no Brasil (terra de Santa Cruz).
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	José de Anchieta, missionário português que viveu quarenta e quatro anos no Brasil; Joãozinho, garoto de doze anos, que foge do asilo em que vive para acompanhar Anchieta na viagem para a terra de Santa Cruz. Índios brasileiros, de várias tribos, Padre Manuel da Nóbrega.
7	MACROESPAÇO	Portugal; Terra de Santa Cruz – Brasil.
8	MICROESPAÇO	Portugal: Casa dos meninos órfãos de Lisboa, convento em que Anchieta morava, caravela; Terra de Santa Cruz: Bahia, Porto Seguro, São Paulo de Piratininga, colégio Casa de São Paulo, mata, Santo André da Borda do Campo.
9	TEMPO HISTÓRICO	Século XVI, com início em 1552.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	De 1552 a 1597, quando morre José de Anchieta.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador onisciente situa-se fora da história. Há equilíbrio

		entre a quantidade de diálogo e a utilização do discurso indireto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador possui visão ilimitada sobre os acontecimentos, assumindo uma postura adulta sobre os fatos, visto seu empenho em tecer considerações.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro é torneada por uma moldura na cor alaranjada. No centro, com fundo verde, com ilustração em traços em preto, vê-se a figura de um rapaz com veste de missionário cristão, remetendo a Anchieta e um garoto franzino, representando Joãozinho. O título está na parte superior da página, escrito em preto e logo abaixo o nome da autora e da ilustradora. As imagens no interior do texto são em preto e branco, em grande número, ocupando ora metade da página ora página inteira. As ilustrações configuram cenas narradas, personagens ou objetos mencionados.
15	PALAVRAS CHAVE	José de Anchieta; missionário jesuíta.

4.2.39 *O dia mais lindo*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O dia mais lindo</i> . Ilustrações: Maria Cecília Marra. 10. ed. São Paulo: FTD, 1987. 16 p.
3	SUBGÊNERO	Fantástico.
4	RESUMO	Um besouro velho e rabugento colocou uma placa perto do lago azul informando sobre a proibição de nadar naquele lugar. Os animaizinhos não gostaram da ideia. A borboleta amarela viu o besouro, que andava com dificuldades. Ele procurava ervas para um chá, pois disse que poderia chover e a perna dele doía com a chuva. Ela o ajudou, pediu a cooperação de outros animaizinhos e juntos fizeram um delicioso chá, que foi servido ao besouro. Todos foram bastante amáveis com o idoso e convidaram-no para um

		passaio. Quando estavam perto do lago, envergonhado, o besouro decidiu tirar a placa que impedia os bichinhos de nadar. Para completar a felicidade, ele voltou voar, graças ao incentivo e ajuda da borboleta amarela.
5	TEMÁTICA	Relações afetivas e sociais; Animais que ajudam um velho besouro rabugento a se transformar em alguém mais feliz e menos emburrado;.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Besouro; borboleta amarela; Coelhoinho; Formiguinha; Macaquinho; Pássaro.
7	MACROESPAÇO	Floresta.
8	MICROESPAÇO	Casa do besouro, lago azul.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Provavelmente algumas horas.
11	VOZ NARRATIVA	Há um narrador que não participa da história, mas o que predomina é o discurso direto, através do diálogo entre os personagens.
12	FOCO NARRATIVO	Apesar de haver um narrador, a focalização é cedida para um dos personagens, dependendo do momento da narrativa.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro tem fundo branco. Na parte superior, em vermelho, está o título da obra e logo abaixo, na cor preta, o nome da autora e ilustradora. Ao centro, o desenho de uma borboleta amarela com sol sorridente ao fundo. Todas as páginas do interior do livro são ilustradas, com desenhos coloridos e em preto e branco, que remetem a trechos do texto verbal.
15	PALAVRAS CHAVE	Dia mais lindo; besouro carrancudo; borboleta amável.

4.2.40 A revolta dos números

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1984
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A revolta dos números</i> . Ilustrações: VilhelmsValpéteris. 5. ed. São Paulo: Edições

		Paulinas, 1993. 24 p.
3	SUBGÊNERO	Fantástico.
4	RESUMO	Júlia está há uma semana em casa, sem ir para a escola porque está doente. Os números de seu caderno, cansados de não se moverem, decidem fazer uma revolução e para isso saem da ordem de 0 a 9, ficando cada um em um lugar diferente. Quando Júlia melhora da febre e vai tentar fazer o dever de matemática, tudo sai errado. Chama pela mãe, explica o que está acontecendo e a mãe procura ajuda-la, mas os números continuam em desordem. A mãe convida a menina para tomar um leite e quando ela retorna, os números já haviam se cansado da brincadeira e assumiram suas verdadeira posições. Assim, Júlia conclui a tarefa e recebe nota 10 da professora.
5	TEMÁTICA	Brincadeira entre os números; escola.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Júlia, garota de 8 anos, que estuda na segunda série; Fúlvia, mãe de Júlia; Os números de 0 a 9.
7	MACROESPAÇO	Casa de Júlia
8	MICROESPAÇO	Caderno de Júlia
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Provavelmente algumas horas.
11	VOZ NARRATIVA	Apesar de haver um narrador situado fora da história narrada, o que predomina o texto é o discurso direto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente. Em alguns momentos ele passa o foco narrativo para Júlia e para Fulvia.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo branco e ao centro destaca-se a imagem dos números nove, em azul e seis, na cor vermelha. O título está na parte superior da capa, escrito em azul e logo abaixo está o nome da escritora, em preto. Todas as páginas do interior do livro são ilustradas e bastante coloridas. As ilustrações ocupam ora a página inteira ora metade ou $\frac{3}{4}$ da página. Os desenhos representam os personagens ou

		reproduzem momentos da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Números, matemática, estudo.

4.2.41 *Nosso clube*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1985
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Nosso Clube</i> . Ilustrações: Marcelo Monzón. 3. ed. São Paulo: Atual Editora, 1988. 74 p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	O livro conta a história de um grupo de meninas que decide montar um clube feminino para que todas as injustiças e alegrias fossem divididas entre elas. Falam sobre namoro, citam trechos da obra “O pequeno príncipe”, para reflexões. Mas a questão que realmente envolve o grupo é auxiliar dona Filô a gerir o orfanato que mantém em sua casa, atendendo a oito crianças. As meninas recebem ajuda das mães, de irmãos, de comerciantes, moradores do bairro e do Dr. Barros e sua esposa. Através das iniciativas do grupo, a vida das crianças da creche e de dona Filô, melhora. A obra apresenta ainda, questões sociais, de solidariedade e conflitos vividos por adolescentes entre 12 e 15 anos.
5	TEMÁTICA	Um grupo de meninas adolescentes forma um clube para interagirem e que por fim desenvolve ações solidárias.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	As integrantes do Clube: Magali, presidente; Iô, vice-presidente; Noemi, tesoureira; Neyde, secretária; Marina; Carla; Gabriela (Gabi); Maria Lúcia (Cuca); Marita; Tonica; Cachucha; Maria Filomena (Filó), mulher boa, altruísta, cuida de crianças gratuitamente, através do que chama de creche; Dr. Barros, médico que se muda para a cidade em que moram as meninas do clube e que se propôs a ajudar na creche.
7	MACROESPAÇO	A cidade em que as garotas residem, não determinada.
8	MICROESPAÇO	A sede do clube, a casa de dona Filô, a praça e que

		arrecadam donativos, casa do Dr. Barros.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado, provavelmente contemporâneo à publicação da obra, década de 1980.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	12 meses, de janeiro a dezembro, de acordo com as marcações das atas de encontro do clube.
11	VOZ NARRATIVA	A história começa a ser narrada por Noemi, no entanto, há momentos em que temos a presença de um narrador que se situa fora da história, para narrar fatos que não pertencem ao horizonte da personagem Noemi.
12	FOCO NARRATIVO	Enquanto o foco narrativo está sob a ótica de Noemi, narradora participante dos fatos apresentados, temos visão parcial dos fatos, pois as ações passam pelo filtro da personagem. Quando a narração é feita pelo narrador que não participa da história, passa a ocorrer a onisciência, como na p. 28, quando o pai de Cuca observa a filha recortando figuras de revistas e pela voz do narrador, ficamos sabendo do pensamento do senhor.
13	LINGUAGEM	Coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	Como outros textos da escritora publicados pela editora Atual, o nome da autora está na parte superior da capa, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto. E Na parte central da capa vê-se a figura de três moças. No interior da obra há dez páginas ilustradas, que ocupam a página inteira. As ilustrações são em preto e branco e se limitam a reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Meninas, clube, solidariedade.

4.2.42 *História de D. Ratão de Dona Baratinha* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1985
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	

4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.43 *Os coelhinhos detetives*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	SD
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Os coelhinhos detetives</i> Ilustrações: Paulina BriggsSchneider. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976. 32 p.
3	SUBGÊNERO	Aventura.
4	RESUMO	Os coelhos Branquinho e Cinzento ficaram sabendo que na floresta havia alguém roubando ovos dos ninhos, despertando pânico nos pássaros. Com intenção de desmascarar o culpado, os dois coelhinhos começam investigar. Branquinho percebe atitude suspeita na D. Raposa, que olhava desconfiada em seu redor, sem ter percebido a presença dele. Os dois roedores vão até o S. Rato Pardo, experiente nas questões de investigação, e decidem armar um plano para pegar o malfeitor. Colocam em um ninho abandonada vespas, e espalham o falso boato do ninho abandonado com ovos. D. Raposa cai na armadilha, indo sorrateiramente a procura dos ovos e é pega

		pelos detetives e outras testemunhas, que ajudaram a armaram a arapuca.
5	TEMÁTICA	Dois coelhos assumem a tarefa de detetives para descobrir sobre o roubo de ovos nos ninhos.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Os coelhinhos primos: Branquinho e Cinzentinho, o primeiro do campo e o outro da cidade; D Raposa, que andava a roubar ovos dos ninhos; os demais habitantes da floresta: Dr. Canguru; D. Aranha; D. Baratinha; Sr. ^a Tico-tico; D. Pata; Sr. Rato Pardo, entre outros.
7	MACROESPAÇO	A floresta em que vivem os animais da história.
8	MICROESPAÇO	Casa do Branquinho; ninho de pássaros, casa do Sr. Rato Pardo.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado, provavelmente poucos dias.
11	VOZ NARRATIVA	Há um narrador situado fora de história que relata os fatos, no entanto, o discurso direto prevalece sobre o discurso do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	Embora haja um narrador do tipo onisciente, na maior parte da narrativa ele cede a voz aos personagens da história, sendo assim, a focalização adere o ponto de vista específico e subjetivo das personagens.
13	LINGUAGEM	Predomínio da norma padrão culta.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa trás ilustrações que remetem aos dois coelhos, Branquinho e Cinzento, que parecem dialogar com a aranha. O pano de fundo representa a floresta. Na parte superior da capa, sobre uma tarja verde, está o título da obra e na parte inferior da capa, sobre tarja azul, o nome da autora. As ilustrações de folha inteira são intercaladas ao texto verbal, sendo que a cada duas páginas de texto verbal são seguidas por duas páginas de ilustrações. As imagens são coloridas e buscas representar ações e personagens descritos na narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Coelhos, investigação, ninhos de pássaro.

4.2.44 *O casal João-de-Barro* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	SD
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.45 *Dona Tartaruga* (não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	SD
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	

12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.46 *De onde eu vim?*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1985
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>De onde eu vim?</i> 5. ed. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1985. 47 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	Rogério, garoto de 10 anos, descobre através da empregada da casa, que é adotado. O garoto se revolta, passa a se comportar mal, destratando pais, irmãs e outras pessoas de seu conviveu. Vivendo um conflito interior, decide sair de casa, sem contar aos responsáveis o que lhe atormentava. Paulo, um amigo da escola, dois anos mais velho, recolhe o colega em sua casa, com o consentimento dos pais. Durante os dias que passa “escondido” na casa de Paulo, os garotos conversam e Paulo conta para Rogério a historia dele, pois ele também é filho adotivo. Depois do longo depoimento do amigo, Rogério se arrepende do comportamento que tivera e volta para a casa. É muito bem recebido pela família, que demonstra amor pelo garoto. Indagado sobre o motivo de ter abandonado o lar, Rogério conta sobre a descoberta de ser filho adotivo. A família dialoga e tudo acaba bem.
5	TEMÁTICA	Adoção de filho
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Rogério, garoto de 10 anos que abandona o lar depois de descobrir que é adotado. Paulo, 12 anos, amigo de escola de Rogério, aquele que dá abrigo para o colega durante os dias de fuga da família. Giovani e Dinorá, pais de Rogério; Inês e Chodo, pais de Paulo.
7	MACROESPAÇO	Cidade em que residem.

8	MICROESPAÇO	Casa de Rogério; casa de Paulo; quarto de Paulo; escola; sítio da avó de Paulo.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado, provavelmente contemporâneo à publicação da obra, década de 1980.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de uma semana
11	VOZ NARRATIVA	Quem conta a história é um narrador que não participa dos fatos narrados, no entanto é bastante frequente o uso do discurso direto.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é plenamente onisciente, dominando toda a ação que se desenrola, bem como a vida interior das personagens.
13	LINGUAGEM	Predomínio da norma padrão culta.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa apresenta foto de algumas crianças, uma brincando e as demais olhando. No canto direito, uma senhora aparece parcialmente com uma criança no colo. No alto da página está o título da obra escrito em preto e na parte inferior lê-se o nome da autora.
15	PALAVRAS CHAVE	Adoção; conflito familiar; criança.

4.2.47 *No beco do sabão*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1985
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>No beco do sabão</i> . Ilustrações: Rogério Borges. 1. ed. São Paulo: Atual Editora, 1985. 67 p.
3	SUBGÊNERO	Policial
4	RESUMO	Jabá saiu de madrugada para trabalhar e foi baleado, pelas costas, sendo encontrado por um amigo da pensão. Jabá e os moradores do bairro procuram entender o motivo do ato violento, pois ele era moço íntegro e querido na região. Na madrugada do crime, Anelise, moça com deficiência visual, ouviu passos na rua e percebeu que eram de uma pessoa manca. Esta era uma pista para encontrarem o forasteiro. Depois de alguns dias, chegou ao bairro Beco do Sabão, um homem manco, que se hospedou na pensão em que Jabá

		residia, dividindo quarto como o rapaz. Jabá recebeu um telefonema de um irmão que trabalhava no garimpo, no Ceará, dizendo que estava em São Paulo e precisava se encontrar com o irmão. No encontro, Rosalino, irmão de Jabá, relatou que estava sendo perseguido por um desconhecido, devido a uma valiosa pedra preciosa que encontrara no garimpo, inclusive havia sido baleado pelas costas. Chegaram à conclusão de que tinham sido vítima do mesmo homem, que devia estar à procura da pedra. Contando com a ajuda de Dr. Adonis, delegado de polícia e de Anelise, com seu sentido apurado de audição, conseguiram desmascarar o farsante e tudo terminou bem.
5	TEMÁTICA	Desvendamento de um atentado, e a captura do marginal.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Jabá (Antônio), 21 anos, funileiro em São Paulo desde que chegou do Ceará; Senhor Domênico, homem correto e honrado no bairro – referência para comunidade; Anelise, filha mais velha do senhor Domênico, cega de nascença; Rosalino, irmão mais velho de Jabá, garimpeiro no sertão de Ceará; Lourdes, filha caçula do senhor Domênico; Zequinha, bandido falante, que se aproveita dos garimpeiros se dizendo intermediário de comprador de pedras preciosas, lesando estes trabalhadores; Dr. Adonis, delegado de polícia;
7	MACROESPAÇO	São Paulo e região metropolitana
8	MICROESPAÇO	Bairro “Beco do Sabão”; Rodoviária Tietê, pensão Boa Esperança, propriedade de dona Benedita; Casa do senhor Domênico.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 1980, os personagens mencionam a alta inflação e greve de metalúrgicos.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Não determinada, não mais que alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador onisciente, encontra-se fora da história. Apesar de haver um narrador que não participa dos fatos narrador, prevalece o discurso direto, através dos diálogos entre os personagens.

12	FOCO NARRATIVO	Embora haja a focalização de um narrador fora da história, devido ao predomínio de diálogos, a focalização passa pelos vários personagens envolvidos na narrativa.
13	LINGUAGEM	Predominância da linguagem coloquial, e inserção de vocábulos regionais.
14	PROJETO GRÁFICO	Como outros textos da escritora publicados pela editora Atual, o nome da autora está na parte superior da capa, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto. E Na parte central da capa a ilustração representa Anelise, uma das personagens da história e um rapaz e de costas, que busca representar Zequinha, bandido que a interpela com intuito de obter maiores informação de Jabá. A obra conta com oito ilustrações de pagina inteira, em preto e branco, que se limitam a reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Mistério, crime, pedra preciosa.

4.2.48 Agora, quem conta os patinhos?

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1986
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Agora, quem conta os patinhos</i> . Ilustrações: Lúcia Hiratuka. São Paulo: Edições Paulinas. 1986. 25 p.
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	Tatica morava no sítio com sua família: pai, mãe e um irmão, que frequenta escola. Todos os dias ela conta os animais no galinheiro para que a mãe pudesse fechar a porta, protegendo assim os animaizinhos da raposa. Um dia, enquanto contava os patinhos, viu a mãe pata abrindo as asas e ficando brava com um dos seus patinhos que ficara para trás. Em outro momento, Tatica escondeu um dos patinhos e antes de entrar no galinheiro, o pai do pequeno percebeu sua ausência e saiu correndo a procura dele. Então, a menina

		disse a mãe que não havia mais motivo para contar os patos, pois os patos sabiam contar.
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Tatica, menina que contava os integrantes do galinheiro; a mãe da menina; a família de patos.
7	MACROESPAÇO	Sítio em que mora Tatica.
8	MICROESPAÇO	Galinheiro; rio perto da casa de Tatica.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado, provavelmente alguns dias.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa é a da protagonista da história, Tatica.
12	FOCO NARRATIVO	Os fatos narrados chegam até o leitor exclusivamente pelo ponto de vista da narradora protagonista.
13	LINGUAGEM	Padrão culta.
14	PROJETO GRÁFICO	O livro é mais largo do que alto. O fundo da capa tem tom alaranjado, e do lado esquerdo vê-se a figura de uma garota segurando dois patinhos. Ao fundo, dois patos, provavelmente os pais dos patinhos que a menina segura. O nome da autora, da ilustradora e editora estão no canto direito. Todas as páginas da obra são ilustradas, em várias tonalidades da cor laranja, e que o texto verbal se intercala entre as figuras, que cumprem o papel de não mais do que exemplificar cenas ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Menina, galinheiro, patinhos.

4.2.49 *O instituto de beleza*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1986
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O instituto de beleza Eliza</i> . Ilustrações: Avelino P. Guedes. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 1986. 67 p.
3	SUBGÊNERO	Intimista.
4	RESUMO	A coordenadora da E.E.P.G. Carlos de Barros frequenta o instituto de beleza Eliza. No salão, mulheres se encontram e

		comentam sobre assuntos do cotidiano, como traição conjugal, divórcio, cultura japonesa, independência feminina, casos familiares, programas de TV, entre outros. As garotas Cleobe e Lurdes também frequentam o salão. Elas estudam na mesma escola, estão sempre juntas e não interagem com os demais alunos do estabelecimento de ensino. O comportamento das meninas desperta desconfiança na coordenadora da escola, que decide chamar as mães das garotas e expor o comportamento de ambas. A ação desencadeia a transferência de Cleobe para outra escola. Na nova escola, a menina isola-se, não se integrando aos demais estudantes. Um garoto se interessa por ela e acaba rompendo tal isolamento. Aparentemente a garota parece começar a se envolver com ele. Enquanto isso, no outro colégio, Lurdes também começa a se relacionar com os demais alunos.
5	TEMÁTICA	Amizade “amorosa” entre duas adolescentes.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Coordenadora da E.E.P.G. Carlos de Barros; Cleobe, 14 anos, estudante da 8ª série, descrita com “ar de garoto”; Lurdes, 13 anos, estudante da 7ª série, tímida, franzina, que se deixa dominar por Cleobe; Eliza, japonesa, dona do salão; Manicuras: Tsue e Silvia.
7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Salão de beleza da Eliza; Escolas em que as garotas estudam.
9	TEMPO HISTÓRICO	Década de 1980, por fazer menção ao programa <i>TV Mulher</i> , que esteve no ar entre 1980 e 1986, além de comentar sobre o movimento das “diretas já”, inflação em nível elevadíssimo, carro a álcool, etc.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de três anos.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador principal da história é a coordenadora da escola, que frequenta o salão, no entanto, os diálogos são bastante frequentes.

12	FOCO NARRATIVO	Os fatos chegam ao leitor por uma das clientes do salão de beleza. No capítulo 7, o foco passa a ser de um narrador onisciente que não participa da história, pois a cena narrada não é do conhecimento da narradora preferencial.
13	LINGUAGEM	Predomínio da linguagem coloquial.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa trás o nome da autora na parte superior, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto. Na parte central da capa a ilustração vê-se a imagem de duas meninas, uma mais alta do que a outra, uma de cabelos longos e a outra de cabelos curtos, provavelmente representando as personagens Cleobe e Lurdes. A obra conta com seis ilustrações de página inteira, em preto e branco, que se limitam a reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	São de beleza, relacionamento amoroso entre meninas.

4.2.50 *Férias do orfanato*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1986
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Férias do orfanato</i> . Ilustrações: Rogério Borges. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1986. 70 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	Deise e Eduardo, casal que não possuía filhos, fundaram o orfanato “Nossa Senhora Menina”. Depois de dois anos, quando o orfanato já contava com 28 crianças, passou à responsabilidade de uma congregação religiosa, sendo cuidado por três freiras. Chegaram as férias e com ela a oportunidade de as crianças conhecerem o mar, iriam para a praia, aos cuidados da Irmã Ângela, Irmã Santa Lúcia e Denise. Tudo corria bem no litoral até darem falta de uma criança, Felipe. O garoto havia desaparecido e a única pista que tinham era a declaração de Mariana, garota também

		interna, que vira uma mulher conversando com o menino e oferecendo-lhe chocolate. Acionaram a polícia e a busca pelo garoto foi intensa. No entanto, a raptora havia entregado Felipe para Suely, mulher bondosa, com condições econômicas favoráveis, sem filhos, que procurava um menino para adoção. Pela mídia, Suely ficou sabendo da história de Felipe e decidiu procurar e justiça na intenção de regularizar a adoção. O conflito foi resolvido, Felipe adotado e para completar, Suely também adotou Luciano, amiguinho de Felipe do orfanato.
5	TEMÁTICA	Rapto de criança do orfanato para adoção.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Felipe, 6 anos, loiro de olhos azuis; Suely, mãe adotiva de Felipe; Irmã Ângela, freirinha franzina, alegre e meiga, que cuidava das crianças do orfanato; Irmã Santa Lúcia, brava, nervosa, responsável pelas finanças do orfanato; Irmã Santo Rosário, a superiora; Deise e Eduardo, casal sem filhos que fundou o orfanato; 28 crianças do orfanato, sendo 13 meninas e 15 meninos; a mulher que raptou Felipe.
7	MACROESPAÇO	São Paulo e região metropolitana; São Bernardo;
8	MICROESPAÇO	Orfanato “Nossa Senhora Menina”; praia; Fusca da raptora; Casa de Suely.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado.
11	VOZ NARRATIVA	O narrador situa-se fora da história. Há equilíbrio entre o uso do discurso indireto e de diálogos.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, com irrestrito acesso tanto aos aspectos exteriores quanto à subjetividade das personagens.
13	LINGUAGEM	Predomínio da norma padrão de linguagem e uso de alguns vocábulos que caracterizam o falar de crianças pouco escolarizadas.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro traz o título em destaque na parte superior, em letras pretas e logo abaixo o nome da autora em letras

		menores. Na parte central da página é ilustrada com a figura de uma garotinha de olhos azuis, e ao fundo, a representação da praia. No interior do livro encontramos 12 ilustrações, ora de página inteira ora ocupando parte da página. As imagens são bem coloridas com contorno marcado que lembra o efeito produzido por pirógrafo.
15	PALAVRAS CHAVE	Adoção, orfanato, rapto.

4.2.51 *Nas margens do Araguaia*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1986
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>Nas margens do Araguaia</i> . Ilustrações: Gilberto Miadaira. 1. ed. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986. 64 p.
3	SUBGÊNERO	Folclore.
4	RESUMO	A escritora Odette de Barros Mott conta sobre as experiências da viagem dela e do marido para Conceição do Araguaia – Pará. A partir dessa experiência, relata sobre três lendas daquele povo, narradas por índios: De onde veio o povo Karajá; Com Kananchiuê levou Tsuu – o sol – para o povo Karajá; Como Kati-Benê – o jabuti – maliciou budoê – o veado. Assim, depois de uma profunda imersão na cultura indígena, ela e o marido retornam para casa.
5	TEMÁTICA	Lendas indígenas.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	A escritora, que realiza uma viagem de um mês em Conceição do Araguaia e entra em contato com a cultura e lendas indígenas; Marido da escritora, que a acompanha na jornada; Frei Tomaz, que vive na região indígena; índios do Araguaia.
7	MACROESPAÇO	São Paulo, Pará – Conceição do Araguaia
8	MICROESPAÇO	São Paulo: casa da escritora; Pará: Aldeias indígenas; rio Araguaia.
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 1980.

10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de um mês.
11	VOZ NARRATIVA	A voz da narração fica a cargo da protagonista, embora haja a presença significativa de diálogos, que foram presenciados pela narradora e que ela os reproduz.
12	FOCO NARRATIVO	Os fatos narrados chegam ao leitor pelo ponto de vista de escritora/protagonista, se caracterizando como uma focalização subjetiva.
13	LINGUAGEM	Predomínio da língua padrão culta.
14	PROJETO GRÁFICO	Na parte superior da capa a ilustração representa um casal de índios, que de dentro do rio, com peixes ao redor, vêm o sol e a natureza em terra. Na parte inferior está o título da obra, escrito em amarelo, sobre uma tarja azul. Mais abaixo o nome da autora escrito em preto, sobre o fundo branco. O livro contém dez páginas ilustradas em preto em branco, ocupando página inteira. Os desenhos procuram retratar cenas ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Cultura indígena, viagem para região indígena, lendas.

4.2.52 *A terceira gaveta*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1986
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A terceira gaveta</i> . Ilustrações: Avelino P. Guedes. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 1986. 63 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	O livro narra a história de Gabriel, garoto atormentado por um pesadelo, depois de saber que o pai cumpria pena em um presídio. O garoto ficou sabendo da prisão do pai por um menino do colégio, que após uma briga com Gabriel, falou que ele era filho de ladrão. Depois da descoberta, Gabriel passou a frequentar o presídio e seu relacionamento com o pai se estreitou. Léo, pai de Gabriel, lhe explicou que era inocente e que cumpria uma pena indevida, e que faria de

		tudo para provar sua inocência. O garoto continuava sendo atormentado pelo sonho, em que via três gavetas, sendo que uma estava trancada. O pai cumpriu dez anos de pena e ao sair descobriu que tinha sido enganado por um primo-sócio e sua inocência foi constatada. Durante um dos dias de pesadelo, Gabriel conseguiu perceber a relação entre a gaveta trancada e um chaveiro que o pai guardava na tal gaveta, e que foi peça importante para ele ter sido enganado e preso. Assim tudo se esclareceu, menino livre do pesadelo e pai inocentado.
5	TEMÁTICA	Pesadelo; busca pela comprovação da inocência.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Gabriel, Adolescente que tem um pesadelo constante; Andréa, namoradinha de Gabriel; Neysa, mãe de Gabriel; Fúlvia, psicóloga que atende o garoto; Leo, pai do protagonista.
7	MACROESPAÇO	Indeterminado, provavelmente São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Consultório da psicóloga; escola; penitenciária; casa de Gabriel; casa de Andréa; praça; caminho para a escola;
9	TEMPO HISTÓRICO	Indefinido, provavelmente década de 1980, menciona sobre somputadores.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de dois anos.
11	VOZ NARRATIVA	Há um narrador que não participa da história, no entanto, o que predomina são os fluxos de consciência de Gabriel e sua visão dos fatos. Os diálogos também são bastante frequentes.
12	FOCO NARRATIVO	Há a focalização ora é de um narrador onisciente, que domina com detalhe os fatos narrados, tanto a ação dos personagens quanto suas falas, pensamentos e sentimentos, ora é cedida ao protagonista, ou a outro personagem da história.
13	LINGUAGEM	Predomínio da coloquial e uso de alguns vocábulos grosseiros que caracterizam a voz de Gabriel.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa trás o nome da autora na parte superior, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do

		livro em preto. Na parte central da capa, a figura em uma garoto acolhido nos braços de uma pessoa e ao fundo um moço com olhar interrogativo, sendo que representam Gabriel nos braços das mãe e a moça, a psicóloga que atende o garoto. A obra conta com oito ilustrações de página inteira, em preto e branco, que buscam reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Pesadelo, mistério,

4.2.53 *Aconteceu ontem*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1987
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Aconteceu ontem</i> . Ilustrações: Marcelo Monzón. 6. ed. São Paulo: Atual Editora, 1992. 105 p.
3	SUBGÊNERO	Ciclo de vida.
4	RESUMO	A história começa com a notícia da Lei Áurea. Antônio Carlos (Tônico) voltou da cidade de São Paulo trazendo a notícia bombástica para o primo José Carlos (Juca). Ambos eram descendentes do Conde do Pinhal possuíam muitas terras, até então cultivadas pelos escravos negros. A nova situação afetou a vida e as finanças da família dos dois primos. Juca, mais ponderado, procurou administrar com cautela a nova situação. Já Tônico, com atitudes impetuosas, acabou perdendo praticamente todo seu patrimônio, e depois disso, instalou a mulher e filhos no único sítio que restava e partiu em busca de recuperar sua fortuna. Os anos passaram, Donana e Carlos, filho mais velho do casal, responsabilizaram-se pela família. Carlos, ainda bastante criança, assumiu responsabilidades de adulto. As vagas notícias que recebiam sobre o pai, eram que andava bêbado, sem trabalho, vivendo de esmolas. Com o passar dos anos a mãe morreu, e Carlos continuou responsável por todos os

		irmãos, procurando sempre estudar muito e encaminhar os irmãos. Mudou várias vezes de cidade, sempre no interior paulista, procurando melhores oportunidades para progredir. Casou-se com Antonieta e tiveram vários filhos. A família já bastante encaminhada recebeu notícias que o pai encontrava-se em um asilo, perto de Araraquara. Foi até lá, encontrou o pai bastante abatido, velho, com lapsos de falta de lucidez e o trouxe para viver em sua casa, em família.
5	TEMÁTICA	A dificuldade de gerenciar propriedades rurais a partir da lei Áurea e a perseverança para manter a família unida e evoluindo.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Carlos, filho mais velho de Antônio Carlos e Donana; José Carlos (Juca) e Antônio Carlos (Tonico), primos, descendentes do Conde de Pinhal, Donana, esposa de Tônico; Lulica, Júlia, Maria, Virgílio e Augusto, irmãos mais novos de Carlos; Antonieta, esposa de Carlos; Dito e Ambrósio, filhos da ex-escrava da fazenda de Tônico.
7	MACROESPAÇO	Interior do estado de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	São Carlos; Ribeirão Preto; Sertãozinho; Igaçaba; Ituverana; Igarapava; Araraquara; asilo de velhos; casa de Tônico;
9	TEMPO HISTÓRICO	Fim do século, XIX e início do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de 25 anos, de 1888 até 1913.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. No entanto, os diálogos são mais frequentes do que o discurso do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	Há um narrador onisciente, com domínio da vida interior e exterior das personagens. Muitas vezes, o narrador cede a visão a uma das personagens, principalmente para Carlos.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa trás o nome da autora na parte superior, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto. Na parte central da capa, a figura de uma mulher, e dois homens ao fundo. Um mais novo e outro mais velho, que provavelmente se remeta a Antônio Carlos jovem

		e idoso. A obra conta com sete ilustrações de página inteira, em preto e branco, que buscam reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Fim da escravidão; propriedade rural; Trabalho na cidade.

4.2.54 *Por que raptaram Soraya?*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1987
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Por que raptaram Soraya?</i> Ilustrações: Marcelo Monzón. 1. ed. São Paulo: Atual Editora, 1987. 108 p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	Soraya, garota de 13 anos, foi raptada, enquanto percorria o caminho para a escola. Seus pais eram pessoas simples, tinham se separado há pouco, e não conseguiam entender o motivo do desaparecimento da garota. O pai, segurança responsável pelo controle eletrônico interno de um grande banco, a mãe, supervisora de lojas. A família recebeu um bilhete que avisava que estavam em posse da garota e que os contatos seriam feitos no decorrer dos dias, e que a intenção o bando era assaltar o banco em que o pai de Soraya era responsável pela segurança. Todos procuravam por pistas, até que Nico, um garoto que prestava serviço de carreto para mãe de Soraya, trouxe uma informação valiosa: sabia onde a menina estava escondida. A família decidiu não avisar a polícia e passaram a vigiar a tal casa. Assim, foi possível ter acesso a alguns detalhes da rapto, e reconhecer alguns dos sequestradores. Os bandidos marcaram o dia do assalto e o pai de Soraya cumpriu o exigido pelos meliantes, desligando o alarme do banco. Logo que os bandidos deixaram o banco, a polícia foi avisada e eles acabaram presos. A menina foi retirada do cativoiro por seus familiares e tudo terminou bem. Os pais se uniram bastante durante o período do rapto

		da filha e decidiram reatar o casamento.
5	TEMÁTICA	Sequestro.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Soraya, garota de treze anos, filha de casal de trabalhadores, recentemente separados; Marlene e Djalma, pais de Soraya; Érica, 11 anos, Leandro, 10, irmãos de Soraya; Nico, garoto de 13 anos, com leve retardo mental, órfão, fugitivo da Febem, que vive com um irmão, também foragido da Febem, em uma favela; sequestradores; família do casal que teve a filha sequestrada.
7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Casa de Soraya; Trajeto de casa para a escola; Escola em que a garota estudava; cativeteiro onde a menina foi escondida; banco onde trabalha Djalma, local do roubo;
9	TEMPO HISTÓRICO	Década de 1980 - época do plano cruzado, de 1986; do filme da série “Ilha da Fantasia”,
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns dias.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história. Os diálogos predominam sobre a voz do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, possuindo visão da vida interior e exterior das personagens. Muitas vezes a visão é cedida a uma das personagens, passando a ter caráter mais subjetivo.
13	LINGUAGEM	Predominância da coloquial, buscando reproduzir nas falas de pessoas pouco escolarizadas, vertente linguística que caracteriza este grupo.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa trás o nome da autora na parte superior, escrito em amarelo com fundo vermelho. Logo abaixo está o título do livro em preto. Na parte central da capa, a figura de três pessoas: uma menina chorando, Soraya; e dois dos sequestradores, uma mulher e um homem. A obra conta com nove ilustrações de página inteira, em preto e branco, que buscam reproduzir situações ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Sequestro, assalto a banco.

4.2.55 *Seu Léo e o pintadinho*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1987
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Seu Léo e o pintadinho</i> Ilustrações: Sandra Aymone : Ática, 1987. 24 p.
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	Seu Léo cuida de animais em uma propriedade rural. A porca teve filhotes e um ficou sem espaço para mamar. Seu Léo alimentou o bichinho na mamadeira e ele passou a seguir o homem por onde ele andava.
5	TEMÁTICA	Vida cotidiana.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Seu Léo, que cuida dos animais.
7	MACROESPAÇO	Propriedade rural.
8	MICROESPAÇO	Cercado dos animais, cozinha da casa de seu Léo.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns dias.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador que não participa da história.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é observador.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa é mais larga do que alta. O título da obra está em destaque no alto da capa, em caixa alta, na cor preta, com fundo verde. Logo abaixo o nome da autora e da ilustradora. Na parte central, em um retângulo, a figura de um senhor de idade, seu Léo, carregando em uma carriola o porquinho e cenouras. Todas as páginas do interior da obra são ilustradas, bastante coloridas e o texto verbal ocupa pouco espaço, sendo que o que sobressai são os desenhos, que procuram criar um ambiente e representar personagens do texto narrado.
15	PALAVRAS CHAVE	Porquinho, propriedade rural, animais.

4.2.56 *Ainda temos o amanhã*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1988
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Ainda temos o amanhã</i> . Laura Cardoso Pereira. . ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998. 126 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	Suzana leciona em uma escola na zona rural com a amiga Cecília. São as únicas professoras da escola, sendo responsáveis inclusive pela merenda. Cecília frequentemente comenta com Suzana sobre a precariedade da escola, o descaso dos governantes, e a necessidades de elas contribuírem para mudança dessa situação. Suzana, mais tímida e calada tem menos visão do que a amiga. Cecília já possui namorado e Suzana sonha em encontrar um. Até que um dia se encontra com Júlio, que a convida para acompanhá-lo a um churrasco. A partir desse encontro, o rapaz se aproxima da professorinha e acabam namorando. A convivência com Cecília transformou Suzana em uma pessoa mais atuante, atenta às questões da sociedade. A frase final de Suzana fornece o título à obra “Ainda temos o amanhã”.
5	TEMÁTICA	Professora da zona rural preocupada com a precariedade da escola.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Suzana, 20 anos, moça simples, cursou magistério, professora da zona rural, criada somente pela mãe, sonha encontrar um belo rapaz para se casar; Cecília, também professora da zona rural, moça bastante questionadora, preocupada com a precariedade das escolas da zona rural, descaso das autoridades, leciona junto com Suzana, namora com Renato, rapaz 15 anos mais velho do que ela; Júlio, 24 anos, filho de italianos, loiro, forte e trabalhador ; Dona Marita, mãe de Suzana, costureira, abandonada pelo marido

		quando engravidou da única filha; alunos da escola;
7	MACROESPAÇO	São Roque – SP
8	MICROESPAÇO	Vila de São Roque; escola rural; casa de Suzana; trecho entre a casa de Suzana e a escola rural;
9	TEMPO HISTÓRICO	Provavelmente década de 1980, pois é citada a era do computador. “ligar o passado tão próximo a este presente de computadores” p. 62
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indefinido, provavelmente alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador em terceira pessoa, no entanto os diálogos sobressaem à voz do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, com ampla visão dos fatos, no entanto a visão é cedida com frequência para um personagem, principalmente Cecília.
13	LINGUAGEM	Padrão, com uso de variação linguística própria de pessoas não escolarizadas, para personagens com este perfil.
14	PROJETO GRÁFICO	A figura de duas moças ocupa a parte central da capa, sendo uma de roupa azul, com chapéu de palha e outra de roupa vermelha, com lenço na cabeça. A primeira representa Suzana, e a segunda Cecília, que segura nas mãos duas pontas de um arame farpado rompido. Na parte superior, sobre uma traja verde, o nome da autora escrito em amarelo e logo abaixo, em branco, o título da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Escola rural, professoras, questões sociais, amor.

4.2.57 *Como o carijó aprendeu a cantar*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1988
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Como o carijó aprendeu a cantar</i> . Ilustrações: Silvia Maria Mesquita São Paulo: Edições Paulinas, 1988. 16p.
3	SUBGÊNERO	História infantil
4	RESUMO	Galinha Carijó e do Galo Furta-cor se casaram. O galo era cantador, enquanto a Carijó só sabia fazer cocó. Ela

		começou a botar, colocando para fora 12 ovos. Passou a ficar o tempo todo sobre os ovos até que percebeu algo se mexendo embaixo dela. Assustada chamou o marido e constataram que os doze ovos deram doze pintinhos. O galo avisou aos filhinhos que quando ele catasse “cococó” era para eles irem se proteger embaixo da mãe Carijó, que assim estariam em segurança.
5	TEMÁTICA	A proteção dos filhotinhos pelo Galo e Carijó.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	O galo Furta-Cor; a galinha Carijó;
7	MACROESPAÇO	Galho da goiabeira.
8	MICROESPAÇO	Ninho
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Semanas, período suficiente entre botar e chocar ovos de galinha.
11	VOZ NARRATIVA	Terceira pessoa.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é observador, não apresentando onisciência.
13	LINGUAGEM	Padrão
14	PROJETO GRÁFICO	A capa é bastante colorida, sendo mais larga do que alta. Ao centro está a figura da galinha Carijó e alguns de seus pintinhos. No fundo, sobre um monte de terra, a sombra do galo, que parece estar cantando. No interior da obra, todas as páginas são ilustradas, nas cores amarelo claro, cinza, branco e preto, sendo que as imagens ocupam a maior parte da página, com desenhos de traços simples.
15	PALAVRAS CHAVE	Galinha, galo, pintinhos.

4.2.58 A história contou

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1988
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A história contou</i> . Ilustrações: Marilda Castanha. 3.ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1988. 16p.

3	SUBGÊNERO	Fantástico
4	RESUMO	Uma linda fadinha encontra-se com um príncipe e ambos se apaixonam. Como nas histórias os príncipes devem se apaixonar por princesas e fadas por gênios, gnomos ou ficarem solteiras, ele propõe a ela se encontrarem no fim do mundo para encontrar uma solução para o romance. Assim, cada um tomou seu caminho. Enfrentaram algumas aventuras até chegarem ao fim do mundo, onde uma bruxa os transformou em um casal de cisnes: ela branco e ele negro. Assim saíram voando, felizes para sempre.
5	TEMÁTICA	O casamento entre um príncipe e uma fada.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Fadinha de olhos azuis e longos cabelos loiros, que se apaixonou pelo príncipe; príncipe, “da cor do entardecer sem sol”, olhos como jabuticaba maduras, que se apaixonou pela fadinha; bruxa;
7	MACROESPAÇO	Caminho até o fim do mundo.
8	MICROESPAÇO	Fim do mundo
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado, provavelmente alguns dias.
11	VOZ NARRATIVA	Terceira pessoa.
12	FOCO NARRATIVO	Narrador observador.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem o formato mais largo do que alto, com fundo branco e ao centro a imagem dos protagonistas da história: a fadinha e o príncipe, envoltos por uma margem decorativa. No alto da capa, em letras grandes, o título da história e logo abaixo o nome da autora e da ilustradora da obra. Todas as páginas no interior da obra são ilustradas, intercalando ilustrações de página inteira com outras compostas pelo texto verbal predominante. As ilustrações são bastante coloridas, com traços ao gosto infantil, em sintonia com o texto verbal, contribuindo para o alargamento deste.
15	PALAVRA CHAVE	Fada, príncipe, bruxa, amor.

4.2.59 *Minha vó tem um leão* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1988
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Título</i> Ilustrações: Ática Editora, 1987, 108 p.
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.60 *A bruxinha sem nome & o cuco do relógio*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1989
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A bruxinha sem nome & o cuco do relógio</i> . Ilustrações: Cláudio C. M. Duarte. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 29p.
3	SUBGÊNERO	Fantástico
4	RESUMO	1ª história: A bruxinha sem nome procura pelas três irmãs, Ruindade, Vingança e Mau- Gênio para pedir ajuda, pois não queria mais ser bruxa, queria ter amigos. Nenhuma das três ajudou a menina que saiu triste. Encontrou uma formiguinha carregando folhas e ofereceu ajuda. A formiguinha aceitou a ao despedir-se chamou a bruxinha de

		fada. Ela ficou muito feliz e ao olhar-se em um espelho d'água no riacho, percebeu que sua feição era bonita e entendeu que ela não era bruxa e passou a chamar-se fada Alegria. 2ª História: Em uma noite, o cuco do relógio da tia Zezé decidiu sair do “ninho” e pousou na mesa, onde moravam o cão e um burrinho que puxava uma carriola de flores. Ficou batendo papo até altas horas com os amigos, até que sentindo sono, resolveu voltar para o relógio. De manhã, quando ouviu passos, percebeu que tinha perdido a hora e cantou onze vezes. Marina ouviu aquilo e comentou com a mãe que o Cuco estava maluco, pois cantara onze vezes quando ainda eram oito horas. Depois desse dia, o cuco nunca mais cantou, pois ficou magoado por ter sido chamado de maluco na frente dos amigos.
5	TEMÁTICA	1ª história: Bruxinha sem maldade. 2ª história: o Cuco que deixou de cantar.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	1ª história: Bruxinha sem nome; bruxas irmãs da bruxinha sem nome: Ruindade, Vingança e Mau- Gênio; formiguinha; 2ª história: Cuco; cãozinho; burrinho; Marina; Tia Zezé.
7	MACROESPAÇO	1ª história: Provavelmente na floresta; 2ª história: sala da tia Zezé
8	MICROESPAÇO	1ª história: casas das irmãs da bruxinha; embaixo da árvore; riacho; 2ª história: relógio, mesa.
9	TEMPO HISTÓRICO	1ª história: Indeterminado. 2ª história: Indeterminado
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	1ª história: Indeterminado. 2ª história: Indeterminado
11	VOZ NARRATIVA	1ª história: 3ª pessoa, no entanto há predomínio do diálogo sobre a voz do narrador. 2ª história: 3ª pessoa, com predomínio do diálogo à voz do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	1ª história: narrador onisciente, conhecedor do pensamento da personagem. 2ª história: Narrador observador.
13	LINGUAGEM	Padrão para o narrador que não participa dos fatos narrados e coloquial para as personagens, em ambas as histórias
14	PROJETO GRÁFICO	A capa é bastante colorida e em destaque há a figura da

		bruxinha sem nome, sentada em uma pedra com a vassoura sobre as pernas e as mãos apoiando o rosto. Na parte superior da capa, sobre uma tarja amarela, estão os títulos das duas histórias que compõem o livro, escrito em vermelho e logo abaixo, na cor preta, o nome da autora. Todas as páginas do livro têm ilustrações nas cores branco, preto e azul claro, que compartilham a página com o texto verbal. As figuras procuram representar as personagens e/ou cenas narradas.
15	PALAVRAS CHAVE	1ª história: fada, bruxa, bondade; 2ª história:

4.2.61 *O chamado do meu povo*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1989
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O chamado do meu povo</i> . Ilustrações: Lúcia Brandão. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1989. 103p.
3	SUBGÊNERO	Intimista
4	RESUMO	Maria foi achada na mata por Steve, quando tinha aproximadamente dois anos. Foi criada como filha pelo casal de missionários, Jhonathan e Ana, que já tinham uma menina um ano mais velha do que Maria. As duas cresceram juntas e logo vieram os três outros filhos menores do casal. Após a morte de Ana, a vida ficou mais difícil para Maria, pois Yolanda começou estudar em um colégio interno, na cidade e quando regressou para as férias e festa de fim de ano, passou a tratar Maria com indiferença, desprezo e arrogância. As tias Nazareth e Margareth, que já não tratavam Maria com o mesmo carinho e atenção que destinavam à Yolanda, passaram a tratar a indiazinha de modo ainda mais rude, fazendo-a realizar algumas tarefas de casa, como serviçal. O pai Jhonathan e o tio Steve eram os que zelavam e protegiam a menina. Em uma discussão

		Yolanda chamou Maria de índia Kurubo selvagem, e foi assim que ela tomou consciência que não era filha natural do casal que a criara. Quando foi estudar no mesmo colégio da irmã, as humilhações se intensificaram, tanto pela irmã Yolanda, quanto por alunos que a rejeitava por ela ser índia. O tempo passou, o tio Steve também morreu e Maria sentiu necessidade de voltar para seu povo, sua tribo. O início do livro narra o retorno da índia Kurubo para seu povo.
5	TEMÁTICA	Adoção de criança indígena por missionários.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Maria, índia da tribo Kurubo, criada como filha por um casal de missionários, Jhonathan e Ana, desde os 2 anos; Yolanda, filha mais velha do casal, um ano mais velha que Maria. Depois de sair para estudos, passou a tratar a irmã adotiva, Maria, com desprezo e arrogância; filhos mais novos do casal: Júlio e um casal de gêmeos; Steve, homem de excelente caráter, irmão de Jhonathan e também missionário a favor dos índios. Dedicava enorme carinho pela sobrinha adotiva Maria, pois foi ele quem encontrou a menina mamando no seio da mãe já morta, devido a combate com homens brancos; Margareth e Elizabeth, gêmeas, irmãs de Steve e Jhonathan, “solteironas de uns cinquenta anos aproximadamente, geniosas, malévolas e fíngidas”.
7	MACROESPAÇO	Município de Atalaia.
8	MICROESPAÇO	Residência dos missionários, escola, floresta, jardim da casa.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indefinido, provavelmente segunda metade do século XX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de 11 anos, pois Maria narra desde quando tinha 7 anos até os 18, quando volta para o seu povo.
11	VOZ NARRATIVA	Quem inicia a narrativa é Gustavo, contando sobre a índia que tinha entrado na mata e não voltara. Logo depois acontece a leitura de um texto “Minha vida” escrito por Maria. A partir deste ponto, a voz narrativa passa a ser da protagonista, configurando-se o texto em um tipo de relato de memórias. Apesar do predomínio do discurso direto, há

		ainda presença significativa de diálogos presenciados pelo narrador.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de avista assumido de “memórias” e basicamente da protagonista, que narra os fatos por uma ótica limitada, própria do narrador em primeira pessoa.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa traz em evidência a figura de uma jovem índia, com uma arara no ombro. Na parte superior o nome da autora na cor preta e logo abaixo, em amarelo, o título da obra. No interior da obra há quinze ilustrações, em preto e branco, que ocupam 1/3 das páginas em que aparecem. As imagens procuram representar personagens e/ou passagens narradas.
15	PALAVRAS CHAVE	Adoção de criança indígena; missionários;

4.2.62 *Poemas para crianças* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1989
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Título</i> Ilustrações: : Ática Editora, 1987. 108 p.
3	SUBGÊNERO	
4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.63 *Decisão de amor*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1990
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Decisão de amor</i> . 1.ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. 175p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana.
4	RESUMO	Martha, 16 anos, filha de um casal com boas condições financeiras, vivia com a mãe e a avó, pois os pais tinham se separado. Desde pequena, a mãe e a avó cercaram-na de recomendações. Na adolescência, este zelo exagerado passou a incomodar a menina, que procurava um espaço para tomar suas próprias decisões. O pai, mesmo não compartilhando diariamente do contato familiar, foi sempre muito presente e soube respeitar as individualidades da filha. Na procura por sua identidade, Martha acaba deixando se seduzir por Ricardo, um rapaz conquistador. Em um único dia de relacionamento íntimo, ela engravidou do sedutor. Buscando fugir dos conflitos que a atormentavam, pede ao pai uma viagem para os EUA. Lá descobre que está grávida. O médico lhe apontou duas possibilidades: aborto ou a sequência da gravidez. Optou pela segunda e retornou ao Brasil com cinco meses de gestação. Este foi o momento de encarar mãe, avó, amigos e Manfredo, o garoto pobre que ela tinha nutria grande afeto.
5	TEMÁTICA	Gravidez na adolescência.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Martha, filha de pais separados, que engravida na adolescência; Ricardo, “moreno, alto, cabelos tingidos de cobre, é tarado pela sua moto”; Manfredo, 18 anos, forte, saudável, cabelos castanhos, cursa a 8ª série do supletivo, trabalha o dia todo em uma fábrica de ferramentas – frequenta o clube onde circulam jovens mais abastados por ser amigo de Carlão, seu amigo e professor de natação; pai, mãe e avó de Marha.

7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo; EUA;
8	MICROESPAÇO	Clube onde os jovens se encontram; casa de Martha; colégio. Consultório médico; alojamento nos EUA.
9	TEMPO HISTÓRICO	Segunda metade da década de 1980, época do plano cruzado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Menos de um ano.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa situa-se fora da história, no entanto a incidência de diálogo e superior à voz do narrador.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é plenamente onisciente, com acesso tanto à vida interior das personagens quanto à exterior.
13	LINGUAGEM	Padrão, com uso de algumas gírias peculiar aos jovens da época.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa destaca a figura do rosto de uma jovem loira, cheirando uma flor, com os cabelos ao vento. Ao fundo uma cidade com muitos prédios à beira mar. O título está na parte superior da capa, escrito na cor vermelha. No lado esquerdo, na cor azul clara, o nome da autora. Não há ilustração no interior da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Gravidez; adolescência; relacionamento familiar.

4.2.64 *O menino e o papagaio bandeira*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1990
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>O menino e o papagaio bandeira</i> . Ilustrações: Cláudio Martins: Editora Lê, 1990. 15 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	Um garoto vai à papelaria comprar papel para fazer um papagaio. Ao se deparar com uma variedade de opções de cores, fica indeciso. O vendedor, vendo a insegurança do menino sugere que ele faça um papagaio bandeira. No dia seguinte, o garoto foi ao campinho ao lado da papelaria, empinar sua pipa com formato da bandeira do Brasil. No outro dia, surgiram no céu, muitos outros papagaios bandeira.

5	TEMÁTICA	Patriotismo.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	O menino que queria fazer o papagaio bandeira; o vendedor da papelaria.
7	MACROESPAÇO	Indeterminado.
8	MICROESPAÇO	Papelaria, campinho.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Dois dias.
11	VOZ NARRATIVA	Narrador que não participa da história.
12	FOCO NARRATIVO	Narrador observador.
13	LINGUAGEM	Padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo branco e em destaque a figura do menino empinando o papagaio bandeira. Em volta dele, várias pessoas olhando a pipa no céu. Na parte superior, em verde, o nome da autora e logo abaixo, em vermelho, o título da obra.
15	PALAVRAS CHAVE	Bandeira do Brasil, papagaio, menino.

4.2.65 *Uma história de medo*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1991
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Uma história de medo</i> . Ilustrações: Cláudio Tucci. São Paulo: Livros do Tatu, 1991. 47 p.
3	SUBGÊNERO	Aventura.
4	RESUMO	Cuca, seus seis irmãos e a amiga Dita decidiram armar uma emboscada para assustar Jango. Na sexta feira maior, fantasiaram-se de fantasmas, Dita de saci e aguardaram seu Jango em seu retorno da procissão, em uma encruzilhada, já à noite. Quando escutaram que Jango estava se aproximando, montado em seu cavalo, invadiram a estrada gritando e assustando o senhor, que se borrou todo de medo. Depois façanha, disfarçadamente as crianças voltaram para a igreja para se encontrarem com os pais. Mais tarde, a mãe descobriu a malandragem.

5	TEMÁTICA	Crianças fantasiadas assustam homem que se diz corajoso.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Cuca, garota de 7 anos, que apesar de morar com os pais e os irmãos em São Paulo, vai com frequência ao sítio da família, próximo à rodovia Castelo Branco; os irmãos mais velhos de Cuca: Lenita, Zezé; Lia, Luiz, Pedro e Carlos; Dita, garota, negra que mora com a irmã próximo ao sítio do pai de Cuca; Jango, senhor viúvo, amigo da família e morador próximo ao sítio de pai de Cuca, homem que se diz valente, que não teme sobre as lendas que contam sobre o meio rural.
7	MACROESPAÇO	Sítio próximo à rodovia Castelo Branco.
8	MICROESPAÇO	Encruzilhada na estrada rural. Igreja, casa de Cuca.
9	TEMPO HISTÓRICO	Entre final da década de 1980 e início da década de 1990, pois refere-se ao corredor automobilístico Ayrton Senna “Parecia o Senna! Deu um pulo e zás... sumiu na estrada”. (p. 40)
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Menos de uma semana.
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa fia a cargo de Cuca, como um relato de uma experiência vivida.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista assumido é de relato, por uma garota de sete anos, que narra fatos que aconteceram por volta de um ano atrás. Naturalmente, os fatos narrados são de uma visão limitada e subjetiva.
13	LINGUAGEM	Há linguagem alterna-se entre a padrão e a coloquial e ainda alguns usos da variante peculiar a pessoas não escolarizadas para retratar a fala de indivíduos do meio rural.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo preto em referência ao período noturno e em evidência a figura de Jango montado em seu cavalo. Ambos retratam expressão de medo ao se depararem com um esqueleto verde, que sai de uma cova. O título, o nome da autora e da ilustradora foram escritos em branco. O interior da obra conta com 12 ilustrações em branco e preto, que ocupando parcialmente as páginas. Procuram representar personagens e/ou cenas narradas.

15	PALAVRAS CHAVE	Brincadeira de assombração, crianças, encruzilhada.
----	----------------	---

4.2.66 *O mercador de sonhos*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1991
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>O mercador de sonhos</i> . Ilustrações: Roko. 7. Ed. São Paulo: Moderna, 1991. 78 p.
3	SUBGÊNERO	Tema histórico.
4	RESUMO	O mascate Youssef percorria as grandes fazendas do Vale do Paraíba com seus caixotes abarrotados de produtos que encantavam as filhas dos fazendeiros. Quando tinha informação de algum casamento acordado, lá estava o mascate para vender seus produtos. O casamento do momento era de Ritinha, filha mais velha do coronel Severino, que estava prometida ao tio, viúvo, pai de quatro filhos, homem bem mais velho do que a pretendente. Em visita a esta sinhazinha, Youssef aproveitou para entregar Ana, irmã mais nova de Ritinha, uma carta de Petrônio, rapaz apaixonado pela menina. O amor entre ambos era proibido devido a uma rivalidade entre os pais dos jovens, quando às causas abolicionistas. O mascate serviu de informante entre o casal, levando e trazendo alguns recados. Petrônio ficou seis anos ausente, combatendo na guerra do Paraguai. Ana permaneceu fiel ao rapaz, aguardando seu retorno. Após o término da guerra, ele retornou à suas terras, agora mais adulto, condecorado e com atitudes opostas as do pai, quanto abolição. Com um ato corajoso, visita o pai de Ana e pede a mão da moça em casamento. Para a surpresa de Petrônio, coronel Severino considerou as atitudes positivas do rapaz, que herdara toda a fortuna do pai já morto, concedendo a mão da filha ao jovem fazendeiro. Youssef consegue montar uma loja na capital, traz do Líbano a mãe e

		noiva, e abandona a vida de mascate.
5	TEMÁTICA	Amor proibido
	PERSONAGEM PRINCIPAL	Ana: filha de uma grande fazenda de café; Petrônio: rapaz apaixonado por Ana que por divergência entre as famílias, vê-se impedido de declarar seu amor. Youssef: mascate Libanês que vendia seus produtos nas grandes fazendas do Vale do Paraíba, muito estimado na região; Ritinha: moça prometida ao tio; Coronel Severino: pai de Ana; Sinhá Generosa: mãe de Ana.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Cidade de Bananal; Fazenda Boa Vista; Fazenda Três Pontes; Fazenda Pau D'Arco; Sala da fazenda; Sede do Paço Municipal – salão em que foi realizado o sarau;
9	TEMPO HISTÓRICO	Segunda metade do século XIX.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Por volta de nove anos, de 1864 a 1973 (a história termina após três anos do fim da Guerra do Paraguai).
11	VOZ NARRATIVA	A voz narrativa predominante situa-se fora da história, embora haja frequentes diálogos.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, com irrestrito acesso à vida interior e exterior das personagens.
13	LINGUAGEM	Predomínio da padrão, com uso de algumas variações para caracterizar a fala de determinados personagens, como a dos escravos.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem fundo que lembra as cores do arco-íris. Ao centro, a imagem do mascate, com uma caixa aberta. Ao lado da caixa, vê-se escova de cabelo, colar e lenço em tecido. A caixa emite uma claridade, soltando estrelinhas, como se esta fosse mágica. No alto da página, escrito em letras pretas, o nome da autora e abaixo em letras maiores, o título da obra. O interior do livro contém 16 ilustrações, todas em preto e branco, ocupando parte da página. As ilustrações sempre antecedem a abertura de capítulos e buscam retratar personagens e/ou cenas narradas.

15	PALAVRAS CHAVE	Amor proibido; casamento arranjado; escravidão.
----	----------------	---

4.2.67 *O roubo dos peixinhos*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1991
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>AO roubo dos peixinhos</i> . São Paulo: Letras & Letras, 1991. 31p.
3	SUBGÊNERO	Teatro.
4	RESUMO	É aniversário da rainha e o rei deu a ela dois peixinhos vermelhinhos. O dragão roubou os peixinhos com a intenção de comê-los. Criqui saiu à procura do ladrão acompanhado pelos dois guardas medrosos. Criqui descobriu que os peixinhos estavam em posse do dragão, que procurou a bruxa em busca de uma receita para prepará-los para refeição. Criqui arma um plano com a Árvore e conseguem prender o Dragão e resgatar os peixinhos, que foram entregues à rainha. Como recompensa a sua bravura, o rei condecorou Criqui com o título de conde.
5	TEMÁTICA	Aventura.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Criqui – o Pajem; Rei Singapago; Rainha; os dois guardas medrosos; Dragão; Bruxa; Árvore.
7	MACROESPAÇO	Indeterminado, provavelmente em uma floresta.
8	MICROESPAÇO	Jardim com lago; casa da Bruxa;
9	TEMPO HISTÓRICO	Indeterminado; no tempo de rei
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indeterminado.
11	VOZ NARRATIVA	Diálogos entre os personagens;
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	Padrão
14	PROJETO GRÁFICO	A capa apresenta moldura esverdeada, e no retângulo ao centro, em destaque, o rei e a rainha segurando o aquário com os peixinhos. Ao fundo, o jardim com lago e a figura do Pajem Criqui, do Dragão preso na Árvore e da bruxa voando em sua vassoura.

15	PALAVRAS CHAVE	Rei; rainha; peixinhos.
----	----------------	-------------------------

4.2.68 *Trama covarde*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1992
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Trama covarde</i> . Ilustrações: Ática Editora, 1987. 108 p.
3	SUBGÊNERO	Policial.
4	RESUMO	Enquanto Marina caminhava pela Praça da República rumo ao seu curso de inglês, presenciou o sequestro de um rapaz. Depois que os sequestradores levaram a vítima (mais tarde identificado com Felipe), Mariana recolheu carteira dele, que ficara caída no chão. Em posse desse documento, pode avisar a polícia, inclusive indicando quem era a vítima. No entanto, Felipe foi capaz de fugir do cativeiro e voltar para casa antes de a polícia interferir no caso. Com a situação aparentemente resolvida, Mariana telefonou para Felipe e eles acabaram se conhecendo. Como o sequestro não deu lucro aos bandidos, tentaram tirar dinheiro da família de outra forma, através do cavalo de raça do pai de Felipe, que corria em competição. A trapaça foi descoberta, os bandidos presos e identificados como também responsáveis pelo sequestro do rapaz. Enfim, tudo ficou resolvido.
5	TEMÁTICA	Sequestro; investigação.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Felipe, 17 anos, filho de empresário bem sucedido, vítima de sequestro; Mariana, filha de médico, garota que presenciou o sequestro do rapaz; sequestradores.
7	MACROESPAÇO	Cidade de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	Bairro do Córrego; Praça da República; Pacaembu; cativeiro.
9	TEMPO HISTÓRICO	Indefinido. Pelas marcas do texto, provavelmente na década de 1980, pois a mãe de Mariana dirige automóvel; o modelo Gol de carro é citado.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Algumas semanas.

11	VOZ NARRATIVA	O narrador situa-se fora da história narrada. No entanto, o discurso predominante é o direto, através da voz dos personagens.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, conhecedor do pensamento dos personagens.
13	LINGUAGEM	Predomínio da norma padrão, tanto para o narrador como para os personagens, que na grande maioria dos diálogos, pertencem ao grupo com acesso à escolarização.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa traz o título do livro em verde, na mesma cor do carro que se encontra ao centro da página, representando o automóvel usado no sequestro. Envolta dessa imagem, há um trabalho gráfico lembrando textura, nas cores preta e vermelha. As ilustrações no interior da obra são todas em preto e branco, em número pequeno, cada uma ocupando menos de 1/3 de das páginas em que aparecem e buscam retratar personagens e/ou cenas narradas.
15	PALAVRAS CHAVE	Sequestro; corrida de cavalos.

4.2.69 *Eu e minha família*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1993
2	REFERÊNCIA	MOTT, Odette de Barros. <i>Eu e minha família</i> . Ilustrações: Marcus Vinícius Queiroz. 1. Ed. Belo Horizonte-MG : Editora Lê, 1993. 126 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	O livro narra a história de Luciano, garoto de 12 anos, que sente grande atração por Fúlvia, dois três anos mais velha do que ele e que não se interessa pelo rapaz. Luciano mora com os pais, a irmã de 10 anos - Mariana, o irmão - Cláudio, de 18 anos, que se envolve com o uso de maconha, e a prima – Daniela, que veio morar com a família após ficar órfã. No início da narrativa o leitor se depara com algumas crises da adolescência vividas pelo protagonista, através do discurso

		alternado entre um narrador externo e relatos de Luciano em uma agenda. No decorrer da história, o menino percebe que seu interesse por Fúlvia não é correspondido e começa a se interessar pela prima Daniela, que também sente atração por ele. A família passa por um drama quando os pais de Luciano descobrem que o filho mais velho está usando drogas. O rapaz é encaminhado para tratamento psicológico, mas mostra-se resistente, afirmando ter consciência de suas ações. Não aceita os conselhos dos pais, afirmando que não é viciando e que tem controle da situação, sendo capaz de deixar o uso da droga quando quiser. Luciano tem grande admiração pelo irmão e quando descobre o que está acontecendo, decide ajudá-lo. Resolve gravar uma fita falando de toda sua admiração pelo irmão, a preocupação dos pais pelo que está acontecendo e como a família quer o bem dele.
5	TEMÁTICA	Adolescência, vida cotidiana, conflitos familiar.
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Luciano, garoto de 12 anos, que vive os conflitos da adolescência e a admiração por uma garota mais velha. Ele ganhou uma agenda e passou a registrar nela seus anseios, e emoções. Daniela, prima de Luciano, que após ficar órfã, fora acolhida na família. Cláudio, irmão de Luciano, rapaz de 18 anos que se envolve com o uso de maconha.
7	MACROESPAÇO	Cidade em que o personagem Luciano mora (não citado no nome)
8	MICROESPAÇO	Doçura – sorveteria que o grupo de amigos frequenta; escola; casa de Luciano.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não determinado, provavelmente primeira metade da década de 1990, pois cita o fato de um rapaz ter sido contaminado pelo vírus da Aids, por ser homossexual (no livro aparecer o termo “bicha”, p. 83)
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	De janeiro a agosto, portanto, por volta de oito meses.

11	VOZ NARRATIVA	Há alternância entre a voz do narrador externo e o discurso de Luciano, através dos relatos na agenda, que funciona como um diário.
12	FOCO NARRATIVO	O foco narrativo se alterna entre a visão do narrador externo, onisciente, que no início da narrativa apresenta-se como a voz da escritora, informando que está com a caneta na mão para iniciar a história, e a visão de Luciano, através dos relatos na agenda.
13	LINGUAGEM	Predominantemente padrão, inclusive nas anotações de Luciano em sua agenda, aparecendo esporadicamente alguns termos na fala do protagonista, como “merda”, “bosta”, “que se foda”.
14	PROJETO GRÁFICO	A fundo da capa do livro é marrom, e no centro vê-se a figura de um menino com asas, como se estivesse voando. Dois pássaros compõem a paisagem. O título está escrito em branco, em letras grandes, na parte e logo abaixo lemos o nome da escritora. As ilustrações no interior da obra estão em preto e branco e os desenhos procuram retratar cenas ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Adolescência, drogas, convívio familiar.

4.2.70 *Minha vida de criança*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1994
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Minha vida de criança</i> . Ilustrações: Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1994. 159 p.
3	SUBGÊNERO	Memórias
4	RESUMO	Odette de Barros Mott registra nesta obra suas memórias de infância. O livro nasce de um pedido da filha caçula, Maria Lúcia, que pede a mãe que relate sua vida de criança. Começa a escrever o texto em 1991, quando estava com 78 anos, e afirma que não se sente “totalmente forte, e nem

		doente”. Comenta sobre as relações familiares, as amizades, as experiências escolares, as mudanças de cidade e de escola, o amor pelos livros, entre outros. Ao final do relato, conclui que no seu interior é triste, mas isso não pertenceu a sua infância.
5	TEMÁTICA	Memórias da vida de Odette de Barros Mott
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Odette de Barros Mott
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo.
8	MICROESPAÇO	As várias cidades em que passou a infância, as casas em que morou, as escolas que estudou.
9	TEMPO HISTÓRICO	Relata as memórias dos 3(1916) aos 11(1924) anos.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	11 anos.
11	VOZ NARRATIVA	Por ser tratar de um texto memorialístico, a narradora é a própria escritora, portanto em primeira pessoa.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista narrativo é de Odette de Barros Mott.
13	LINGUAGEM	Predominantemente padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa tem o fundo listrado de azul e branco. No centro há um retângulo com a figura de dois livros, sendo que um está aberto. Em um aviãozinho feito de papel escrito, vê-se uma criança parece estar em pleno voo. O título da obra está na cor rosa e logo acima dele o nome da escritora, na cor preta. As ilustrações no interior do texto são em preto e branco, em linhas simples, que buscam, representar momentos da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Memórias, Odette de Barros Mott, infância.

4.2.71 *Caminhos e caminhantes*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1995
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Caminhos e caminhantes</i> Ilustrações: Roger Mello. Aparecida. SP: Editora Santuário, 1995. 123 p.

3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	<p>A história inicia com o personagem Pedrinho, filho de padeiro, que acorda cedo para ajudar o pai no feitiço de pães. O menino pobre se apaixona por Mariela, filha do prefeito, menina de posição social diferente da dele. A história não se atém somente a este fato, pois entre o amor às escondidas do casal, o enredo do livro apresenta o drama vivido pelos habitantes da cidade Nossa Senhora dos Prazeres, devido ao processo de instalação de uma usina hidroelétrica a ser construída na região. Com a empresa, cerca de 120 km de terras seriam inundados por uma barreira, através do rio Tietê, sendo necessário expulsar de seu habitat animais, retirar pessoas de suas terras e moradias, promovendo no lugarejo mudanças que não agradavam a população. O padre local se prontifica a ajudar a população e através dessa iniciativa, várias frentes de conscientização sobre como reagir contra a instalação da empresa, são formadas. Pedrinho se destaca como líder de algumas ações, inclusive como representante da escola que frequente, tendo a palavra em vários momentos de encontro entre a população e os políticos locais. Os moradores passam a ter mais contato com o prefeito, deputado, diretores de escola, enfim, pessoas que se destacam em cargos na sociedade, e que unem forças para impedir a instalação da usina. Reflexões acerca de questões ecológicas são bastante presentes nos diálogos entre personagens, inclusive há citação da Lei de 24/04/1985, que impede atividades que prejudiquem o meio ambiente. As ações da sociedade foram suficientes para impedir a instalação da barragem. Pedrinho e Mariela continuam com o namoro às escondidas.</p>
5	TEMÁTICA	Questões ambientais; união em sociedade; diferenças sociais.
6	PERSONAGEM	Pedrinho, menino pobre, filho de padeiro, que levanta cedo

	PRINCIPAL	para ajudar o pai na labuta diária. Mariela, filha do prefeito, que corresponde ao amor de Pedrinho. Ele frequenta o ginásio local e deseja seguir estudo para poder convencer a família da garota a aceitá-lo como namorado da menina. O padre Vicente, que defende os interesses dos menos favorecidos.
7	MACROESPAÇO	Estado de São Paulo, nas proximidades da capital.
8	MICROESPAÇO	Cidade de Nossa Senhora dos Prazeres; paróquia e igreja católica;
9	TEMPO HISTÓRICO	Final da década de 1980, entre 1985 e 1990, época em que o Brasil estava sob o governo de José Sarney.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indefinido - menos de um ano.
11	VOZ NARRATIVA	A história começa a ser narrada por um narrador externo, onisciente. A partir da página 25, há predomínio do discurso dos personagens, que discutem sobre as questões referentes à construção de uma barragem na cidade.
12	FOCO NARRATIVO	A princípio, do narrador externo. Com o desenrolar da história, o foco narrativo passa a ser conduzido pelos personagens da história.
13	LINGUAGEM	Predominantemente padrão, sendo que em alguns poucos diálogos de personagens sem escolarização, aparece o uso de uma variante linguística que caracteriza a fala desses.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro é marrom, com título escrito em tom claro e escuro da cor lilás. Na parte inferior, a imagem de um garoto jovem, de semblante sério, representa Pedrinho. O nome da autora está na parte superior da capa. No interior do livro há poucas ilustrações em preto e branco, ocupando pequenas partes da página, que buscam representar momentos e ou personagens da narrativa.
15	PALAVRAS CHAVE	Meio ambiente; construção de barragem, bem comum.

4.2.72 *Amanhã na praia*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	SD
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>Amanhã na praia</i> . Ilustrações: Regina Rennó. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1997. 158 p.
3	SUBGÊNERO	Vida cotidiana
4	RESUMO	Bianca e Isabela são muito amigas, além se serem primas. Trocam cartas corriqueiramente, pois é a melhor maneira de manterem contato, tendo em vista que aquela mora na fazenda e esta na capital fluminense. O sonho de Bianca é morar no Rio de Janeiro, e como a prima, poder namorar, ir à praia e frequentar um grande colégio. O sonho se realiza, pois seus pais decidem transferir a residência para a cidade maravilhosa. Com isso, o cotidiano de Bianca muda. Logo se interessa por José, garoto que estuda no mesmo colégio que ela. Bianca percebe que a atração que tinha por Nelson, rapaz que insistia em manter intimidades com ela, era algo que ainda não estava preparada. Conta para a mãe sobre as atitudes que o rapaz tinha e a mãe lhe dá apoio, proibindo inclusive que o rapaz continuasse frequentando a casa da família. Continua o namoro com José, que tem praticamente a mesma idade dela e que a respeita. Há ainda no livro, um momento que um professor do colégio aproveita uma oportunidade para falar sobre amor e sexo, dando uma “aula” sobre o assunto.
5	TEMÁTICA	Adolescência
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Bianca, 13 anos, mora em uma fazenda, próxima da cidade Rio de Janeiro, com os pais e dois irmãos mais velhos; Isabela, prima de Bianca, também de 13 anos, mora no Rio de Janeiro, namora Renatinho; Nelson, garoto de 17 anos, amigo dos irmãos de Bianca. O garoto ronda a menina, procurando mantê-la em sua posse. José, namorado de

		Bianca.
7	MACROESPAÇO	Estado do rio de Janeiro, cidade Rio de Janeiro.
8	MICROESPAÇO	Fazenda dos pais de Bianca, piscina da fazenda, praia, barzinho Diet.
9	TEMPO HISTÓRICO	Não determinado, mas por fazer menção ao modelo de biquíni “fio dental”, entendemos como década de 1990, portanto contemporâneo à produção da obra.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Alguns meses.
11	VOZ NARRATIVA	Há um narrador que não participa da história, no entanto, a voz que predomina é a dos personagens.
12	FOCO NARRATIVO	O narrador é do tipo onisciente, com irrestrito acesso tanto aos aspectos exteriores quanto à subjetividade das personagens.
13	LINGUAGEM	A linguagem é mesclada pelo uso da norma padrão da linguagem, principalmente quanto a voz está com o narrador que não participa da história, e com a variante linguística que caracteriza a fala dos jovens, apesar de ela ser ainda acanhada, não representando fielmente este grupo de falantes.
14	PROJETO GRÁFICO	A capa do livro tem o fundo verde água e no centro há ilustração de uma figura de praia, com mar, areia e guarda-sóis. O título está na parte superior da capa, na cor branca e logo abaixo se vê o nome da escritora, em preto. As ilustrações do interior da obra são todas em preto e branco, lembrando desenhos feitos a lápis, que buscam reproduzir situações ou personagens da história.
15	PALAVRAS CHAVE	Adolescência, namoro, sexo.

4.2.73 *O melhor mesmo é ser Leonesa* (livro não encontrado)

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	SD
2	REFERÊNCIA	
3	SUBGÊNERO	

4	RESUMO	
5	TEMÁTICA	
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	
7	MACROESPAÇO	
8	MICROESPAÇO	
9	TEMPO HISTÓRICO	
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	
11	VOZ NARRATIVA	
12	FOCO NARRATIVO	
13	LINGUAGEM	
14	PROJETO GRÁFICO	
15	PALAVRAS CHAVE	

4.2.74 *A travessia*

1	PRIMEIRA EDIÇÃO	1987
2	REFERÊNCIA	MOTT. Odette de Barros. <i>A travessia</i> . Ilustrações: Rogério Borges. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987. 66 p.
3	SUBGÊNERO	Questões sociais.
4	RESUMO	A história se inicia com o diálogo entre Moisés e Júlia, ele descendente de judeus e ela de cristãos. Ele está interessado na garota e a pede em namoro, mas ela se mostra reticente pelo fato de ele ser judeu. A partir do segundo capítulo, o livro faz um <i>flash back</i> , e apresenta a história da formação de um vilarejo, na Alemanha, na década de 1930, onde famílias judias e cristãs vivem pacificamente, cada uma respeitando as tradições da religião alheia. A pacificidade do lugar é abalada com a eclosão da II Guerra Mundial. A partir desse momento da narrativa, evidencia-se a saga dos judeus perseguidos pelas forças de Hitler e a história família do garoto Jusefé focalizada. Ao fim da guerra, da família de Jusef de quatro integrantes, apenas o garoto e o pai

		sobrevivem, a mãe e a irmã morreram. Por sofrer grande discriminação na Alemanha pós guerra, o pai do garoto decide continuar a vida em outro país. O Brasil é o país escolhido para viverem. No final da narrativa, o leitor fica sabendo que o garoto Moisés, do início da história, é filho de Jusef. Ele ainda continua lutando contra o preconceito racial/religioso.
5	TEMÁTICA	Religião; preconceito; II Guerra mundial
6	PERSONAGEM PRINCIPAL	Jusef, garoto alemão, descendente de judeus, que tem a família desmembrada devido às perseguições e mortes na II Guerra Mundial. Stephan, filho de alemães, que ajuda o amigo Jusef a se salvar da perseguição hitleriana. Rebeca, mulher de Jusef, mãe de Moisés. Júlia, descendente de cristãos, menina a quem Jusef se interessa.
7	MACROESPAÇO	Alemanha; Brasil.
8	MICROESPAÇO	Alemanha: Vale da Esperança, casa de Stephan. Brasil: casa e escola de Moisés.
9	TEMPO HISTÓRICO	Segunda metade da década de 1980, pois o texto faz menção à passagem do cometa Halley; Entre as décadas de 1930 a 1945, começo do vilarejo Vale da Boa Esperança até o fim da II Guerra Mundial.
10	DURAÇÃO DA AÇÃO	Indefinido; A história passa por duas gerações.
11	VOZ NARRATIVA	Embora haja um narrador externo, onisciente, a voz narrativa se alterna entre os personagens e o narrador que não participa da história.
12	FOCO NARRATIVO	O ponto de vista narrativa se alterna, ora com o narrador externo, ora com os personagens da história, sendo que a visão de Jusef é a mais frequente.
13	LINGUAGEM	Predomínio da norma padrão.
14	PROJETO GRÁFICO	Na parte superior da capa do livro, em letras amarelas, há o nome da autora. Logo abaixo, segue o título da obra na cor preta. Na parte inferior da capa, a figura de um casal que representa Moisés e Júlia, ela morena, usando um crucifixo e

		ele claro, com a estrela de Davi carregada no pescoço por um correntinha. Ao fundo, a imagem de um policial do exercito alemão. Entre as duas imagens, o desenho da suástica.
15	PALAVRAS CHAVE	Preconceito racial/religioso, judeus, cristãos.

4.3 REPENSANDO AS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS A PARTIR DE 1982

Das obras de Odette de Barros Mott, catalogadas neste trabalho, as produzidas até 1982 foram apreciadas no *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/juvenil Brasileira 1882-1982* por Nelly Novaes Coelho. Após este estudo de Coelho (1984), a escritora lançou até o final de sua carreira, por volta de 44 livros. Desses, 7 não foram encontrados para aquisição no mercado. Dos 37 encontrados, 68% foram escritos para o público jovem e 32% para crianças.

Para o público infantil, consta:

1983 - *O primeiro sorriso de Jesus*

1984 - *Atrás do pirata papa tudo*

1984 - *O dia mais lindo*

1984 - *A revolta dos números*

SD - *Os coelhinhos detetives*

1986 - *Agora, quem conta os patinhos*

1987 - *Seu Léo e o pintadinho*

1988 - *A história contou*

1989 - *A bruxinha sem nome & o cuco do relógio*

1990 - *O menino e o papagaio bandeira*

1991 - *O roubo dos peixinhos*

Para Literatura Juvenil, produziu (por ordem cronológica):

1982 - *O filme na barriga do panda*

1983 - *O Muiraquitã*

1984 - *Marzão*

- *Caminhos*

- *Sob a cruz das estrela*

1985 - *Nosso clube*

- *De onde eu vim?*

- *No beco do sabão*

- 1986 - *O instituto de beleza*
 - *Férias no orfanato*
 - *Nas margens do Araguaia*
 - *A terceira gaveta*
- 1987 - *Aconteceu ontem*
- 1987 - *A travessia*
- 1988 - *Por que raptaram Soraya?*
 - *Ainda temos o amanhã*
- 1989 - *O chamado do meu povo*
- 1990 - *Decisão de amor*
- 1991 - *Uma história de medo*
 - *O mercador de sonhos*
- 1992 - *Trama covarde*
- 1993 - *Eu e minha família*
- 1994 - *Minha vida de criança*
- 1995 - *Caminhos e caminantes*
- Sd - *Amanhã na praia*

Coelho dividiu o conjunto de obras de Odette de Barros Mott produzidas até 1982, em três grandes áreas de interesse: *o mundo natural e a vida rural*; *o mundo urbano e seus problemas*; *o mundo de aventuras* (históricas, policiais ou de pura ficção). Analisando as obras produzidas a partir de 1982, percebemos que esta divisão ainda se fazia pertinente. Assim, teceremos breves comentários sobre cada uma das obras citadas acima, seguindo a divisão grupal utilizada por Coelho.

1 – O mundo natural e a vida rural

Nas margens do Araguaia – 1986

Esse é o segundo livro que a autora escreve sobre a experiência vivida em 1971, em viagem para Conceição do Araguaia e da convivência com o povo Karajá. Naquela época, escreveu *Marco e os índios do Araguaia*, livro bastante premiado, lido e traduzido para o lituano e alemão. Depois de mais de uma década da publicação daquele, a escritora retoma suas lembranças, agora para relatar sobre três lendas dos índios karajás. No início do livro ela informa o leitor do porquê da obra:

A televisão, esse grande meio de informação, transmite muitas vezes ao jovem brasileiro uma noção falsa de heróis. O modelo de herói que muitos programas apresentam à nossa juventude nos vem dos Estados Unidos da América do Norte. São super-heróis que somente vencem pela força, pela violência. Ou então, o mocinho matando índios para salvar a mocinha. Tal tipo de programa está deformando a mentalidade de nossas crianças. Precisamos, nós, escritores, educadores, preocuparmo-nos urgentemente em desenvolver nas nossas crianças, nos nossos jovens, o conhecimento dos problemas referentes às nossas Américas – do Sul e Central – tão carentes e subdesenvolvidas (MOTT, 1986, p. 5 – “Explicação Necessária”).

Portanto, por meio do livro, pretende conscientizar os leitores sobre a necessidade de valorização, respeito e cuidados com o povo indígena. De certa forma, o livro traz uma visão, por vezes, romantizada do índio brasileiro, descrito no nosso Romantismo.

Narrado em primeira pessoa, pela própria autora, o livro é uma aula sobre a cultura indígena. Como o narrador é a própria escritora, sua voz produz maior credibilidade aos fatos narrados. Vê-se assim, a preocupação com o realismo documental.

Ainda temos o amanhã – 1988.

O tema em questão é a precariedade das escolas rurais. Narra a história de duas jovens professoras, Suzana e Cecília, que moram e lecionam na zona rural. Cecília funciona como porta voz do abandono dessas escolas, pelo governo.

Além do cotidiano na escola, também é focalizada a vida privada das meninas, apresentando seus sonhos, namorados e desejo de se casarem. Dessa forma, o livro acaba agradando mais às meninas.

Mais uma vez a autora não perde a oportunidade de colocar em pauta assuntos da realidade, com intenção de promover discussões sobre a precariedade das escolas rurais.

O chamado do meu povo – 1989

O livro é um relato de memória de Maria, índia da tribo Kurubo, uma das mais primitivas do Brasil. A menina foi adotada por missionários, ainda bebezinha, com dois anos, e criada como branca, junto com os outros filhos do casal. Com o tempo e depois da morte da mãe adotiva, a índia passou a viver alguns conflitos de convivência familiar e começou a perceber que não fazia parte daquele ambiente. Nasce a vontade de voltar para o seu povo.

A escritora novamente sai em defesa dos índios, evidenciando nessa narrativa, que o melhor para esse povo, é estar entre os seus, preservando sua cultura, costumes e crenças.

2 – O mundo urbano e seus problemas

Marzão – 1984

Utilizando o estado de São Paulo como cenário, em particular o litoral, a autora apresenta a história de Mário, garoto de 15 anos, que sente as mudanças familiares a partir da separação dos pais. O pai sai de casa (engravidou outra mulher) e a mãe assume as despesas familiares. Além de sentir falta da presença do pai, o protagonista da história percebe que a mãe está tendo dificuldades para manter a casa. Nessa obra, a dica deixada pela autora é da necessidade de os jovens terem responsabilidades familiares e inclusive, se necessário, contribuir com as despesas da casa. No livro há predomínio da linguagem coloquial, com presença de gírias, o que deixa o texto mais natural. Apesar de Mário perceber as mudanças no cotidiano da família e a necessidade de ajudar a mãe a prover a casa, ele não está maduro para assumir a responsabilidade e se deixa seduzir pelas paixões: surf, moto e namorada.

Assim, por meio do personagem Mário, a autora trata do conflito vivido por meninos que se deparam com a separação dos pais e que não se sentem aptos para assumir funções familiares que não desempenhavam. Obra sem grandes pretensões que tem a linguagem como aliada para conquistar o jovem leitor.

Caminhos – 1984

Este é um texto que nasce a partir de experiências vividas pela autora. As histórias, lendas, grutas, de São Tomé das letras, instigaram a escritora a desbravar a cidade histórica. Na visita conheceu a realidade de Maneco, além de ter contato com alguns grupos de estudantes que também exploravam a cidade. No livro, encontramos duas histórias que evoluem paralelamente e ambas desembocam na cidade pobre de São Tomé das Letras: uma, de estudantes em excursão, surpreendidos no acampamento em que dormiam, por traficantes que vão oferecer drogas; a outra de Maneco, homem pobre, que parte em busca de trabalho e dinheiro para sustentar mulher e filhos, mas vê sua tentativa frustrada. Além de ser uma alerta aos jovens quanto ao cuidado com traficantes, ainda apresenta a história de Maneco, baseada em fatos reais. A obra peca na linguagem, que ora retrata a linguagem dos personagens, caracterizando-os, ora se ampara na norma padrão, mesmo na representação de fala de pessoas pouco escolarizadas, não mantendo uma constante.

De onde eu vim? – 1985

Texto escrito para contribuir na difícil tarefa de contar a filhos não biológicos, que são adotados. De acordo com a escritora, a obra foi motivada por uma conversa ouvida no salão

de beleza. Duas mulheres dialogavam e uma delas, mãe de criança adotiva, comentava da dificuldade de contar ao filho sobre o fato de não ser filho natural.

Na história contada pela escritora, Rogério, 10 anos, fica sabendo do fato pela empregada. Revoltado, foge para a casa do amigo Paulo, dois anos mais velho. Rogério não sabia, mas Paulo também era adotado, assim, era experiente para aconselhar o amigo.

O texto, que é praticamente todo estruturado em diálogo, fere a verossimilhança quando apresenta reflexões e conselhos de Paulo para Rogério, que não coincidem com a maturidade de um garoto de 12 anos, e ainda, quando o pai do garoto é cúmplice do filho, escondendo Rogério em sua casa, parecendo ignorar as implicações que essa atitude poderia ter no judiciário - alojar um menino fugitivo dos pais.

Fica evidente no texto o discurso utilitário, permeado pela ideologia da autora e apego à manutenção da estabilidade familiar. A linguagem, baseada na norma formal, gera certa artificialidade na história, sendo que o coloquialismo permitiria uma maior identificação das personagens. Pela simplicidade da trama, o livro seria mais indicado para crianças entre oito e doze anos de idade.

O instituto de beleza – 1986

O homossexualismo já foi assunto abordado em outra obra da autora, *A rosa dos Ventos* (1972). Agora ele acontece entre meninas, Cleobe e Lurdes, de 14 e 13 anos respectivamente. A coordenadora da escola desconfia do relacionamento das meninas, chama os responsáveis à escola e sugere que as meninas sejam transferidas para estabelecimentos de ensino diferentes. Tal medida foi suficiente para que ambas interagissem com outros amigos e até se interessassem pelo sexo oposto, resolvendo assim o desvio de conduta sexual, de acordo com os padrões da família tradicional. Dessa forma, o desfecho desta história coincide com o de *A rosa dos ventos*, pois em ambos os casos a homossexualidade acaba se desfazendo. Fica subentendido que o homossexualismo é algo passageiro, até que o menino se defina por sua masculinidade e a garota pela feminilidade.

A linguagem predominante no texto é o discurso direto, envolvendo assuntos discutidos entre mulheres em um salão de beleza, portanto, não é um livro que chamaria muito a atenção dos meninos.

Aconteceu ontem - 1987

O livro apresenta as dificuldades enfrentadas pelos donos de grandes propriedades rurais, na época da abolição da escravatura. Para deixar a narrativa mais atraente para a

meninada, há ainda a paixão entre dois jovens, que acabam se casando. Apesar de a obra se iniciar apresentando o fim da escravidão, esse assunto acaba sendo pano de fundo da narrativa, que mais se atém a apresentar o relacionamento amoroso entre dois jovens e mostrar a degradação financeira e pessoal de um pai de família que não foi capaz de administrar os negócios sem poder contar com a mão de obra escrava.

A linguagem predominante – padrão, não retrata a fala dos personagens, pessoas simples, moradoras em sua maioria na zona rural, no final do século XIX. O título “Aconteceu ontem”, busca evidenciar que a abolição da escravidão é algo não muito longínquo. Apesar da trama simples, o livro teve várias edições.

A travessia – 1987

O tema focalizado é o preconceito racial/religioso. Há vários trechos em que a religiosidade é bastante marcante e também evidente destaque para a conscientização da necessidade de respeito entre as crenças e de amor ao próximo. O livro narra a história de três gerações de judeus, a primeira e segunda, que sofreram as consequências da segunda guerra mundial na Alemanha, e a última no Brasil, devido a vinda de seus ascendentes a este país.

A obra parte do valor ideológico da necessidade de aceitação e respeito às diferenças raciais, utilizando-se para isso, de uma história baseada em fatos reais – II Guerra Mundial. O *flash back* apresentado a partir do segundo capítulo tem a intenção de retratar a história trágica dos judeus que viviam na Europa durante a II Guerra Mundial, e assim, servir de “lição” para que tal discriminação não continue acontecendo. Apesar de a história contada ser pouco provável de ter acontecido, (um garoto que premedita sozinho sua fuga, antes que a polícia alemã invada sua casa, separando-se assim, dos demais membros de sua família), acreditamos que convença o leitor adolescente e atinja o esperado pela autora – sensibilizar os jovens para que não tenham preconceito racial.

O texto é bastante marcado por frases religiosas, com frequentes citações bíblicas como “ama ao outro como a ti mesmo”, “somos todos filhos de um Deus único e verdadeiro”, “A caridade e o amor ao próximo é o grande mandamento, é o maior. Amar a Deus e ao próximo”, transparecendo a postura religiosa intencional da autora.

Decisão de amor – 1990

Através dessa obra, a escritora procura alertar as meninas sobre a gravidez na adolescência e a decisão de mantê-la ou não. Apresenta a história de Martha – 16 anos, filha de pais separados, que acaba seduzida por um rapaz galanteador e em apenas um encontro

amoroso, engravida. Relatando monólogos interiores da protagonista, a escritora encaminha o recado para seus leitores, para as meninas não se entregarem aos romances da adolescência e ao sexo, como solução para os conflitos vividos nesse período da vida. Como o “recado” é passado por uma garota que vivencia a experiência da maternidade e não pela voz de um adulto, a mensagem ganha mais credibilidade. O livro cumpre o papel de alertar aos adolescentes sobre os problemas da gravidez na adolescência. De maneira dinâmica, através de muito diálogo na narrativa, traz para o texto, frustrações, insegurança, desejos e os conflitos vividos pela garotada.

Eu e minha família – 1993

Nessa história, a escritora retoma o assunto das drogas, que já fez parte de outra obra sua “*A rosa dos ventos*”, além de apresentar alguns conflitos vividos pelo personagem Luciano – 12 anos, que está na pré-adolescência. Luciano é o protagonista da história, que é contada a partir de suas anotações em uma agenda, espécie de diário, e da voz de um narrador externo, onisciente. Como o livro é destinado aos adolescentes e jovens, não poderia faltar o envolvimento amoroso, neste caso, vivido pelo protagonista.

Quando os pais de Luciano descobrem o envolvimento do irmão mais velho do garoto com as drogas, a estabilidade familiar é abalada. Agora o recado da escritora vai para os usuários de droga, mostrando o sofrimento da família e a luta para ajudar o menino a se desvencilhar do vício. Em uma atitude de amparo e amor ao irmão, Luciano grava uma fita cassete contendo um depoimento emocionado, expressando o amor, preocupação da família e falando sobre sua grande admiração pelo irmão mais velho.

A escritora termina a história sem contar aos leitores sobre a recuperação ou não de Cláudio – usuário de drogas. Fica a dica para que os jovens não se envolvam com drogas, da dificuldade de libertar-se do vício, além da necessidade da família socorrer o viciado.

Minha vida de criança – 1994

Esse é um livro de memórias, em que Odette de Barros Mott faz uma verdadeira viagem à sua infância. Quando começou a escrevê-lo estava com 78 anos, e bastante saudosa dos seus momentos de criança. Como ela mesma afirma no início do texto, a motivação para escrever a obra surge pelo pedido da filha caçula, para que a mãe registrasse suas memórias. A leitura é um pouco cansativa para a meninada, devido ao seu aspecto marcadamente descritivo. É uma autobiografia da sua vida de criança, desde os três aos onze anos de idade. Comenta sobre as cidades em que morou, o que gostava de comer, o seu amor pela leitura, da

convivência com os irmãos, etc. Assim, seu maior valor está em servir como registro histórico da vida da autora e não como obra indicada para entretenimento de adolescentes. Não identificamos neste livro a marcante intenção presente na maioria das obras da autora: ensinar algo útil.

Caminhos e caminhantes – 1995

Usando como pano de fundo o romance proibido entre um garoto pobre e a filha do prefeito, Odette de Barros Mott apresenta um drama social vivido por uma cidade para impedir a instalação de uma usina hidroelétrica. Bastante engajada com as questões sociais, a escritora alerta sobre os problemas ambientais gerados com a instalação da empresa. Reflexões acerca de questões ecológicas são bastante presentes nos diálogos entre personagens, inclusive há citação da Lei de 24/04/1985, que impede atividades que prejudiquem o meio ambiente. Ao nível literário, há um desencontro entre a fala do protagonista da história, Pedrinho, e sua idade. A narrativa é fluente, rápida e deve agradar aos adolescentes.

Amanhã na praia – Sd

Nesse pequeno romance, a autora apresenta a história das primas e grandes amigas Bianca e Isabela, ambas adolescentes, com 13 anos. Isabela, que mora no Rio de Janeiro e namora Renatinho, e Bianca, que está para se mudar para a cidade maravilhosa, mas ainda reside em uma propriedade rural a poucos quilômetros de lá, sendo uma garota mais ingênua.

Por meio da personagem Bianca, que experimenta as primeiras sensações de atração por meninos e desperta para o primeiro namoro, a autora procura conscientizar os leitores sobre os cuidados necessários em relacionamentos entre adolescentes, para que meninas resguardem seu corpo e meninos não insistam em intimidades não permitidas pelas garotas e não pertinentes à idade do casal. Tal intenção evidencia-se quando o texto apresenta, em uma aula na escola, um professor explicando para a classe sobre amor e sexo, sendo um porta voz ideológico, “ensinando” como os adolescentes devem se portar nas experiências amorosas.

Como medida punitiva e alerta àqueles que não respeitam limites, o texto apresenta Nelson, 17 anos, grande amigo dos irmãos de Bianca, que é proibido de frequentar a casa da menina por buscar intimidades que invadem a privacidade da garota.

A narrativa é bastante simples, envolve poucos personagens e cumpre a função pretendida, entreter e ensinar algo de útil aos adolescentes.

3 – O mundo de aventuras

O filme na barriga do panda – 1982

O livro é uma pequena novela, que envolve mistério e amor. Duas histórias se misturam: a de Luciana, garota de 15 anos, que mora desde a separação dos pais, com a mãe em Marrocos, e que está de viagem para o Brasil, pois passará a morar com o pai; do outro lado, Dr. Nabô, cientista, e seus assistentes. O que os une é um filme, entregue por eles a Luciana, contendo a fórmula de uma descoberta científica. Apesar de o enredo ser interessante, o desenrolar da narrativa torna-se bastante previsível. Para prender a atenção da meninada, a novela apresenta o relacionamento amoroso entre Luciana e o rapaz contratado para protegê-la, moço bonito e atraente. A vida de Luciana com ao pai (que mal conhecia, pois não o via há anos) e a madrasta é bastante idealizada, sem conflitos, todos se dão muito bem. Aparentemente Luciana não vive os conflitos próprios de adolescentes de sua idade, tem várias atitudes de pessoa mais madura. No final do texto, o filme que ela guardava no interior do ursinho de pelúcia foi entregue em segurança a quem se destinava e assim tudo se resolve. Apesar desse conflito, o que mais se sobressai na narrativa é a relação amorosa entre Luciana e Fabrizzio. Além disso, a narrativa ainda deixa um recado para filhos de pais separados: é possível ter bom relacionamento com a madrasta. No final da narrativa tudo se resolve e mais uma vez temos um final feliz.

O Muiraquitã – 1983

Como na grande maioria dos livros da autora, a história se passa predominantemente na cidade de São Paulo. O livro é uma mistura de misticismo/lenda e investigação policial. O enredo envolve a lenda indígena da muiraquitã, um sapinho feito de pedra ou argila, geralmente de cor verde, considerado amuleto da sorte, que já fez parte da narrativa de outros autores, como em *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A peça é roubada de uma loja de antiguidades e de acordo com a investigação, foi retirado do estabelecimento comercial pelo povo indígena, meio de recuperar algo que foi subtraído de sua tribo.

No final da história tudo se resolve e os donos do comércio percebem que depois que o muiraquitã voltou para o povo indígena, os negócios melhoraram consideravelmente na loja. A narrativa é fluente e prende a atenção do leitor.

Sob a cruz das estrelas – 1984

Essa obra tem caráter documental histórico, pois retrata a vida de padre José de Anchieta, desde suas atividades em Portugal, a viagem ao Brasil e o trabalho desenvolvido por ele em terras brasileiras.

Na história, Joãozinho, garoto órfão, foge do orfanato em Portugal para acompanhar o missionário no Novo Mundo. O livro mostra toda a profissão de fé do padre, apresentando as dificuldades encontradas por ele em nosso país. Os diálogos que acontecem entre Anchieta e Joãozinho fazem um duplo serviço, pois ensinando o menino, informam o leitor.

Além de comentários sobre o povo indígena, sua catequização, temos também o entrelaçamento do português com uma índia, o que José de Alencar mostrou no romance *Iracema*, através do amor da índia e do colonizador, nasceu Moacir, filho da dor. Na obra de Odette, português Joãozinho e a índia formaram uma família e tiveram vários filhos. Importante evidenciar que o destaque na narrativa não é o romance de Joãozinho, e sim a história do Padre José de Anchieta.

Nosso clube – 1985

Mais uma vez preocupada com as questões sociais, a escritora coloca em pauta as dificuldades de gerir um orfanato que se mantém por doações, montado por uma dona de casa. A escritora usa como porta-voz, meninas que formaram um clube, para discutir questões como valores humanos, necessidade de solidariedade, questões sociais, entre outros. A obra apresenta ainda, e conflitos vividos por adolescentes entre 12 e 15 anos.

No beco do sabão – 1985

Nessa novela policial, a autora destaca a habilidade auditiva dos cegos. Na narrativa, a personagem sem visão apresenta contribuição fundamental para desvendar um crime. Em uma trama simples, sem grandes emoções, tudo acaba bem. Trama pouco cativante e ritmo narrativo lento, o que prejudica a apreensão na leitura.

Férias do orfanato – 1986

A obra retoma a discussão sobre crianças de orfanato, assunto abordado no livro *Nosso clube*- 1985, lançado no ano anterior a este. Neste, a discussão é ampliada para a questão da adoção. Com uma história ingênua, o livro reforça a ideia da necessidade de solidariedade, religiosidade e amor ao próximo. A obra não dispensa o final e feliz e também apresenta a adoção de duas crianças do orfanato por uma mulher com boas condições financeiras.

A terceira gaveta – 1986

Em uma narrativa que agrada mais a meninos, a amizade e cumplicidade entre pai e filho é chave fundamental para que um garoto ajude o pai a provar sua inocência. Desvendar o significado de um pesadelo que atormentava o garoto foi o suficiente para que o pai chegasse à conclusão do motivo que o levou à cadeia, injustamente. A escolha pela linguagem coloquial e variações linguísticas na fala do garoto protagonista, convence mais o leitor sobre a veracidade dos fatos narrados.

Por que raptaram Soraya – 1988

Com uma história bastante romantizada e pouco convincente, a autora escreve sobre o rapto de uma garota - Soraya, inserindo ainda o tema da separação conjugal e da solidariedade. O que se sobressai na obra é a união familiar devido ao problema enfrentado e a recompensa oriunda de boas ações. Soraya foi sequestrada, e os pais, que eram separados, se aproximam para resolver o problema. Os sequestradores exigiram que o pai da menina, que era segurança em um banco, desligasse os alarmes para que eles pudessem assaltar o estabelecimento. O sequestro não foi comunicado à polícia, o assalto foi realizado, e os pais da garota, com ajuda somente de familiares próximos, salvaram a menina. Com Soraya a salvo, a polícia foi avisada do roubo ao banco e os bandidos foram presos.

Para completar o final feliz, os pais da menina reataram o casamento. O relacionamento do casal durante a narrativa é extremamente amigável, não surgindo em momento algum, justificativa para a separação, a não ser “incompatibilidade de gênio”, o que parece ter sido resolvido a partir do sequestro da filha. A narrativa se arrasta ao longo das páginas do livro, sendo um pouco cansativa, além de deixar por vezes, o leitor um tanto incrédulo no que lê.

Uma história de medo – 1991

Narrado em forma de relato de memória, a história narra a façanha de oito crianças que se fantasiaram para assustar um amigo da família, senhor viúvo, morador rural, que dizia não ter medo de nada, nem de vivo nem de assombração. Trajados de fantasmas e um de saci, interpelaram o senhor em uma encruzilhada, à noite, e se divertem com o medo demonstrado pelo homem. História engraçada para a meninada, deixa a desejar em relação ao foco narrativo. O narrador é um garoto de sete anos, e seu modo de narrar não coincide com sua idade. Quanto à linguagem, encontramos no texto a norma padrão, coloquial e variações

linguísticas caracterizam a fala de pessoas pouco escolarizadas, o que contribui para a caracterização dos personagens.

O mercador de sonhos – 1991

Livro de época, a história se passa na segunda metade do século XIX. Um mascate que vendia enxovais para noivas na zona rural, serviu de “pombo correio” a um casal de jovens, proibidos de namorar devido a um desentendimento entre suas famílias. Além do romance entre os jovens, o livro comenta sobre fatos da época, libertação dos escravos, a Guerra do Paraguai e a forma que libaneses encontravam de ganhar a vida em nosso país. Trama recheada de suspiros e emoções amorosas, tem duplo final feliz, pois além do casal ter a permissão para se unirem, Youssef consegue trazer para o Brasil, a mãe e a noiva que moravam no Líbano, e deixa a vida de mascate para montar uma loja na capital. Apesar do tempo da história não ser o do cotidiano da meninada, o enredo é interessante, a linguagem flui e o leitor se entretém na leitura.

Trama covarde – 1992

Segundo livro da autora sobre sequestro em que predomina o final feliz. Dois conflitos são apresentados: primeiro o sequestro de Felipe e depois a trapaça com o cavalo de corrida da família do rapaz. O sequestro é mal sucedido para os bandidos, pois Felipe consegue escapar do cativo e voltar para casa. O caso do cavalo é desvendado pelo menino e por Mariana, garota que presenciou o sequestro de Felipe e que se tornaram grandes amigos. Juntos, como em uma investigação policial, conseguem descobrir que o cavalo de corrida foi sabotado pelo mesmo grupo que sequestrou o menino. Tudo é esclarecido, levado ao conhecimento da polícia e os bandidos são condenados e presos.

Com uma linguagem coloquial fluente, predominando o discurso direto, a história detetivesca de Felipe e Mariana se encaixa no esperado para o público jovem.

4.3.1 Religiosidade: uma tendência nas obras da autora

Uma questão ainda não destacada em relação às obras produzidas por Odette de Barros Mott, é a relação de seus textos com a religiosidade, em especial a religião católica.

Não temos a pretensão de fazer uma análise neste tópico, mas destacar que no estudo realizado, percebemos que a autora, em várias obras, permitiu que sua tendência religiosa permeasse seu texto. Assim, em muitos de seus livros, temos a presença de padres, freiras,

monólogos interiores refletindo sobre a religiosidade, direcionamento da comunidade a partir de ações de padre e pastor, e até mesmo citações bíblicas.

Ação intencional ou não, tendo em vista que seus leitores estão em uma interfase entre a vida de criança e a adulta, e que de acordo com Groppo e Obiols, é uma fase de definição de uma identidade e de uma individualidade, é possível que seus leitores sejam, de alguma forma, influenciados pela formação religiosa da escritora.

4.4 SOB A LENTE DO *BILDUNGSROMAN*

Nesta parte do trabalho, faremos a leitura crítica da obra *Justino, o retirante*, buscando relacioná-las ao romance de formação – *Bildungsroman*.

4.4.1 Os anos dourados de *Justino, o retirante*

A obra de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* é tida como texto paradigmático quanto ao gênero *Bildungsroman*, reconhecido nos últimos trinta anos do século XVIII, na Alemanha. Quando tratamos do *Bildungsroman* em obras brasileiras, em vista do lapso temporal de 200 anos após seu surgimento no país de origem, consideramos a continuação e a expansão do gênero para além dos limites estabelecidos quando do seu aparecimento.

O gênero *Bildungsroman* pode ser sinteticamente definido como a história da vida de um personagem jovem, do sexo masculino, que traça um percurso de enfrentamentos e desafios com o mundo a fim de descobrir sua identidade, sua personalidade e sua função no mundo.

Entendemos que pelo fato de o *Bildungsroman* considerar o real processo de formação do protagonista, temos o ponto forte da relação entre a obra *Justino, o retirante* e o romance de formação.

Para Maas

O romance de Goethe consiste, generalizadamente, da narrativa de um percurso individual, da representação de diferentes episódios da vida de um jovem de origem burguesa aparentemente sem conexão entre si. A interligação entre os diferentes episódios vivenciados por Wilhelm Meister aparecerá, no fim do livro, como obra da Sociedade da Torre (*Turmgesellschaft*), associação de homens sábios e esclarecidos que tem por objetivo a formação de jovens. Acontecimentos que tanto o protagonista

como o leitor atribuem, no transcorrer da narrativa, ao mero acaso (...) (MAAS, 2000, p.135).

O nosso protagonista não é um burguês, e sim um jovem que vivia em condições miseráveis, que partiu do sertão nordestino em busca de melhores condições de vida, enfrentando diferentes situações. Durante o percurso de seu desenvolvimento, constrói um projeto de vida e luta por alcançar os objetivos traçados. O resultado de sua trajetória será visível no final da narrativa, quando acontece a legitimação de seu desenvolvimento. Além disso, conta com o auxílio de mentores, que auxiliam no seu aprimoramento pessoal e formação intelectual, que aparecem na vida de Justino, como no romance de Goethe, parecendo surgir do acaso. No final do texto, depois de várias etapas vencidas pelo protagonista, no lugar do menino mirrado, temos um jovem seguro, forte e decidido.

O livro, *Justino, o retirante* narra a história do garoto Justino, 12 anos, nordestino, que vivia com os pais na zona rural em condição de extrema pobreza. A situação se agrava quando o pai morre, por picada de cobra. Após o trágico acontecimento, o dono da fazenda em que moravam, ordena que ele e a mãe desocupem o casebre em que viviam. Nesse ínterim, a mãe do garoto também falece, de fraqueza e tristeza. Com vontade de mudar de condição de vida, mesmo tendo a casa do padrinho como opção para viver, no crepúsculo matutino, partiu em retirada daquele lugar seco e opressor, um dia após a morte da mãe. No caminho encontrou um grupo de retirantes e se juntou a eles.

Por essa breve síntese da história do garoto, percebemos que, deixando o meio opressor em busca de dias melhores, Justino enfrenta a dura realidade que se fez presente em sua vida. A decisão tomada apresenta-se na vida dele como um ritual de passagem, pois a partir do momento que sai em retirada, o garoto rompe com a trajetória de vida imposta pelo cotidiano e parte para novos rumos. Ele passa a ser o único responsável por si, tomando decisões sobre o caminho que deseja percorrer. Essa passagem nos remete às considerações de Groppo, já citadas, sobre a sociedade tribal, em que afirma que o ritual de passagem representa a “morte simbólica da antiga categoria de pessoa para a nova” (GROPPO, 2000, p. 273). Justino rompe com o estado de menino, que vivia sob a tutela dos pais, para inserir-se em um mundo até então desconhecido, onde é necessário superar o papel de filho para assumir suas próprias ações. Esse momento de decisão na vida do garoto coincide com a fase de transição entre a infância e a vida adulta. De acordo com Groppo, a adolescência se inicia com a puberdade, fase em que Justino estaria entrando se considerarmos sua idade. No entanto, segundo Obiols (2006) quando há um marco que caracteriza o ritual de passagem, o período da adolescência praticamente não existe, tendo em vista que o sujeito passa a ser visto

não mais como criança, mas sim como adulto pela sociedade da qual ele está inserido. No caso de Justino, isso não se aplica, pois apesar de ele romper com a situação anterior de filho, assumindo a de órfão solitário e responsável por seu destino, ele apresenta imaturidade para assumir o papel de adulto na nova e diferente sociedade que está sendo inserido. Se continuasse vivendo na fazenda, a partir do conhecimento que recebera dos pais, é provável que se apresentasse melhor preparado para enfrentar as responsabilidades de um adulto, mas diante de uma realidade desconhecida, seu aprendizado precisaria ser construído, assim, seria fundamental a fase de adolescente.

Após se juntar aos outros retirantes, diferentes episódios de vida vão sendo experimentados pelo garoto.

Um dos integrantes do grupo era Chico Cego, homem sem visão, sofrido, que tocava viola para ganhar uns trocados e que fez grande amizade com o garoto, sendo que um passou a ajudar ao outro. Chico Cego contribuiu para que o futuro de Justino passasse a tomar forma. O homem, mais velho e já experiente da vida de retirante, conduziu algumas escolhas de menino órfão.

- Para onde vamos?
- Em direção das terras de São Francisco de Canindé.
- É grande a fazenda?
- Não m'nino, não é fazenda, é cidade, tu não conheces cidades, não é?
- Não, senhor.
- (...)
- Vais gostar, a feira é alegre, há movimento, eu vou tocar só as modinhas alegres.

Assim, por algum tempo o homem sem visão passou a ser o guia do adolescente, dando-lhe conselhos, fazendo elogios e lhe permitindo vivenciar situações que preparam o garoto para a vida na cidade.

É ainda no pequeno vilarejo – Croibeiro - que o garoto ingênuo vivencia uma experiência inusitada para ele. Chico Cego, com o pouco dinheiro adquirido através de sua cantoria na feira, pede ao menino que vá até uma banca comprar um pouco de comida.

- Justino abre a mão e olha o dinheiro. De quanto? Não sabe contar, não conhece ainda o valor do dinheiro. Enquanto o vendedor, de costas, media a farinha, um rapaz alto, olhar astuto, vem se postar lado a lado com Justino. Nota o ar inocente, simples, do menino a espiar as moedas no côncavo da mão, sem saber o valor delas.
- _ Tu queres que te ajude, ó mano? Conheço bem as moedas. Deixa-me vê-las, antes que te enganem.

Justino, sem malícia, dá-lhe a minguadas moedinhas. O rapaz toma-lhe o dinheiro, com uma rasteira joga-o ao chão e sai correndo por entre o povo (MOTT, 1996, p. 40).

As experiências sociais, como o fato relatado no excerto e a convivência com os demais retirantes, servem para o garoto como orientação sobre o mundo em que está sendo inserido, importantes para a construção de seu autoconhecimento, além de contribuir para sua formação e amadurecimento.

O garoto não ficou desamparado após ser roubado. Dona Severina, boa senhora que presenciou o fato, acolheu-o com palavras de consolo e carinho. Ela é o fio condutor para que as ações do iniciante a adulto o conduzam ao aprimoramento. Dona Severina lhe dará condições para frequentar a escola, além de proporcionar a convivência do jovem com o mundo em sociedade organizada de modo diferente a que ele estava acostumado nas terras em que vivia com os pais. Enquanto conversavam, a senhora tomou conhecimento de que o menino estava morando sob a ponte com um homem cego e também sobre sua orfandade. Penalizada com a situação, dona Severina oferece a ele um pequeno serviço que renderá alguns trocados. A partir desse ponto, a narrativa toma novo rumo, pois o aprendizado de Justino se intensifica. Mais uma vez nos remetemos aos conceitos de Groppo, quando afirma que o início da juventude coincide com a puberdade, mas que o término dela depende de fatores sociais, culturais, dentre outros. Ressalta também, como apresentado no capítulo 2 deste trabalho, que para a “psicologia moderna” a adolescência é a fase de definição de uma identidade, preparação psicossocial para a vida de adulto. Assim, as experiências vividas por Justino contribuem para seu aprimoramento. Nesse sentido, sua interfase entre a infância e a fase adulta se dá pelos moldes da sociedade moderna, tendo em vista que sua postura de adulto vai sendo construída a partir de suas vivências, diferente das sociedades primitivas que a partir do momento da superação do ritual de passagem, o indivíduo já é tido como adulto e assume funções de tal na sociedade.

Dona Severina será a grande mentora do garoto nesse processo, proporcionando a ele condições para estudo e maior inclusão social, o que contribuirá em suas escolhas futuras.

A mulher oferece a Justino e a seu companheiro, o casebre nos fundos de sua casa, para que o garoto e o homem sem visão deixem de passar a noite sob a ponte. Chico Cego percebe que o garoto está em boas mãos e assim, parte em retirada novamente, em busca de um milagre para sua cegueira, deixando Justino aos cuidados da boa senhora. Nova rotina para o menino, que recebe de dona Severina, cuidados de mãe, além da oportunidade de trabalho na pensão da senhora e do contato com diversos tipos de clientes que por ali passam.

Assim, a partir do amparo de dona Severina, o garoto avança em seu processo de amadurecimento.

A convivência com um número maior de pessoas levou Justino a perceber o que até então não despertava sua atenção, como questões de higiene. O narrador expõe as reflexões do garoto; “Notara que a gente da vila andava limpinha e se sentira envergonhado de entrar na cozinha de dona Severina com seus pés sujos, roupas cheirando a sal” (MOTT, 1996, p. 47). Assim, o menino vai fazendo suas descobertas e procura evoluir para sentir-se integrado à nova vida que estava conhecendo, confirmando a noção de processo de desenvolvimento. Depois de algum tempo convivendo com dona Severina na pensão, Justino é retratado pelo narrador. “Quem visse Justino, não o reconheceria naquele garoto mais prosa, mais desinibido, mais alegre que serviçal, a correr de um lado para o outro, atendendo aos fregueses, carregando lenha, limpando a horta” (MOTT, 1996, p. 87). Dessa forma, o narrador vai apresentando ao leitor o progresso de Justino.

De acordo com a história narrada, a conquista mais abrangente no percurso de autodescobrimento do garoto se fez a partir de seu contato com o mundo letrado, com o acesso à escola. Justino estava com treze anos e nunca havia frequentado o ambiente escolar. Não conhecia as letras, não sabia escrever ou lidar com os números: “Foi só começar a ler, que a sua fisionomia mudou, ganhou uma expressão nova, de interesse, de vivacidade” (MOTT, 1996, p. 95). Para comprovar o desenvolvimento do menino, o narrador continua:

Passaram-se três anos. Justino, adolescente dos seus 16 anos, ainda magro, não mais trazia no rosto, na expressão, traços de fome e nem de indiferença. Pelo contrário, há em seu todo um ar decidido, um certo quê de desbravador, de bandeirante (MOTT, 1996, p.100).

Dessa forma, paulatinamente, os avanços de Justino vão sendo apresentados. “Termina o primário e pela sua capacidade de estudos fizera o terceiro e o quarto ano num só” (p. 101). Com a conclusão do ensino primário, precisava ser matriculado no ginásio, para que seus estudos tivessem prosseguimento. No vilarejo que estava vivendo não havia ginásio e este impasse atrapalhava a sequência de seus estudos. Este seria mais um fator que aproxima este romance ao *Bildungsroman*, pois representa um desafio, uma dificuldade a ser vencida. A solução para o problema veio, mais uma vez, através da “mentora”, dona Severina, que encontrou uma oportunidade para se mudarem para um centro maior – Canindé – onde o rapaz poderia continuar seus estudos. O narrador apresenta ao leitor, Justino questionando-se

sobre a sua questão existencial, sua trajetória percorrida, sua transformação como sujeito histórico.

A saudade dos pais, a lembrança da infância, aproximam-no do passado. Volta a olhar para a frente, sua vida atual cheia de estudos e esperanças aumentara a distância percorrida, tornando-a quase intransponível. Na frente, o farol do saber a lhe indicar o caminho, a meta a ser atingida. Quanta coisa boa! Ricas promessas de estudo e possibilidades para o futuro, sente-se com coragem para avançar sempre, cada vez mais e tomar a vida nas mãos e realizar-se (MOTT, 1996, p. 106).

Considerando que o livro foi lançado em 1970, e a queda da taxa de analfabetismo no Brasil de 39% para 29% entre os anos de 1970 e 1980, percebemos no texto a voz a implícita da autora, quando aponta que a solução para Justino superar as dificuldades vividas, seria através da educação, do conhecimento letrado. O modo como desenvolve o enredo cumpre o papel de orientação aos jovens leitores, para que buscassem os estudos como meio de superação das dificuldades sociais, além de ser um indicativo de que a alfabetização eleva a autoestima e contribui para a ascensão social. A mudança proporcionada pelo conhecimento através mundo letrado, permitiu que o adolescente replanejasse seu futuro, inclusive criando metas e objetivos que dificilmente seriam alcançados por um jovem com a trajetória dele, mas que com o rompimento da vida rural e a dedicação aos estudos, passaram a ser possíveis.

Em Canindé, o trabalho em pensão continuou. O estabelecimento era maior e pertencia ao irmão de dona Severina. Justino continuou ajudando nos serviços e seu contato social aumentou no ambiente maior e mais movimentado. Aos domingos, ele podia passear a beira do rio, onde conheceu rapazes da sua idade e ampliou o círculo de amizades. É através dos novos contatos que as oportunidades foram se delineando. Os amigos lhe emprestavam livros, materiais pedagógicos e ele procurava estudar em casa.

Outra figura importante que contribuiu para a formação intelectual de Justino foi o senhor Luís, cliente da pensão e que Justino conheceu enquanto servia a refeição. Luís era sociólogo e estava no norte do país devido a pesquisas que desenvolvia sobre as feiras do Ceará. Os dois fizeram grande amizade. O pesquisador conversava com o jovem sobre a necessidade de o nordestino ter melhores condições para realizar-se como homem, integrar-se a uma sociedade justa, com trabalho digno, com crianças tendo acesso à escola, comida e bem estar. O diálogo entre os dois tornou-se frequente. Conversavam sobre estudos, sobre uma profissão para o futuro do garoto, entre outros. A cada encontro, o jovem ficava mais confiante de seus ideais, “Justino sentiu que a conversa daquele dia lhe dera a resposta exata,

total para sua vida, e traçara seu caminho: estudar e ficar junto aos irmãos sofridos, ajudando-os a melhorar sua condição de vida” (1996, p. 135). Assim, o sociólogo cumpre a função de porta voz da autora, pois é através das orientações do sociólogo que o jovem redefine seu caminho de estudante. O pesquisador encaminha Justino para a matrícula no ginásio, empresta-lhe livros, revistas e se oferece ajudar no que for preciso, inclusive com aulas para reforço do que foi estudado na escola.

Através de sucessivos amparos, primeiro Chico Cego, depois dona Severina e por último o sociólogo, o jovem nordestino vai se formando, se aperfeiçoando como indivíduo e também ascendendo em relação à classe social. Em uma história literária de cunho eminentemente realista, de acordo com o que apontam Regina Zilberman e Marisa Lajolo, o protagonista atravessa uma trajetória de aprimoramento pessoal, proporcionando a formação do leitor, conforme o que se espera de um romance de aprendizagem, *Bildungsroman*.

Ao final do enredo, Justino conclui o ginásio e sua próxima meta é frequentar o colegial e então seguir para a universidade em busca de seu grande sonho, ser médico e ajudar o povo nordestino.

Aquisição de uma maturidade atingida após ultrapassar vários desafios postos durante sua trajetória de vida. Não é mais um garoto, a fase de adolescente foi superada, já é um homem, que atingiu um estado de equilíbrio interior e exterior. O desfecho da obra aponta para um final feliz, pois o garoto que a princípio estava fadado a reproduzir a mesma sina vivenciada pelos pais, rompe com o círculo vicioso e se torna um sujeito emancipado, dono de seu destino. Temos, portanto, um final harmônico, representando a conciliação entre o indivíduo e a sociedade.

De acordo com Maas, os romances que podem ser considerados como *Bildungsroman*, apresentam “história de vida de um protagonista jovem, história essa que se conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo” (MAAS, 2013, p. 62). Afirma ainda que “a origem da ‘literatura de formação’ pode ser compreendida como resultado de um mecanismo social auto-reflexivo desenvolvido por uma classe que quer ver espalhados seus próprios ideais na ficção de cunho realista que começa a firmar-se como gênero” (MAAS, 2000, p. 44). Amparamo-nos ainda, nos estudos de Melitta Gerhard, que introduz o termo *Entwicklungsroman* (romance de desenvolvimento), categoria desenvolvida a partir do *Bildungsroman*, no qual entende como tal

Todas as obras narrativas que tenham por objeto a problemática do confronto entre o indivíduo e a realidade de sua época, de seu amadurecimento gradual

e sua adaptação ao mundo, sempre que se possam conhecer os pressupostos e objetos dessa trajetória (GERHARD, apud MAASS, 2000, p. 49).

Apontamos ainda outros pontos de ligação entre a obra estudada e o *Bildungsroman*, sendo que algumas de suas características são que “o protagonista tem como experiência típica a separação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais” (MAASS, 2000, p. 62.), pois as três esferas foram fundamentais para o progresso de Justino.

Assim, com vista à apresentação da obra e considerando o percurso de vida do protagonista, afirmamos que esta obra de Odette de Barros Mott, pode ser entendida como um romance de formação – *Bildungsroman*. Justino representa a emancipação protagonizada pela figura masculina.

Apesar de algumas obras de Odette de Barros Mott terem sido consideradas de cunho pedagogizante, como colocamos no capítulo que abordamos acerca da fortuna crítica da escritora, ressaltamos que embora haja certa assimilação, os ensinamentos educativos do romance de formação não devem ser confundidos com os ensinamentos encontrados do romance pedagógico. Enquanto o romance de formação procura retratar a vida real, seus embates, dificuldades, o romance pedagógico se atém ao modelo ideal de formação do sujeito, como um manual de instrução de bons conselhos. Assim, ratifica-se a ideia de que a obra *Justino, o retirante* pode ser considerado um romance de formação, tendo em vista que nesse texto a autora consegue abafar seu ideal de levar aos jovens respostas aos seus conflitos, permitindo então que este seja capaz de refletir, a partir do personagem Justino, sobre a vida do sertanejo, sua luta para superar as dificuldades impostas pela seca, pela falta de acesso ao mundo escolar, o conhecimento e ao espaço do país mais desenvolvido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender a importância da produção literária de Odette de Barros Mott na formação do subsistema literário juvenil brasileiro. Para tanto, consideramos os conceitos de literatura e de juventude e fizemos uma minuciosa investigação na fortuna crítica da autora. Realizamos a leitura de 64 dos 74 livros escritos por ela, pois 10 deles não foram encontrados no mercado para aquisição.

O período de maior produção da autora foi nas décadas de 1970 e 1980, coincidindo, portanto, com a época da expansão do mercado consumidor de literatura para jovens. Ficou claro, nos depoimentos dados pela escritora ao longo da publicação de seus livros, o seu grande desejo de contribuir para a formação dos jovens leitores, além de entretê-los e divertí-los, justificando sua ousadia em abordar em seus textos, assuntos ainda pouco em pauta pela literatura da época. Odette Mott buscou também, atender à demanda de mercado, que clamava naquele momento por textos que abordassem os conflitos dos jovens e o papel desses na sociedade. No entanto, sua visão um tanto idealizada dos fatos transcende em seus textos, configurando-se, na maioria das vezes, como textos orientadores do bom comportamento de práticas sócias desejadas pela sociedade, em relação aos jovens.

Apesar de na década de 80 a autora continuar com uma produção frenética, foram 21 títulos lançados, suas obras já não encontravam espaço tão confortável no mercado. Na década de 80, a coleção Jovens do Mundo Todo – editora Brasiliense, viu a Série Vaga-Lume – editora Ática, conquistar o espaço de venda de literatura entre os jovens. A coleção que surgira no início dos anos 70, alicerçou-se no mercado, sendo a dominadora do setor juvenil nos anos 80. Os textos da escritora não chegaram a ser vendidos pela editora Ática, na Série Vaga-Lume, fato que pode ter impactado na venda de suas obras.

Fazendo um balanço dos 64 livros de Odette de Barros Mott, lidos neste trabalho, ficou evidente sua preocupação em tratar dos conflitos de vividos pelos jovens, sendo ele pobre, do meio urbano – *A rosa dos ventos*; pobre nordestino – *Justino, o retirante*; adolescentes de classe média- *A 8 série C*; Índio – *O chamado do meu povo*, entre vários outros.

Em relação ao *bestseller*, *Justino, o retirante* – a proposta de leitura pela ótica do *Bildungsroman* justifica-se pelo fato de percebermos que a obra mais lida da autora apresenta um protagonista, Justino, que evolui durante a narrativa, trazendo para o texto o conceito de que a força de vontade é a mola impulsora para a superação das dificuldades, além de reforçar a ideia de que o estudo contribui para a evolução social e para o sujeito conduzir seu percurso de vida. Dessa forma, a obra colabora com a formação do leitor.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir com aqueles que desejam se dedicar ao estudo do gênero juvenil, não apenas através das obras e reflexões apresentadas, mas também como meio de compreender a formação do subsistema literário juvenil brasileiro, ainda tão carente de pesquisa. Como nosso *corpus* ficou restrito às narrativas juvenis de Odette de Barros Mott, inúmeros trabalhos poderão ser realizados para contribuir na construção do panorama da literatura juvenil brasileiro, desde sua gênese no Brasil, até os dias atuais, como por exemplo, a produção literária de Lucília Prado, Stella Carr, Orígenes Lessa, Marina Colasanti, entre muitos outros brasileiros que se dedicaram ou que ainda continuam contribuindo com a arte literária para adolescentes e jovens.

Entendemos que conhecer o percurso do gênero juvenil e sua importância na formação de leitores e cidadãos, é fundamental para profissionais que trabalham com educação.

REFERÊNCIAS

1) Obras literárias

MOTT, Odette de Barros. **A princesinha**. 4. ed. São Paulo. Editora do Brasil S/A.sd. 45p.

MOTT, Odette de Barros. **Aventuras do peixinho vermelho e a gota d'água**. 4. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A.sd. 44p.

MOTT, Odette de Barros. **O filho do bandeirante**. Ilustrações: Avelino P. Guedes. 10. ed. São Paulo: Atual, 1987. 52p.

MOTT, Odette de Barros. **Nha Dita contou**. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1962. 105p.

MOTT, Odette de Barros. **O mistério do botão negro**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 120p.

MOTT, Odette de Barros. **Aventuras do escoteiro Bila**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974. 52p.

MOTT, Odette de Barros. **A montanha partida**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977. 129 p.

MOTT, Odette de Barros. **O mistério do escudo de ouro**. 12. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. 120p.

MOTT, Odette de Barros. **Justino, o retirante**. Ilustrações: Rui de Oliveira. 35. ed. São Paulo: Atual, 1996. 140p.

MOTT, Odette de Barros. **Marco e os índios do Araguaia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. 81p.

MOTT, Odette de Barros. **A rosa dos ventos**. Ilustrações: Paulo Manzi. 18. ed. São Paulo: Atual, 1993. 134p.

MOTT, Odette de Barros. **No roteiro da coragem**. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, s/d. 182p.

MOTT, Odette de Barros. **A tansa-amazônica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1974. 112p.

MOTT, Odette de Barros. **E agora?** 13. ed. São Paulo: Atual, 1992. 145p.

MOTT, Odette de Barros. **A caminho do sul**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. 112p.

MOTT, Odette de Barros. **A 8ª série C**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 126p.

MOTT, Odette de Barros. **O clube dos bacanas**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 89p.

MOTT, Odette de Barros. **O mistério da boneca**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 60p.

- MOTT, Odette de Barros. **O segredo de Lenita**. Ilustrações: Marcos Tadeu de Freitas. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1978. 41p.
- MOTT, Odette de Barros. **Os dois lados da moeda**. Ilustrações: Marcelo Mazón. 16. ed. São Paulo: Atual, 1991. 118p.
- MOTT, Odette de Barros. **A estória dos dois peruzinhos**: 1976. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1976. 99 p.
- MOTT, Odette de Barros. **O caso da ilha**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. 66 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Pedro pedreiro**. 11. ed. São Paulo: Atual, 1986. 92 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Mistério? Misterioso amor**. 8. ed. São Paulo: Atual, 1986. 92 p.
- MOTT, Odette de Barros. **As empregadas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 89 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Vinda com a neve**. 6. ed. São Paulo: Moderna, 1984. 48 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Esta terra é nossa**. 7. ed. São Paulo: Atual, 1988. 124 p.
- MOTT, Odette de Barros. **O filme na barriga do panda**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 94 p.
- MOTT, Odette de Barros. **O muiraquitã**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 69p.
- MOTT, Odette de Barros. **O primeiro sorriso de Jesus**. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- MOTT, Odette de Barros. **Marzão**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 80 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Caminhos**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 77 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Atrás do pirata papa tudo**. Ilustrações: Marta Strauch. 3. ed. São Paulo: FTD, 1986. 47 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Sob a cruz das estrelas**. Ilustrações: Cláudia Scatamacchia. 3. ed. São Paulo: FTD, 1986. 95 p.
- MOTT, Odette de Barros. **O dia mais lindo**. Ilustrações: Maria Cecília Marra. 10. ed. São Paulo: FTD, 1987. 16 p.
- MOTT, Odette de Barros. **A revolta dos números**. Ilustrações: Vilhelms Valpéteris. 5. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. 24 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Nosso Clube**. Ilustrações: Marcelo Monzón. 3. ed. São Paulo: Atual Editora, 1988. 74 p.
- MOTT, Odette de Barros. **Os coelhinhos detetives**. Ilustrações: Paulina BriggsSchneider. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976. 32 p.

MOTT, Odette de Barros. **De onde eu vim?** 5. ed. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1985. 47 p.

MOTT, Odette de Barros. **No beco do sabão.** Ilustrações: Rogério Borges. 1. ed. São Paulo: Atual Editora, 1985. 67 p.

MOTT, Odette de Barros. **Agora, quem conta os patinhos.** Ilustrações: Lúcia Hiratuka. São Paulo: Edições Paulinas. 1986. 25 p.

MOTT, Odette de Barros. **O instituto de beleza Eliza.** Ilustrações: Avelino P. Guedes. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 1986. 67 p.

MOTT, Odette de Barros. **Férias do orfanato.** Ilustrações: Rogério Borges. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1986. 70 p.

MOTT, Odette de Barros. **Nas margens do Araguaia.** Ilustrações: Gilberto Miadaira. 1. ed. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986. 64 p.

MOTT, Odette de Barros. **A terceira gaveta.** Ilustrações: Avelino P. Guedes. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 1986. 63 p.

MOTT, Odette de Barros. **Aconteceu ontem.** Ilustrações: Marcelo Monzón. 6. ed. São Paulo: Atual Editora, 1992. 105 p.

MOTT, Odette de Barros. **Por que raptaram Soraya?** Ilustrações: Marcelo Monzón. 1. ed. São Paulo: Atual Editora, 1987. 108 p.

MOTT, Odette de Barros. **Seu Léo e o pintadinho.** Ilustrações: Sandra Aymone : Ática, 1987. 24 p.

MOTT, Odette de Barros. **Ainda temos o amanhã.** Laura Cardoso Pereira. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998. 126 p.

MOTT, Odette de Barros. **Como o carijó aprendeu a cantar.** Ilustrações: Silvia Maria Mesquita São Paulo: Edições Paulinas, 1988. 16p.

MOTT, Odette de Barros. **A história contou.** Ilustrações: Marilda Castanha. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1988. 16p.

MOTT, Odette de Barros. **A bruxinha sem nome & o cuco do relógio.** Ilustrações: Cláudio C. M. Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 29p.

MOTT, Odette de Barros. **O chamado do meu povo.** Ilustrações: Lúcia Brandão. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1989. 103p.

MOTT, Odette de Barros. **Decisão de amor.** 1. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. 175p.

MOTT, Odette de Barros. **O menino e o papagaio bandeira.** Ilustrações: Cláudio Martins: Editora Lê, 1990. 15 p.

MOTT, Odette de Barros. **Uma história de medo.** Ilustrações: Cláudio Tucci. São Paulo: Livros do Tatu, 1991. 47 p.

MOTT, Odette de Barros. **O mercador de sonhos.** Ilustrações: Roko. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1991. 78 p.

MOTT, Odette de Barros. **Ao roubo dos peixinhos.** São Paulo: Letras & Letras, 1991. 31p.

MOTT, Odette de Barros. **Trama covarde.** Capa e ilustrações: Paulo Manzi. São Paulo: Moderna, 1992. 68 p.

MOTT, Odette de Barros. **Eu e minha família.** Ilustrações: Marcus Vinícius Queiroz. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1993. 123 p.

MOTT, Odette de Barros. **Minha vida de criança.** Ilustrações: Mariângela Hadad. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1994. 159 p.

MOTT, Odette de Barros. **Caminhos e caminhanças.** Aparecida, SP. Editora Santuário, 1995. 123 p.

MOTT, Odette de Barros. **Amanhã na praia.** Ilustrações: Regina Rennó. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1997. 158 p.

MOTT, Odette de Barros. **A travessia.** Ilustrações: Rogério Borges. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987. 66 p.

2) Obras teóricas

AGUIAR, Vera Teixeira de; Bordini, M. da Glória. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 10.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura infantil na voz das minorias.** 32º Congresso Internacional de IBBY, 2010

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira.** 10. ed. São Paulo, 1990.

BORBA, Francisco. **Dicionário Unesp do português contemporâneo.** Curitiba. Piá, 2011, p. 816.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz, 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e Cultura**, set. 1972. P. 804

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura.** In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CECCANTINI, João Luíz. **Uma estética da formação:** vinte anos de Literatura Juvenil Brasileira premiada (1978- 1997). 2000. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2000.

CECCANTINI, João Luíz. **Vigor e diversidade:** a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008. FNLIJ, setembro 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise e didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.** 2. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. In: Maria Thereza F. Rocco. **Literatura/Ensino:** uma problemática. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 214.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 29 – 44.

ESCANFELLA, Celia Maria. **Literatura infanto-juvenil brasileira e religião:** uma proposta de interpretação ideológica da socialização. 2006. Tese de Doutorado (Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006.

ESCARPIT. **Hacia uma sociologia delhecho literário.** Madrid: Edicusa, 1974, p. 11 – 43.

FERREIRA, Eliane Ap.^a G. R. **Construindo histórias de leitura:** a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma “biblioteca vivida”. 2009. Tese (Doutorado em Literatura e Vida Social)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil:** adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HOBSBAWM. **A era dos extremos:** o breve século XX: 1914-1991. 2. ed. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 2011

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo; Ática, 1994.

KORACAKIS, Teodoro. **Uma história em processo:** a Companhia das Letras de 1986 a 2006. In: Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros. Anibal Bragança e Márcia Abreu (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 289-301.

LAJOLO, M. ZILBERMAN. **Literatura infantil brasileira: História & Histórias.** São Paulo: Ática, 1984.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. **A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea.** Letras de hoje, Porto Alegre. Abr./jun. 2008.

MASS, Wilma Patrícia M. D. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MASS, Wilma Patrícia M. D. **Bildungsroman no Brasil.** Pandaemonium Germanicum, n. 3.1, p 65-83, jan-jun. 1999.

OBIOLS, Guillermo; OBIOLS, Silvia Di Segni. **Adolescencia, posmodernidad y escuela.** Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2008.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural.** 5. ed. 4.reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo: Icone, 1986.

PIZA, Edith S. P. **O caminho da águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 1998.

REIMÃO, Sandra. **Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964-1985).** In: *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros.* Anibal Bragança e Márcia Abreu (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 271-287.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** 2. ed. São Paulo: Global, 1988.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, R.; CADEMARTORI, L. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987

3) Sites

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnbe_2006.pdf>. Acesso em: 12 de março 2014.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200002>. Acesso em: 15 de outubro 2014.